

UEM

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

CARLA ADRIANE ARRIEIRA DOS SANTOS

**COLÉGIO REGINA MUNDI:
A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE (1967-1970)**

CARLA ADRIANE ARRIEIRA DOS SANTOS

**MARINGÁ
2012**

2012

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**COLÉGIO REGINA MUNDI:
A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE (1967-1970)**

CARLA ADRIANE ARRIEIRA DOS SANTOS

**MARINGÁ
2012**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

COLÉGIO REGINA MUNDI: A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE (1967-1970)

Dissertação apresentada por CARLA ADRIANE ARRIEIRA DOS SANTOS ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: EDUCAÇÃO.

Orientador(a):

Prof^(a). Dr(a): EDNÉIA REGINA ROSSI

MARINGÁ
2012

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

S237c Santos, Carla Adriane Arrieira dos
Colégio Regina Mundi : a construção de uma
identidade (1967-1970) / Carla Adriane Arrieira dos
Santos. -- Maringá, 2012.
130 f. : il. (algumas color.)

Orientadora: Prof. Dr.a Ednéia Regina Rossi.
Co-orientadora: Prof.a Dr.a nome da orientadora.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
Departamento de Teoria e Prática da Educação,
Programa de Pós-Graduação em Educação, 2012.

1. Instituições escolares - História. 2. Cultura
escolar. 3. Identidade institucional. 4. História da
educação. 5. Memória institucional. 6. Colégio
Regina Mundi - Maringá (PR). I. Rossi, Ednéia
Regina, orient. II. Universidade Estadual de
Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.
Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD 22.ed. 371.00981612

SOI-000550

CARLA ADRIANE ARRIEIRA DOS SANTOS

COLÉGIO REGINA MUNDI: A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE (1967-1970)

Dissertação apresentada por CARLA ADRIANE ARRIEIRA DOS SANTOS ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.
Área de Concentração: EDUCAÇÃO.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Ednéia Regina Rossi (Orientadora) – UEM

Prof. Dr. Marcos Jorge – UNESP – Bauru

Prof^a. Dra Maria Cristina Gomes Machado – UEM

Maringá, ____ de abril de 2012.

Dedico este trabalho a Felipe Gabriel Arrieira,
meu pequeno príncipe, companheiro de todas
as horas, fiel em todos os momentos e paciente
em suas esperas. Te amo meu filho!

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida.

À professora Dra. Ednéia Regina Rossi orientadora desta dissertação, pelo empenho, sabedoria, compreensão e, acima de tudo, exigência. Gostaria de salientar a sua competência, participação com discussões, correções e sugestões que fizeram com que concluíssemos este trabalho.

Às professoras doutoras: Elaine Rodrigues e Maria Cristina Gomes Machado pelos seus apontamentos e sugestões durante a banca de qualificação. Muito obrigada pelas considerações que nos ajudaram a chegar no processo final da dissertação.

Ao professor Dr. Marcos Jorge pela sua prontidão em nos atender para colaborar com seus conhecimentos na etapa de qualificação e defesa.

A todas as entrevistadas pelos materiais cedidos, pelo tempo dispensado, pelas memórias compartilhadas, acolhimento e prontidão com que fui recebida.

A meus pais pela vida e por terem me ensinado que o estudo é um bem precioso.

A meu irmão Rodrigo Arrieira pelo seu amor incondicional.

Às minhas amigas: Jaqueline Zamferrari, Geslaine Tamião Piola, Jucilene Silva, Aletér Ribeiro, Priscila Kelly Cantos, Vanessa Bertoletti, pelo companheirismo, amizade, e por existirem em minha vida!

À Direção do Colégio Regina Mundi e demais colaboradores que oportunizaram a minha pesquisa neste espaço.

“O senhor... mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam, verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra de montão” (GUIMARÃES ROSA, Grande Sertão Veredas).

SANTOS, Carla Adriane Arrieira. **COLÉGIO REGINA MUNDI: A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE (1967-1970)**. 130f. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Prof^a Dra. Edneia Regina Rossi. Maringá, 2012.

RESUMO

A presente pesquisa situa-se na área de História e Historiografia da Educação, mais especificamente no campo de História das Instituições Escolares do Município de Maringá. Nela buscou-se preservar a memória do Colégio Regina Mundi, instituição educativa fundada nesta cidade no ano de 1967. A pesquisa tem delimitação temporal os anos de 1967 a 1970, anos iniciais da fundação, em que o Colégio atendia meninas do Curso Ginásial. Tem-se como objetivo geral a construção da história e memória do Colégio Regina Mundi, que tem como Ordem fundadora as religiosas Damas da Instrução Cristã, provenientes da Bélgica que se instalaram no Brasil no ano de 1896. Delinearam-se como objetivos específicos desta pesquisa: entender o ideal de formação difundido nesta Instituição por meio de suas atividades escolares cotidianas que lhes dão identidade; observar as ações dos sujeitos na construção da história desta instituição; entender as táticas, estratégias e resistências engendradas pelos atores sociais protagonistas desta história. Utilizaram-se para a construção desta história documentos preservados no Colégio, entrevistas com ex-alunas, ex-professoras e uma religiosa, além da análise de fotografias cedidas pelas entrevistadas, a fim dar materialidade ao passado vivenciado neste locus. Concluiu-se que o ideal de formação desta instituição educativa se pautava, e é até hoje evidenciado por meio das religiosas da Congregação, “em sacrifício e consagração pela juventude”. Esta pedagogia se compromete em instruir e educar crianças e jovens por meio dos preceitos cristãos, sendo a marca da instituição a formação humana.

Palavras-chave: História das Instituições Escolares; Memória Institucional; Cultura Escolar; Identidade Institucional.

SANTOS, Carla Adriane Arrieira. **REGINA MUNDI HIGH SCHOOL: THE CONSTRUCTION OF AN IDENTITY**. 2012. 130f. Dissertation (Master in Education) – State University of Maringá. Supervisor: Dra. Edneia Regina Rossi. Maringá, 2012.

ABSTRACT

This research is in the area of History and Historiography of Education, more specifically in the field of School Institution History in Maringá. It was sought to preserve the memory of Regina Mundi High School, an educational institution founded in this city in 1967. This research has temporal delimitation the years from 1967 to 1970, early years of the foundation, that the School attended the secondary school girls. The general objective is the construction of Regina Mundi's history and memory, which has as founder Order the religious Ladies of Christian Instruction, from Belgium who settled in Brazil in 1896. In this research, the specific objectives was delineated as: to understand the ideal of formation diffused in this institution, through their daily school activities that give them identity; to observe the subjects' actions in the construction of the history of this institution; to understand the tactics, strategies and resistances engendered by social actors in this history. In the construction of this history was used preserved documents in the High School, interview with alumnae, ex-teachers and a religious, beyond analysis of photographs provided by the interviewees, giving a materiality to the past experienced in this locus. It was concluded that the ideal formation of the educational institution were based and it is still evidenced until nowadays by the religious of the Congregation, "in sacrifice and the consecration of youth". This pedagogy is committed in instructing and educating children and young through the Christians precepts: the brand of the institution to human formation.

Keywords: School Institution History; Institutional Memory; School Culture; Institutional Identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Missionárias que vieram para o Brasil no ano de 1896	39
Figura 2: Madre Loyola.....	41
Figura 3: Madre Agathe Verhelle.....	43
Figura 4: Formatura primeira turma ginasial.....	57
Figura 5: Uniforme representado por meio de ilustração – 1968.....	73
Figura 6: Fachada do Colégio Regina Mundi no início da fundação	89
Figura 7: Foto de família no corredor do Colégio no ano de 1971.....	90
Figura 8: Foto de alunas no corredor do Colégio	91
Figura 9: Convite de Formatura das Ginasianas do ano de 1970	92
Figura 10: Formandas da primeira turma ginasial no ano de 1970 93	93
Figura 11: Programação da Formatura de 1970.....	94
Figura 12: Missa de formatura das formandas do ano de 1970	94

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
1 INTRODUÇÃO	13
2 A LIBERDADE DE ENSINO: A ESCOLA CONFSSIONAL CATÓLICA NO BRASIL E NO PARANÁ DA DÉCADA DE 1960	26
2.1 COLÉGIO REGINA MUNDI: UMA ESCOLA CONFSSIONAL CATÓLICA	30
2.2 A CONGREGAÇÃO DAS DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ NO BRASIL	38
2.3 A FUNDADORA DA CONGREGAÇÃO DAS DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ NO BRASIL – MADRE AGATHE VERHELLE: BREVE HISTÓRICO .	42
3 FUNDAÇÃO DO GINÁSIO REGINA MUNDI.....	51
3.1 ALUNAS DOS ANOS INICIAIS DA FUNDAÇÃO	56
3.2 AS ESCOLAS CONFSSIONAIS CATÓLICAS EM MARINGÁ	58
4 COTIDIANO ESCOLAR: A IDENTIDADE DE UMA INSTITUIÇÃO	65
4.1 ASSIM DIZEM SEUS UTILIZADORES: O COLÉGIO A PARTIR DO OLHAR DAS EX-ALUNAS.....	67
4.1.1 Outros espaços de aprendizados: a vida escolar além do currículo.....	69
4.1.1.1 Os símbolos: hinos e elementos religiosos	75
4.1.1.2 Espaço escolar: laços que se firmam e reafirmam	77
4.1.1.3 Práticas escolares: uma identidade religiosa	80
4.2 ASSIM DIZEM SEUS SUJEITOS: O COLÉGIO A PARTIR DO OLHAR DAS EX-PROFESSORAS.....	82
4.3 COTIDIANO ESCOLAR: CONSTRUINDO UMA MATERIALIDADE	87
5 CONCLUSÃO	96
REFERÊNCIAS.....	100
APÊNDICES	105
ANEXOS	124

APRESENTAÇÃO

Sempre gostei muito de ler e estudar. Quando me recordo dos meus tempos de colégio, as saudades afloram...

Estudei durante doze anos no Colégio Regina Mundi e lembrar-me do período de escolarização nesta instituição me traz várias recordações.

Ingressei neste colégio com cinco anos de idade, e lembro-me da professora Lúcia, minha primeira professora, da roda da conversa (início de todas as aulas), das irmãs, do recreio, e tantas outras atividades. A disciplina era rígida, deveríamos sempre erguer o dedo para pedir a vez para falar, havia um silêncio na sala.... Havia um parque de areia com brinquedos...

Enfim, várias são as lembranças, que detalhá-las aqui, tomaria um grande espaço desta apresentação. Terminei meus estudos no Colégio no ano de 1992.

Após muitos anos, fiz o vestibular na Universidade Estadual de Maringá no ano de 2003 para o Curso de Pedagogia. Ingressei na Universidade no ano de 2004. No segundo ano da graduação fiz a seleção para entrar no PET (Programa de Educação Tutorial) e neste programa muitos foram os estudos e trabalhos em grupo que me propiciaram, hoje, ser a profissional que sou. Saudades também! Participei do Programa durante um ano e dez meses, quando o deixei para começar a estagiar no Colégio Regina Mundi. No final de 2007, ano em que me formei, fui contratada para trabalhar em uma turma de alfabetização.

No ano de 2008 iniciei o Curso de Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional da Universidade Estadual de Maringá, que me propiciou adquirir conhecimentos, que me auxiliaram a entender as dificuldades de aprendizagem dos meus alunos.

No final do ano de 2008 fiz a seleção de Mestrado na Universidade Estadual de Maringá na área de Políticas Públicas, pois havia feito um Projeto de Iniciação Científica nesta área durante a graduação. Iniciar o Mestrado em Educação para mim seria um novo desafio, um salto na minha carreira docente, porém, nesta primeira tentativa, não consegui ingressar no Programa de Pós-graduação.

No ano de 2009 comecei a cursar uma disciplina como aluna não regular, a disciplina “Ciência e Universidade”, fazendo com que minha visão sobre vários assuntos da educação e da história fosse ampliada.

Ainda naquele ano, terminava a Especialização em Psicopedagogia e decidi tentar novamente o Mestrado na UEM, porém em outra linha de pesquisa: História e Historiografia da Educação, com o intuito de pesquisar a história do Colégio Regina Mundi devido ao significado que esta instituição teve e tem em minha vida, uma vez que uma parte significativa de minha vida aconteceu e acontece neste local. Foram doze anos na instituição como estudante, mais três anos como mãe de aluno na instituição (meu filho estuda no colégio desde 2004), e mais cinco anos como professora, ou seja, mais da metade de minha vida.

Fui aprovada na seleção do mestrado e iniciei minha pesquisa sobre o Colégio Regina Mundi. Para começar minha pesquisa sobre a instituição, conversei com a pessoa responsável pela biblioteca do colégio, que me cedeu o material disponível. Tomei emprestados quatro livros que representam a história da Ordem Religiosa das Damas da Instrução Cristã, a qual pertence as irmãs do colégio, todos escritos por religiosos, que fazem uma retomada histórica singular, como forma de preservar a memória da fundação, do projeto inicial de uma instituição educativa, baseada no carisma da fundadora Madre Agathe Verhelle.

A utilização dos arquivos, para a minha pesquisa, foram disponibilizados pela Instituição, sendo autorizada a pesquisa pela Direção, tendo livre acesso à documentação disponível. Assim a secretária do colégio me forneceu os documentos do arquivo, e a bibliotecária os livros que descrevem a história de fundação da Instituição na Bélgica e em Recife.

Principiei a leitura do livro que registra o histórico das Damas da Instrução Cristã no Brasil. Essa obra literária se configura em uma narrativa escrita por Madre Tarcísia Pitanga Mesquita e é parte integrante da comemoração de cem anos das Damas no Brasil.

Para construir uma narrativa que dê visibilidade à memória e a história do Colégio Regina Mundi comecei a busca sistemática nos arquivos da escola, selecionando e organizando aquilo que me ajudaria na reconstrução da história da instituição educativa do final da década de 1960, começando assim pela leitura das atas encontradas nos arquivos e outros materiais.

Nestes arquivos, além das atas, encontrei fichas de professores; diários de classes; algumas fotos antigas que mostram as salas de aula, o pátio, o uniforme; relatórios anuais; históricos escolares; os livros de matrículas, entre outros. Nas fichas de professores há a data de nascimento, formação, naturalidade, os horários dos professores(as) nesta instituição e onde eles(as) estavam nos outros horários que não estavam ali no colégio. Nestas encontram-se as assinaturas da direção, secretária, tesoureira e dos professores(as) contratados(as).

Para dar materialidade a memória e história que se pretendeu reconstruir, fez-se necessário a realização de entrevistas, que foram fundamentais para desvelar um cotidiano que não poderia ser desvelado sem a contribuição das pessoas que fizeram parte deste espaço em outro momento histórico.

Durante as entrevistas utilizei um roteiro estruturado, mas quando necessário, deixava que a entrevista fosse livre, que as pessoas falassem sem ser interrompidas. Ouvir suas descrições era como adentrar o ambiente do Colégio em uma outra época, ao ceder suas memórias à minha pesquisa, conseguiram me transmitir a vivacidade daquele momento histórico.

Confesso que as entrevistas foram o momento mais significativo desta pesquisa. Senti que havia vida naquilo que eu ia descrever; que havia a ação de cada um dos sujeitos naquele espaço. O cotidiano tão longínquo passava a ter significado para mim por meio de suas vozes.

Diante disto, assumi o desafio de narrar a história do Colégio Regina Mundi, por meio da contribuição dos sujeitos que vivenciaram a história deste estabelecimento de ensino da cidade de Maringá, fundado no ano de 1966 e inaugurado no ano de 1967, objetivando contribuir com a memória da educação local e da cultura escolar.

Bem, de fato faço parte da história deste colégio, e perceber as alterações ocorridas no curso da história desta instituição tem imenso significado para mim. Posso me lembrar de como era o prédio quando estudava ali e perceber suas modificações, posso fechar meus olhos e me lembrar de cenas cotidianas que ali aconteceram. Faço parte da história, sou historiadora, pois por meio da minha representação descrevo parte da história desta instituição!

1 INTRODUÇÃO

A contradição mais flagrante da história é sem dúvida o fato do seu objeto ser singular, um acontecimento, uma série de acontecimentos, de personagens que só existem uma vez, enquanto que o seu objetivo, como o de todas as ciências, é atingir o universal, o geral, o regular (LE GOFF, 1999, p. 33).

Esta pesquisa está inserida na área de História e Historiografia da Educação, mais especificamente no campo da História das Instituições escolares, e tem como intenção mais ampla, contribuir com a construção da história das instituições escolares de Maringá. Para tal, o seu objetivo geral é a construção da história e da memória do Colégio Regina Mundi, que tem como Ordem fundadora as Damas da Instrução Cristã, religiosas provenientes da Bélgica, que se instalaram no Brasil no final do século XIX.

Traçaram-se como objetivos específicos desta pesquisa: entender o ideal de formação difundido por esta Instituição por meio de suas atividades escolares cotidianas que lhes dão identidade; observar as ações dos sujeitos na construção da história desta instituição; entender as táticas, estratégias e resistências engendradas pelos atores sociais protagonistas desta história.

Desta forma, optou-se pelo recorte temporal marcado pelo período de 1967 a 1970. Iniciou-se o estudo no ano de 1967 em virtude do Colégio ter sido fundado neste ano, e delimitado até o ano de 1970 por ter sido o ano da formatura da primeira turma ginásial.

Nos anos iniciais da fundação, esta instituição estava voltada para o Ensino Ginásial de meninas, sendo que, alguns dos documentos elaborados entre os anos de 1967 a 1970 foram preservados, onde há registros dos nomes das ex-alunas matriculadas, de forma que, algumas destas, puderam colaborar com esta pesquisa, cedendo materiais de seus acervos pessoais e colaborando por meio de seus depoimentos.

Esse estudo tem como caráter relevante a preservação da memória de uma Instituição educativa do município de Maringá e a história local, pois este é um

colégio de tradição na cidade. Esta investigação pode contribuir para a comunidade acadêmica que se interessa pela História das Instituições escolares tanto em âmbito municipal, como nacional, sendo uma forma de contribuir para a comunidade local e para a preservação do Patrimônio Histórico Cultural do município de Maringá.

Ao preservar a memória de uma instituição educativa, conserva-se a memória de uma cidade, de uma sociedade. Nas palavras de Pinheiro (2004, p. 119),

[...] preservar a memória social é uma das formas de se conservar a história da cidade, que não através de seus monumentos e do que é belo. Portanto, preservar a memória de uma sociedade é recuperar e manter viva as várias manifestações culturais nos seus diferenciados segmentos sociais, econômicos, étnicos, religiosos e práticas de trabalho.

Werle (2004) entende que a cidade pertence à escola e a questão da preservação da memória das instituições escolares está diretamente ligada ao ambiente em que as mesmas estão inseridas, como os espaços que a circundam que são as ruas, o bairro, os prédios da vizinhança e a cidade.

Para Le Goff (1999, p. 410) “[...] a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje”. Desta forma, deixar de preservar a memória de uma sociedade, é permitir que esta desapareça.

O que motivou o estudo da história e da memória desta Instituição educativa foi o fato dela não ter sido objeto de estudo desde a sua fundação, tendo hoje 45 anos de história. Além disso, ele faz parte da história da minha vida, pois estudei no Colégio durante doze anos, e atualmente sou professora neste, vivenciando momentos diferentes da história deste local, e percebendo as alterações físicas e culturais ocorridas no decorrer da história.

A importância do estudo também se deve ao fato de eu fazer parte do Grupo de Pesquisa em História da Educação Brasileira, Instituições e Cultura Escolar (HEDUCULTES) cujas pesquisas inserem-se no campo das discussões sobre a pesquisa e o Ensino de História da Educação no Brasil, que enfatiza as abordagens, conceitos, fontes, objetos e métodos. Este grupo aprofunda seus estudos sobre cultura escolar, imprensa pedagógica, no campo disciplinar da História da Educação,

das instituições educativas e da infância. Portanto, este trabalho se insere no rol destas discussões.

Grandes foram os desafios encontrados para a realização e construção dessa história. Um deles foi a falta de conservação dos documentos da instituição educativa em questão, dificultando a retomada histórica por meio dos documentos, o que nos levou, a construir novas fontes de investigação por meio de entrevistas.

A falta de um espaço próprio e a organização dos documentos, exigiu um esforço, para primeiro separar e organizar o que seria utilizado na pesquisa. São escassos os documentos, pois foram preservados de forma sistematizada apenas alguns registros de matrículas do início da fundação. Documentos como atas, livros de registros de matrículas, diários de professores, fichas de alunos e professores encontravam-se fora de ordem em espaço dentro da secretaria do Colégio, dentro de caixas ao lado de documentos atuais da instituição educativa.

Ao construir a história e memória de uma instituição educativa, representando-a, é essencial a utilização dos arquivos escolares. É importante que a instituição educativa se atente para o espaço que seus arquivos ocupam, nas palavras de Mogarro (2005, p. 79),

A importância do lugar do arquivo na instituição escolar tem acompanhado a afirmação desta instituição como um microcosmos com formas e modos específicos de organização e funcionamento. As escolas são estruturas complexas, universos específicos, onde se condensam muitas das características e contradições do sistema educativo. Simultaneamente, apresentam uma identidade própria, carregada de historicidade, sendo possível construir, sistematizar e reescrever o itinerário de vida de uma instituição (e das pessoas a ela ligadas), na sua multidimensionalidade, assumindo o seu arquivo um papel fundamental na construção da memória escolar e da identidade histórica de uma escola.

No processo de construção do caminho da pesquisa, por várias vezes contatei a direção da instituição, e conversamos sobre a importância de conservar, preservar e organizar os documentos existentes, contudo a escola encontra dificuldade nesta empreitada. A direção comentou que certa vez solicitou que uma pessoa organizasse as fotos que existem na Instituição, mas elas foram separadas

em envelopes, sem qualquer outra sistematização, como data, evento, ou qualquer anotação que pudesse identificá-las.

Os documentos encontrados permitem a construção de uma narrativa de história local, que é tecida no diálogo do historiador com as fontes que ele encontra. Para Peres (2005), os arquivos escolares guardam uma documentação significativa para a história da escola, da profissão docente, do currículo, das práticas pedagógicas, porém são espaços de difícil acesso, seja pela condição que se encontra o material, muitas vezes precária, seja pela impossibilidade de vasculhá-lo em virtude da direção e coordenação não permitirem o uso desse espaço.

A análise das fontes documentais de uma instituição permite observar as ações dos sujeitos envolvidos no processo da construção histórica e da identidade deste estabelecimento de ensino. Narrar a história de uma instituição é buscar um sentido para a sua criação e existência, observar as marcas de seu fazer na construção e constituição do espaço físico, bem como entender a identidade escolar deste local, por meio dos atores envolvidos neste processo (professores, diretores, alunos e funcionários em geral), suas práticas pedagógicas e filosofia institucional, pois estes conferem à Instituição de ensino uma identidade própria que a diferencia das demais instituições.

As fontes utilizadas para escrever a história do Colégio Regina Mundi foram os documentos preservados e localizados na escola, como a Ata de Fundação do Ginásio Regina Mundi, fichas de professores, livros sobre a fundação da Ordem das Damas da Instrução Cristã, os relatórios anuais, os históricos escolares, relação das disciplinas ministradas. Valeu-se, também, de entrevistas com ex-alunas que estudaram no Colégio entre os anos de 1967 a 1970, ex-professoras e uma religiosa da instituição que está envolvida no trabalho da instituição desde o ano de 1967. Foram entrevistadas cinco ex-alunas da instituição, duas ex-professoras e uma religiosa.

Apenas oito pessoas participaram da entrevista, pois não consegui contato com todas as ex-alunas. Das ex-professoras deste período, consegui localizar apenas duas, que lecionaram no Colégio no ano de 1970. No entanto, os resultados das entrevistas realizadas atenderam a necessidade que tinha-se de adentrar o cotidiano escolar daquela época, sendo estas bastante significativas.

A construção de fontes orais é um meio interessante para a escrita da história e da memória institucional. Nas palavras de Werle (2004, p. 32),

As histórias das instituições escolares é uma representação da escola expressa pela forma de síntese narrativa construída com base na análise de representações de acontecimentos, relações e experiências passadas (documentos, imagens, prédios, objetos) e apropriações subjetivas (em parte capturadas por meio de depoimentos, memórias, registros escritos, sonoros, pictóricos) de coletivos e de indivíduos, bem como da própria instituição sobre si mesma, suas relações externas, internas [...].

Os depoimentos dos sujeitos que viveram a história pode ser uma fonte histórica valiosa. Entender que todo documento não contém uma verdade absoluta, talvez ajude a entender que as memórias são fontes à medida que representam, de acordo com a vivência de cada sujeito, o vivido, o sentido e as recordações que também auxiliam a recuperar a memória histórica, ouvindo os sujeitos e utilizando estas memórias para entender as práticas culturais e o cotidiano de outras épocas, no ambiente escolar. Para Nunes (2003, p. 141),

As memórias dos alunos e professores, dos poetas e dos cronistas da cidade se compõem de maneira anamórfica, isto é, formas sempre em mudança, o que chamaríamos de “realidade” da escola e os sentimentos e as opiniões que sobre ela se forjaram. É nessa imbricação que chegam até nós múltiplas percepções do espaço escolar, percepções que se reenviam incessantemente umas às outras e que enlaçam também imagens do espaço urbano, constituindo um estoque de informações criticamente trabalháveis.

A memória, portanto, é a parte chave do que pensamos. O que vivemos há minutos atrás já faz parte da nossa memória e não mais do momento presente. Para trazer a nossa memória elementos passados é necessário ordenar lembranças e tecer recordações para que elementos sejam representados na composição da história. Nunes (2003, p. 136) assim se refere,

Quando recordamos, estamos confeccionando representações de nós mesmos e para os que nos rodeiam. Acabamos sendo o que lembramos e, se pudéssemos estudar os modos pelos quais estruturamos nossas idéias, os modos como transmitimos nossas memórias, descobriríamos que existe uma história dessas maneiras de proceder, observaríamos a memória no movimento da história.

O debate sobre a história oral permite reflexões sobre o registro das pessoas envolvidas na história, os fatos podem ser confirmados pela voz dos próprios protagonistas. A história oral utiliza-se de metodologia própria para a produção do conhecimento, sua abrangência, além de pedagógica e interdisciplinar, está relacionada ao importante papel na interpretação do imaginário e na análise das representações sociais (FREITAS, 2006).

A história oral não é um fim em si mesma, mas sim um meio de conhecimento; é preciso determinar a abordagem do objeto em questão, ou seja, como será trabalhado. A escolha dos entrevistados deve ser guiada pelos objetivos da pesquisa (ALBERTI, 2005).

O principal objetivo da história oral é criar fontes históricas, portanto, essa documentação deve ser armazenada, conservada e sua abordagem inicial deve partir do estabelecimento preciso dos objetivos da pesquisa. A história oral não é transmitida somente nas culturas iletradas, as cantigas de rodas, parlendas, brincadeiras e histórias infantis são transmitidas de geração a geração oralmente, atestando assim a sua importância em nossa sociedade (FREITAS, 2006).

Esta história, em suma, se constroi por meio de pessoas,

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos (THOMPSON, 2002, p. 44).

A história oral, portanto, privilegia a história das pessoas anônimas do cotidiano, contribuindo para a construção de uma história local, uma história advinda da comunidade, que faz de seus atores, protagonistas do processo de escrita da história, da narrativa da vida cotidiana.

Mas como precisar quantos serão os entrevistados para a escrita da história do cotidiano? Para Alberti (2005, p. 36) “[...] uma pesquisa de história oral segue critérios qualitativos, e não quantitativos”. No início da pesquisa, não se pode precisar de forma exata quantos serão os entrevistados necessários para garantir a qualidade da pesquisa. Durante o processo das entrevistas vão surgindo novas pistas, possibilidades, pessoas que vivenciaram o cotidiano que vão sendo localizadas e tecendo a narrativa de um passado que foi e já não é, mas um passado cheio de significado e importância para aqueles que o vivenciaram.

Nesta dissertação houve uma preocupação em entrevistar diferentes agentes que fizeram parte daquele momento histórico, pois como citado anteriormente, as entrevistas utilizaram ex-alunas, ex-professoras e uma religiosa. A localização das pessoas entrevistadas não foi fácil, mas graças à tecnologia, por meio da internet, localizei a primeira ex-aluna. Além disso, as ex-professoras também foram encontradas da mesma maneira, e as demais ex-alunas foram localizadas por meio das colegas que ainda mantêm contato com as mesmas.

As pessoas que vivenciaram aquele momento histórico, ajudaram a compor esta narrativa de maneira peculiar. Nas palavras de Thompson (2002, p. 22),

A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.

A história oral faz com que as pessoas comuns passem a ter importância no processo de construção da história, não há barreiras, as pessoas passam a ter a mesma relevância ao poderem fazer parte da mesma. Durante as entrevistas pude ouvir as experiências dos atores sociais que fizeram parte da história do Colégio Regina Mundi, e despertar a memória das pessoas que vivenciaram aquele momento, parece ter criado vida por meio de seus relatos.

As entrevistas realizadas nesta pesquisa foram fundamentais para descrever o cotidiano escolar do Colégio Regina Mundi nos anos de 1967 a 1970, cotidiano este que não poderia ser desvelado sem a construção das fontes por meio da história oral, sendo os sujeitos que vivenciaram aquele momento, aquele cotidiano, peças fundamentais para a escrita desta história.

De acordo com Lopes e Galvão (2001) a história não tem se limitado à história das instituições escolares do ponto de vista pedagógico ou apenas com base em alguns movimentos educacionais, mas tem aumentado o interesse pelas práticas escolares ocorridas no cotidiano das escolas. Certeau (1982) afirma que ao estudar a história das instituições escolares pode-se tornar presente aquilo que está ausente começando por separar, reunir, transformar.

Certeau (1982, p. 34) cita que fazer reviver ou ressuscitar um passado é uma forma de restaurar um esquecimento e encontrar os homens através das marcas que eles deixaram. Ainda, segundo o autor, “a história é o lugar de experimentação, maneira de revelar diferenças. Saber do outro e, portanto, de si mesmo”.

A história é contada por meio de narrações e dialoga com várias ciências. Ao narrar um fato passado, o historiador o faz a partir das ferramentas de análise que o seu tempo presente disponibiliza. Por outro lado, os problemas levantados por ele, para análise, são inquietações colocadas também pelo seu tempo presente. Desta maneira, é possível indagar sobre as possibilidades de produção das narrativas da história. Nas palavras de Chartier (2009, p. 24) “ [...] a história pretende dar uma representação adequada da realidade que foi e já não é”.

Le Goff (1999) se remete ao conceito de história como sendo uma narração. Entende-se assim, que o historiador busca dar uma representação a um passado que já não existe, tentando significar um tempo histórico, de maneira que aqueles que o leem, tenham a compreensão do passado por meio de sua perspectiva interpretativa.

No entanto, os leitores que irão se apropriar desse saber histórico terão sua forma peculiar de interpretá-lo, visto que são indivíduos com histórias e vivências que se diferenciam do historiador que registrou tais fatos, tendo suas impressões e representações próprias.

Assim sendo, cabe, estabelecer o conceito de representação, baseado nos escritos de Chartier (1991). Para o autor, de acordo com a definição do Dicionário Universal de Furetière¹ os sentidos que correspondem à palavra “representação” são aparentemente conflitantes, “[...] por um lado, a representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; de outro, é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa (CHARTIER, 1991, p. 184).

O autor define assim que, a representação “[...] é o instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma ‘imagem’ capaz de repô-lo em memória e de ‘pintá-lo’ tal como ele é” (CHARTIER, 1991, p. 184).

Para Pesavento (2008, p. 40), representar “[...] é estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo que dá a ver uma ausência. A ideia central é, pois, a da substituição que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença”.

É importante ressaltar que a observação dos documentos auxilia a entender as práticas culturais e o cotidiano escolar. É possível indagar as fontes escritas e buscar entender as representações ali expressas

A narrativa da história do Colégio Regina Mundi foi baseada nos estudos realizados por Michel de Certeau (1982; 1994; 1995), Roger Chartier (2009), Dominique Julia (2001) e André Chervel (1999), visto que assim pode-se entender as instituições escolares não apenas como reprodutoras de conhecimentos impostos pela sociedade, mas como um lócus onde também se produz o conhecimento. Consequentemente, há uma nova forma de se entender e fazer História da Educação.

Nesta perspectiva, entende-se que, embora existam normas e diretrizes tanto internas quanto externas à instituição escolar, cada professor e cada aluno assimilam as determinações impostas de acordo com a sua vivência e o percurso realizado em sua história, que é individual. Não se pode desconsiderar o contexto social que envolve a escola, e as leis que regem as instituições escolares, no

¹ FURETIÈRE, *dictionnaire universel, contenant généralement tous les mots français tant vieux que modernes et les termes des sciences et des arts*, corrigido por M. Basnage de Bauval e revisto por M. Brutel de La Rivière, la haye, 1727, artigos Representation e Symbole.

entanto nos modos de agir dos atores que fazem parte de uma instituição, imprimindo-lhe uma singularidade própria.

Segundo Lopes e Galvão (2001) é necessário muitas vezes deixar de lado o que já se sabe sobre fatos políticos e econômicos que predominaram em determinada época a fim de compreender a educação de acordo com o objeto que se estuda.

Chartier (1991) afirma que os leitores se apropriam dos impressos a sua maneira, pois projetam neles ideias pessoais ao invés de recebê-los passivamente, no entanto a construção e sentido não é aleatória, varia de acordo com a materialidade dos textos e com as competências e práticas de leituras próprias da comunidade leitora na qual ela está inserida.

Os conhecimentos do mundo social, desta forma, não se reproduzem no interior da escola da mesma maneira como são apresentados pela ciência na sociedade. Certeau (1995) afirma que a cultura não está mais reservada a um grupo da sociedade, não é mais uma propriedade particular de alguns profissionais ou de uma classe social.

Baseando-se nesta concepção pode-se entender que, a instituição escolar não é um prolongamento da sociedade da qual ela está inserida. É preciso entender que os sujeitos que fazem parte deste local não são seres inertes, assim como a instituição não poderá ser entendida como aquela que apenas recebe as finalidades sociais. Para Certeau (1995) é erro crer que os sujeitos anônimos do cotidiano aceitam de forma passiva tudo o que lhes é imposto sem resistência, conformando-se com o que lhes é apresentado.

Neste sentido, entende-se a escola como um espaço de produção de cultura, e de uma cultura que é propriamente da escola. Para Julia (2001, p. 10) a cultura escolar deve ser estudada com uma análise precisa das “relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular”. Assim, faz-se necessário entender a definição de cultura escolar utilizada nessa pesquisa, entendida como,

[...] um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização) (JULIA, 2001, p. 10).

Observa-se que a escola tem suas estratégias, mas ao mesmo tempo em que esta instituição utiliza de estratégias para implantar a cultura que deseja, existem por parte dos atores envolvidos neste processo, os meios de apropriação dos bens culturais que os ajudam a sobreviver no cotidiano, que são as táticas adotadas por cada um.

Certeau (1994) na obra “A invenção do cotidiano” destaca como os sujeitos alteram a cultura para apropriar-se dela, analisando os modos de fazer deste homem, que em seu cotidiano se utiliza de táticas para sobreviver no cotidiano. O homem altera os objetos, as leis, a linguagem, as artes, as tradições sendo protagonista da história.

Para o autor as estratégias são dispositivos de poder que constituem o espaço por onde transitam os sujeitos, no caso em questão, as instituições de ensino. Estas estratégias deixam marcas históricas, pois são registradas nos documentos normativos, nas leis, nos regimentos. Mas ao mesmo tempo em que existem por parte da instituição estratégias, existem por parte dos atores envolvidos neste processo os meios de apropriação dos bens culturais que os ajudam a sobreviver no cotidiano, que são as táticas.

Embora a instituição escolar seja produtora de uma cultura, esta não se uniformiza, pois de acordo com Certeau (1994) os sujeitos não consomem os valores e produtos apresentados a eles de forma passiva, pois podem agir de forma resistente a todo o momento. Entende-se que os sujeitos que circulam nas instituições escolares são produtores de uma cultura de acordo com sua vivência, e, embora a escola tente inculcar uma cultura que lhe pertence, cabe aos sujeitos aceitá-la ou não.

Nem sempre as táticas podem ser observadas nos documentos normativos, por vezes podem ser desveladas pelos depoimentos dos sujeitos que fizeram parte da história, que vivenciaram as estratégias de inculcação cultural e que a elas resistiram, explícita ou implicitamente, ou as aceitaram.

Chervel (1999) entende a instituição escolar como formadora de indivíduos, e que para cumprir esta função, reproduz os conhecimentos que são impostos pela sociedade na qual ela se insere e também na cultura que está mergulhada, porém observa que a escola também forma uma cultura que adentra, adapta e transforma a cultura da sociedade que a permeia.

Nesta perspectiva não é possível estudar e compreender este lócus apenas como espaço de imposições e determinações sociais. Fazer história institucional implica em considerar os sujeitos envolvidos no processo.

Assim esta dissertação corrobora com as reflexões de Werle (2004, p. 14-15), “[...] a história das instituições escolares não é um relato ou recitação de acontecimentos, mas uma narrativa com interpretações, releituras que se apresentam na dimensão da representação, de uma versão da história institucional”.

Pretende-se desta forma, narrar a história do Colégio Regina Mundi dentro do recorte temporal proposto entendendo como se davam as relações estabelecidas no cotidiano, a inculcação da cultura difundida pelas religiosas, mergulhando neste universo desconhecido e dando vez e voz aos sujeitos que fizeram parte da história.

Para tanto, buscou-se dividir a narrativa da seguinte maneira: na primeira seção, a **INTRODUÇÃO**, são apresentadas algumas discussões acerca do fazer historiográfico, empreendeu-se evidenciar o conceito de história, de representação, de fonte, bem como os objetivos da pesquisa, a metodologia e a justificativa para a elaboração desta dissertação. Além disso, o embasamento teórico deste trabalho foi feita nesta primeira seção.

A segunda seção, intitulada **A LIBERDADE DE ENSINO: A EDUCAÇÃO CONFESSIONAL CATÓLICA NO BRASIL E NO PARANÁ DA DÉCADA DE 1960** faz considerações sobre a liberdade de ensino nesse momento no Brasil e no Paraná. Além disso, busca-se mostrar os embates empreendidos entre os defensores da escola pública e os da escola privada e confessional, explicitando que a preocupação de ambos se voltava para a liberdade de ensino, preocupação central desse momento.

Em seguida, ainda nesta seção, fez-se uma retomada histórica do ensino confessional no Brasil como forma de situar a chegada das Damas da Instrução Cristã no país e seu projeto inicial de educação. Foi feito um breve histórico sobre

Madre Agathe Verhelle, a fundadora do Instituto Damas da Instrução Cristã, enfatizando seu pensamento educacional missão e a luta empreendida para reerguer o Instituto fechado por questões políticas e religiosas, ocorridas na Bélgica no início do século XIX.

A terceira seção, denominada **FUNDAÇÃO DO GINÁSIO REGINA MUNDI** descreve a fundação do Colégio Regina Mundi por meio da leitura e análise do Livro Ata, que contém documentos que descrevem o período inicial de sua fundação. A instituição foi inaugurada no ano de 1967, quando a cidade de Maringá ainda tinha 20 anos de existência. Maringá foi fundada em 10 de maio de 1947 e constituiu-se em um importante núcleo urbano em virtude de sua localização geográfica. Em decorrência do crescimento populacional foram inauguradas escolas confessionais católicas para atender aos anseios da sociedade que aqui se estabelecia.

Na quarta seção, **COTIDIANO ESCOLAR: A IDENTIDADE DE UMA INSTITUIÇÃO**, empreendeu-se refletir sobre a identidade institucional e as estratégias de formação desse locus educacional, bem como analisar como a cultura difundida neste é representada pelos sujeitos que fizeram parte do período de 1967 a 1970. Para a construção desta seção foram utilizados, além dos documentos já citados, foram realizadas entrevistas com os atores que fizeram parte dessa instituição educativa nos anos iniciais de sua constituição, que viveram naquela época na Instituição, ou no caso a religiosa, que ainda se encontra nela.

2 A LIBERDADE DE ENSINO: A ESCOLA CONFSSIONAL CATÓLICA NO BRASIL E NO PARANÁ DA DÉCADA DE 1960

Na presente seção tem-se o intuito de discorrer sobre a educação escolar no Brasil e no Paraná na década de 1960 referindo-se à liberdade de ensino discutida na época. Além disso, fez-se necessário retomar a história da educação confessional e da fundação do Instituto Damas da Instrução Cristã no Brasil.

O período que vai de 1961 a 1964 é bastante crítico em virtude dos conflitos econômicos, sociais e políticos ocorridos. Em 1961, Jânio Quadros renuncia a presidência da República, e João Goulart assume a presidência, sofrendo resistência por parte da direita política e de outros setores conservadores, que entendiam que Jango, simbolizava o lado negativo da política brasileira: demagogo, subversivo e inimigo implacável da ordem capitalista (PRADO, 2005).

Militares, políticos de direita se unem e tiram João Goulart do poder, instaurando no país uma ditadura militar que durou até o ano de 1984. Após a tomada dos militares, todas as pessoas que discordavam do regime de governo eram tidas como “inimigo interno”. Diversas formas de violência atingiram homens, mulheres e até crianças (BORGES; NORDER, 2011).

Nossa indagação é a de como ficou a relação entre a Igreja Católica e o e Estado, mais especificamente no que diz respeito à educação escolar? No governo de Jânio Quadros, que durou sete meses, foi assinado um convênio com a Igreja Católica, que criou o Movimento de Educação de Base (MEB), por meio do decreto 50370 de 21 de março de 1961.

Moura (2000) se refere a 1961 como sendo o ano de criação do MEB, quando a maior parte do episcopado se reuniu em Natal, e decidiu criá-lo, com a finalidade de transmitir educação de base às regiões do Nordeste, Norte e Centro-Oeste do Brasil, utilizando-se de programas radiofônicos além de,

[...] criar em torno de cada escola uma vida comunitária, despertando nos alunos, o espírito de iniciativa e responsabilidade social, econômico e espiritual do povo de cada região, preparando a comunidade para as indispensáveis reformas que iriam surgir (MONTE, 1985² apud MOURA, 2000, p. 141).

² MONTE, Dom Nivaldo. O MEB ontem e hoje. **Cadernos da AEC do Brasil**, p. 8-9, 1985.

Vale lembrar que a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) foi aprovada no ano de 1961, mais especificamente no dia 20 de dezembro (Lei 4.024/1961). Essa Lei, nas palavras de Cunha e Góes (1989) foi a mais longa discussão já ocorrida sobre educação, iniciando-se em 1948 com o objetivo de elaborar o anteprojeto Mariani, o Ministro da Educação no governo Dutra, organizou uma comissão presidida pelo Professor Lourenço Filho, com a participação de Fernando Azevedo, Alceu Amoroso Lima, Pedro Calmon, Almeida Júnior, entre outros. Este trabalho foi concluído em 1948, quando o então Ministro Mariani apresentou-o a Câmara de Deputados. Este texto ficou conhecido como Projeto Mariani.

Para Cunha e Góes (1989, p. 13), o grande embate na discussão da LDB se deu em virtude da discussão entre privatistas do ensino e os educadores “[...] que defendiam a escola pública, gratuita e laica”. Os privatistas se opuseram ao Projeto Mariani e utilizaram o Substituto Lacerda como sua bandeira, uma vez que este projeto de lei encampava os interesses privatistas e confessionais.

Os católicos, nesse momento, eram liderados pela Associação de Educação Católica (AEC), aliando-se a Campanha de Defesa da Liberdade de Ensino em oposição à Campanha de Defesa da Escola Pública,

A AEC mobilizou os colégios católicos, os Círculos operários, a opinião pública conservadora e pressionou o Congresso Nacional. Esta militância católica começou a “rachar” na JEC (Juventude Estudantil Católica) e JUC (Juventude Universitária Católica) face à oposição do movimento estudantil em favor da escola pública. A Campanha de Defesa da Escola Pública retomou o pensamento liberal norte-americano e europeu no final do século XIX (ao qual se somaram os marxistas), mobilizou a opinião pública progressista, o movimento estudantil, e obteve o apoio operário (I e II Convenções Operárias em Defesa da Escola Pública, Sindicato dos Metalúrgicos, São Paulo, 1961) (CUNHA; GÓES, 1989, p. 13).

Nas palavras de Buffa (1979), o que se apreende é que tanto os defensores da escola pública, como os da escola privada e confessional primavam pela liberdade do ensino, ora essa era a preocupação central desse embate.

Ao citar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Moura (2000, p. 141) aponta que ela foi “feliz” ao estabelecer os “Fins da Educação”, o “Direito à

Educação” e a “Liberdade do Ensino”, salientando que nesses pontos a Lei está em consonância com a doutrina da Igreja no que diz respeito à educação. No entanto, aos olhos do autor, o caso do financiamento da educação e do ensino religioso que deveria ser ministrado de forma facultativa nas escolas oficiais são pontos que considera não tão “felizes”. Ainda assim, o autor considera que a LDB foi uma conquista para a educação brasileira, pois deu às escolas “[...] maior autonomia para a sua organização administrativa, disciplinar e didática, desafiando a Escola Católica a se reorganizar” (MOURA, 2000, p. 141).

É possível interpretar, que ao focar a liberdade de ensino em seu texto, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional conciliou a disputa entre os defensores da escola pública e laica, e os privatistas e confessionais. Considero relevante citar os três Títulos primeiros da Educação, a fim de que o leitor possa identificar quais são os princípios educacionais presentes nessa Lei compondo o momento histórico da política educacional brasileira na época da fundação do Colégio Regina Mundi

Título I

Dos fins da educação

Art.1º - A educação nacional, inspirada **nos princípios de liberdade** e nos ideais de solidariedade humana [...]

Título II

Do direito à educação

Art. 2º - A educação é direito de todas e será dada no lar e na escola. Parágrafo único. À família cabe escolher o gênero de educação que deve dar a seus filhos.

Art. 3º - O direito à educação é assegurado:

I – pela obrigação do poder público e pela liberdade da iniciativa particular de ministrarem o ensino em todos os graus, na forma da lei em vigor;

II – pela obrigação do Estado de fornecer recursos indispensáveis para que a família e, na falta desta, os demais membros da sociedade se desobriguem dos encargos da educação, quando provada a insuficiência de meios, de modo que sejam asseguradas iguais oportunidades a todos.

Título III

Da liberdade do ensino

Art. 4º - É assegurado a todos, na forma da lei, o direito de transmitir seus conhecimentos;

Art. 5º - São assegurados aos estabelecimentos de ensino público e particulares legalmente autorizados, adequada representação nos Conselhos Estaduais de Educação, e o reconhecimento, para todos os fins, dos estudos neles realizados (BRASIL, 1961, grifos meus).

Verificam-se nessa Lei os princípios da Educação Nacional e os locais onde poderia ser ministrado o ensino. Observa-se que o ensino era livre aos estabelecimentos de ensino, desde que fossem legalmente autorizados, de forma que, os estabelecimentos de ensino confessional teriam garantido em lei, o pleno exercício de seus fins educacionais.

Com relação ao atendimento escolar, Cunha (1980) apresenta dados sobre a distribuição das crianças de sete anos na primeira série primária no Brasil, em cada estado da federação, baseado em dados do censo demográfico do Brasil, e observa-se que no Paraná na década de 1970, 20,9% das crianças da faixa etária de sete anos estavam na escola, contando alunos da zona rural e urbana.

O autor apresenta uma tabela de progressão no sistema educacional no período de 1960 a 1971, demonstrando que, de 1000 alunos matriculados na 1ª série primária em 1960, no Estado do Paraná, 221 chegavam a 4ª série primária, 165 a 1ª série ginásial, 89 a 4ª série ginásial, 68 a 3ª série colegial e 19 a 1ª série do ensino superior.

Muitos eram os fatores que produziam a escolarização parcial das crianças na idade esperada, dentre os quais se pode destacar a falta instituições escolares para atender todas as crianças que necessitavam da escola, o ingresso tardio na escola, os altos índices de reprovação e a evasão que se dava de forma intensa (CUNHA, 1980).

Entendia-se que a instrução faria com que os bens materiais e culturais, que sucediam o progresso, seriam acessíveis a todos os homens, sendo assim necessária uma boa escola que atendesse a esses requisitos, buscava-se uma boa escola, entendendo que ela formaria uma boa sociedade (HOFF, 199?).

Segundo Hoff (199?) esse conceito de escola e de sociedade era bem visto pelos educadores paranaenses. Desta maneira, no cenário educacional paranaense surgem dois grupos interessados em tomar conta dessa área: os padres e os políticos. O grupo político o fazia por necessidade, e os padres pela vocação, com o intuito de aumentar a criação de escolas nos municípios e nas paróquias, nos anos de 1960. Os intelectuais eram a favor das ações desses grupos, enquanto difundiam o saber, os religiosos construíam escolas.

Moura (2000) faz um levantamento sobre a educação confessional no Brasil, e analisando dados sobre a criação de escolas no Estado do Paraná, pude constatar que durante as décadas de 1960 a 1970 foram fundadas trinta e três escolas confessionais no Estado, isso sem citar o Colégio Regina Mundi em Maringá. O autor faz menção ao Colégio São Francisco de Assis, fundado na cidade de Mandaguaçu no ano de 1960, que faz parte da Congregação das Damas da Instrução Cristã, mas nas descrições e tabelas registradas pelo autor, não encontrei dados sobre a Instituição objeto dessa pesquisa.

Se por um lado, em âmbito nacional, a disputa entre escola laica e confessional tomou o caminho da liberdade de ensino e da possibilidade legal de coexistência, por outro lado, em âmbito estadual, proliferou o número de escolas confessionais. Observa-se que, na esfera mais geral da nação brasileira e paranaense, se consolidou um sistema de ensino plural, marcado pela existência e coexistência de diferentes instituições escolares e suas identidades. Escolas públicas estaduais, escolas públicas municipais, escolas particulares confessionais, escolas particulares não-confessionais, escolas filantrópicas, dentre outras.

Sem sombra de dúvida todas estas escolas possuem um “estatuto” que as aproximam enquanto instituições escolares. Contudo, não é possível falar dessas escolas no plural. Cada qual atende a normativas específicas, estão vinculadas a ideologias diversas, atendem a determinados fins, amparam-se em filosofias diferenciadas, inserem-se em contextos institucionais diversos, atendem a perfis estudantis múltiplos. Se propor a narrar a história de uma instituição escolar é considerar a complexidade que a envolve e imergir num universo desconhecido, visível apenas à quem se dispõe a tal mergulho.

2.1 COLÉGIO REGINA MUNDI: UMA ESCOLA CONFSSIONAL CATÓLICA

Falar da educação confessional no Brasil, nos remete ao início da história da própria educação brasileira. Não se tem por intuito, aqui, retomar os quinhentos anos de educação no Brasil, no entanto, não se deve esquecer a contribuição da Igreja Católica no ensino desde a colonização do país. O que se objetiva demonstrar é a importância da escola confessional católica no sistema educacional brasileiro.

É importante lembrar que o Colégio Regina Mundi é uma ordem religiosa confessional feminina, e sendo assim, cabe descrever um pouco sobre algumas ordens femininas que chegaram ao país. Segundo Casimiro (1996), algumas ordens femininas começaram a chegar ao Brasil, em especial, do século XVII.

A primeira fase de implantação dos conventos no Brasil começa em 1677 quando o Convento de Santa Clara do Desterro na Bahia é criado. Havia uma resistência da Coroa nesse momento, à implantação de ordens femininas no Brasil, e os que aqui se instalavam, localizavam-se em grandes centros urbanos como Salvador, Recife e Rio de Janeiro. Essas instituições religiosas tinham como prioridade as mulheres das elites, nem sempre com o intuito de prepará-las para a vida religiosa, mas também para educá-las para o casamento (GROSSI, 1995).

A criação e manutenção de casas religiosas no Brasil, não se inicia sem contradições. Os conventos necessitavam de um grande investimento financeiro, e somente no século XVII, por meio das mudanças sociais e econômicas, em virtude do desenvolvimento da indústria açucareira, é que pode se verificar tal avanço nessa área. Os senhores de engenho passam a ser os financiadores dessas novas instituições (NUNES, 2006).

Há uma sucessão de fatores que ocorrem, até que as Ordens Religiosas femininas venham em maior escala se instalar no Brasil, a partir do século XIX, pois naquele momento a Constituição de 1824 declara o Brasil como país católico. No artigo 5º da Constituição lê-se: “A religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico e particular, em casas para isso destinadas, sem forma exterior de Templo” (CONSTITUIÇÃO POLITICA DO IMPERIO DO BRAZIL, 1824).

O Brasil, ao manter o regime do padroado³, dava aos Imperadores o direito de nomear sacerdotes e bispos sem a interferência do Vaticano. Ao não manter relações diretas com Roma o sistema educacional não avança de maneira significativa (INÁCIO FILHO, 2002).

³ “Conjunto jurídico que regulamentava a relação entre Estado e Igreja Católica em várias nações europeias. No reino português, em especial, os monarcas conseguiram vários benefícios monetários e imobiliários em troca da fidelidade ao Papa. A estrutura eclesiástica era praticamente controlada pelo Estado lusitano, formalizando assim uma tradição que foi mantida pelo Estado brasileiro” (PRATTA, 2002, p. 90).

No entanto, a Constituição de 1824 tem como objetivo educacional a criação de um Sistema Nacional de Ensino, entendendo que seria necessário fundar escolas primárias em todas as cidades, colégios e liceus nas capitais e estabelecimentos de ensino superior nas grandes cidades.

A Primeira Lei da Instrução Pública Nacional do Império de 15 de outubro de 1827 dispunha que o ensino deveria estar emanado pelos princípios da moral cristã e de doutrina da religião católica e apostólica romana (BRASIL, 1827).

Segundo Inácio Filho (2002), durante todo o período colonial, a Igreja Católica monopolizou o ensino, configurou-se como religião de Estado durante o período monárquico, teve problemas com início da República em virtude da inspiração comteana⁴, e na constituição de 1934 acabou reagindo, retomando a prática do ensino religioso católico nas escolas públicas. Assim, verifica-se que o ensino confessional católico teve forte presença na constituição do sistema de ensino brasileiro.

A partir de 1840, a Igreja Católica passa por um período conhecido como Romanização, e essa “reforma” irá influenciar sobremaneira a educação. Os bispos conservadores pretendiam retirar os padres da política, do Iluminismo e das ideias francesas, próprias da Revolução francesa. No Brasil, os bispos entendiam que o país precisava de ministros que purificassem a religião católica brasileira (contaminada pela incorporação de rituais não católicos herdados dos escravos) e que pregassem a moral católica (SERBIN, 2008).

Nas palavras de Pratta (2002), a romanização pode ser definida,

[...] como tentativa de padronização e disciplinamento de manifestações religiosas variadas, difundidas e modificadas por inúmeras culturas no mundo todo, tentativa essa entendida, naquele contexto, como imprescindível para a continuidade da expansão da instituição e ao mesmo tempo para fixação mais sólida nas regiões já alcançadas pela mensagem religiosa. Qualquer sincretismo era

⁴ A inspiração comteana mencionada refere-se à inspiração baseada no pensamento de Auguste Comte (1798-1857), filósofo francês positivista. O positivismo aceita os fatos observáveis, entendendo os dados de maneira objetiva. No Brasil, pessoas de diversos setores foram responsáveis pela disseminação do pensamento positivista, entre eles, Benjamin Constant e Júlio de Castilhos. Este pensamento influenciou as mudanças políticas e sociais no período de transição do Império para a República. A religião da humanidade foi criada por este filósofo, conservando a organização da Igreja Católica e tendo Comte como seu sumo pontífice. A liberdade de culto estabelecida com a República foi um dos maiores interesses dos positivistas (SOARES, 1998).

interpretado como um perigo, à medida que abria espaços para manifestações que poderiam vir a produzir a criação de Igrejas Nacionais, com outras interpretações, à semelhança do que ocorreu com as religiões protestantes ou reformadas na Europa (PRATTA, 2002, p. 91).

Serbin (2008) cita que a romanização buscou reafirmar o poder da Igreja e sua influência, diante das mudanças desencadeadas pela modernidade, surgindo esse movimento, após a Revolução Francesa, em virtude dos ataques dessa revolução ao clero, aos privilégios, bens e doutrinas da Igreja.

No Brasil, o maior controle dos padres pelos seus bispos, se deveu ao fato da contradição do estilo de vida de boa parte deles, pois devotavam maior fidelidade ao Estado do que à Igreja, além de defenderem a abolição do celibato (PRATTA, 2002).

Na sociedade brasileira, a oligarquia desejava uma modernização, no entanto esta deveria se basear nos princípios de pacifismo, ordem, religiosidade e ingenuidade, princípios esses que se pautavam em valores cristãos-católicos, que deveriam ser preservados acima de tudo. Assim deveria ser a educação. Para a elite cafeeira, a educação de seus filhos deveria estar pautada nos princípios de romanização, tendo em vista que buscavam os colégios católicos em expansão para educá-los (PRATTA, 2002).

De acordo com Moura (2000), o período de 1860 a 1890 é o auge do ensino secundário particular, devido ao caos que se instaurou a partir das decisões do Império no setor da instrução, assim vários são os colégios que se instalam em virtude da instrução pública insuficiente.

Das ordens religiosas da clausura, após a Revolução Francesa, passa-se a ter outra forma de atuação das freiras: a freira de atuação social, a irmã de caridade atuante e dedicada aos necessitados. Esse modelo de freira chega ao Brasil no final do Império, com o começo da República e no contexto de Reforma da Igreja (NUNES, 2006).

A laicidade proclamada pela Revolução Francesa traz conflitos de ordem ideológica, que se manifestam no sentido de proibir a atuação social das freiras e de religiosos. As congregações encontram na vinda para o Brasil, uma solução para seus problemas, tendo a terra estrangeira como campo missionário para a difusão da educação cristã (NUNES, 2009).

O pensamento liberal republicano, que entendia a sociedade e o indivíduo como responsável pela sua formação e não o Estado, assim faz com que a função pública no campo da cultura, seja reduzida, promovendo uma abertura para a atuação da atividade privada, de forma que seja reforçada a tradição nascida na época do Império (KULLOK, 2000).

Sobre o Estado Liberal e Igreja Católica, Pratta (2002, p. 101) pontua,

O Vaticano é contrário ao Estado Moderno, ao Estado Liberal, em tese, pois ele apresentava em sua base a separação entre Estado e Igreja, mas ao mesmo tempo realiza uma dissecação do ideário liberal, separando-o em partes, para assim poder assimilar algumas dessas partes, apesar de negá-lo ao todo. Praticamente todos os documentos pontifícios da segunda metade do século XIX até os dias atuais criticam e condenam a civilização moderna e contemporânea, uma civilização sem Deus, sem religião, baseada apenas na exaltação de aspirações naturalistas, sem a mediação do aspecto divino. Ao mesmo tempo, entretanto, esse mesmo ideário liberal proporcionou os elementos para a estruturação de um verdadeiro Estado católico, ou novo Estado católico, de caráter universal.

O Estado Liberal, laico, não precisava da Igreja como na época das monarquias absolutistas quando as dinastias eram justificadas pela vontade eclesiástica (PRATTA, 2002). Agora, esse Estado, necessitava da instituição religiosa como disseminadora de “[...] seus valores e conhecimentos, normas de civilidade e conduta social, disciplinamento, particularmente em países periféricos como o Brasil” (PRATTA, 2002, p. 102). Assim, surge a educação escolar pautada nesses interesses do Estado Liberal e expandindo sobremaneira a Igreja Católica.

Com a Proclamação da República então, a Igreja Católica no Brasil consolida sua hegemonia como agência formadora das elites dirigentes, fundando vários colégios católicos, pois estabelece uma rede importante de colégios em todo país, de maneira que, poderia cristianizar as elites que cristianizariam o povo, o Estado e a Legislação. Assim, foi por meio da escolarização que a Igreja redefine seu papel na República, recuperando e ampliando seu domínio como na época colonial (KULESZA, 2006).

Na Constituição de 1891, os militares permitiram a liberdade religiosa e prejudicaram em todos os âmbitos a posição da Igreja na sociedade brasileira. Com essa decisão, o protestantismo e o catolicismo passam a ter direitos iguais perante a

Lei, a Igreja deixa de controlar os registros de nascimento, casamento e os cemitérios passam a ser laicos. Além disso, o Estado acaba com o ensino religioso nas escolas públicas. Os padres que fazem voto de obediência perdem seu direito de votar (SERBIN, 2008).

Dessa forma, mudam de maneira significativa, as relações entre Estado e Igreja no Brasil, o que repercutiu sobremaneira na educação dirigida pela Igreja nesse período. A religião católica deixa de ser reconhecida oficialmente, acabando o regime do padroado, o que trouxe consequentemente mais liberdade à Igreja, havendo um aumento das arquidioceses, dioceses e prefeituras apostólicas, assim como o aumento do número de novas congregações religiosas que vieram para o Brasil empenhadas no ideal de educação. Havia uma prioridade dada à esfera educativa por parte das ordens religiosas que aqui se estabeleciam (MOURA, 2000).

Na Primeira República Brasileira (1889-1930), a Igreja Católica passava por um momento de reestruturação contribuindo para um projeto republicano de desenvolvimento, a fim de disciplinar as massas. As escolas confessionais católicas nesse momento estavam em grande expansão e complementavam o ensino da rede pública de ensino. O Estado, a Igreja Católica e a escola pública tinham como projeto construir uma identidade nacional, em virtude de após a Proclamação da República o país começar a receber muitos imigrantes de várias nacionalidades.

Ao receber imigrantes de várias regiões, economicamente se esperava que isso fosse favorecer o desenvolvimento, especialmente, no sul. Dessa forma, dar subsídio a imigração, foi a curto prazo, incentivar o investimento em educação com o intuito de melhorar os recursos humanos na economia (BAER, 1996).

A Igreja incentivada pelos bispos, que se preocupavam com o avanço do Protestantismo e com a laicidade do ensino, investe de maneira intensiva na vinda das congregações religiosas para o Brasil. A partir de 1891 há um aumento na vinda de religiosas para o Brasil, sobretudo, de francesas e italianas (NUNES, 2006).

No Paraná um número expressivo de escolas confessionais era representado pelas escolas católicas principalmente a partir de 1895. Os colégios se instalavam de forma ordenada em locais conceituados, como foi o caso, por exemplo, do Colégio das Irmãs dos Santos Anjos em Curitiba que se estabeleceu na antiga residência do Barão do Serro Azul (ANDREAZZA; TRINDADE, 2001).

Várias congregações católicas femininas se instalaram nesta época na capital do Paraná e, atendiam de preferência, quando não exclusivamente, educandos do sexo feminino. Além destas, se fixaram congregações masculinas dos Padres Franciscanos do Bom Jesus e os Irmãos Maristas, ambas a partir de 1900 (ANDREAZZA; TRINDADE, 2001).

Os colégios religiosos disseminavam uma educação que contemplava o modelo cristão tradicional. A escola pública, embora utilizasse algumas inovações pedagógicas de outros países, baseava-se nos métodos, códigos disciplinares, estrutura, nas relações professor-aluno que a escola confessional difundia no Brasil (PRATTA, 2002).

Diante da nova situação da Igreja, com o advento da República (autonomia com relação ao Estado, perda do apoio moral e político, administrativo e financeiro), o episcopado brasileiro busca elaborar um plano de ação. Embora esse plano tivesse outros objetivos que não a educação (plano voltado para a organização interna da Igreja, reestruturar e expandir seus quadros) buscava criar frentes de trabalho pastoral, como a catequese e os institutos católicos de educação (MOURA, 2000).

A catequese ocupa nessa época, um dos primeiros planos da Igreja Católica, tendo em vista que a partir do momento que o ensino primário fosse leigo, a Igreja deixaria de atingir a camada de crianças católicas, se não fossem os esforços empreendidos pela catequese, pois o ensino não poderia ser oferecido em escolas públicas e nem haveria subvenção do Estado, de acordo com a Constituição, para os institutos particulares.

O serviço catequético ficava a cargo das congregações religiosas femininas e masculinas, que viam esse trabalho como obra da Igreja. A partir dessa época no Brasil, são criados ou fixados, vários institutos religiosos para atender a demanda de escolas e colégios (MOURA, 2000).

Assim, observa-se que, durante séculos, instituições escolares mantidas por diferentes ordens da Igreja Católica, estiveram presentes no cenário educacional brasileiro, tanto por sua vontade como pela condescendência do poder público. No entanto, não se pode negar a importância da escola confessional para o

desenvolvimento da educação no Brasil, as palavras de Alves (2009, p. 71-72) corroboram com este pensamento,

Ninguém pode negar a singular contribuição da escola confessional para a educação no Brasil. A escola confessional foi berço de incontáveis iniciativas pedagógicas nas quais gerações de educadores se formaram. Igualmente, diversos empresários foram haurir a motivação e o paradigma, e por vezes até as estruturas, para se lançarem na desafiadora missão de se empreender no campo do ensino privado, com o intuito de contribuir para o desenvolvimento do nosso país e do nosso povo. Hoje, um sem número de estabelecimentos de ensino privado tem sua origem histórica ancorada, de alguma forma, em um estabelecimento de ensino confessional.

De acordo com a Conferência de Puebla (1979 apud DOIG, 1992), para a Igreja, educar o homem faz parte de sua missão de evangelização, continuando a missão de Jesus Cristo. Quando a Igreja evangeliza o homem, educa, porque a salvação aperfeiçoa e enobrece o homem. Neste sentido, a evangelização é educação, que não pertence ao conteúdo essencial da evangelização (DOIG, 1992).

A IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, proferida em Santo Domingo no ano de 1992, citada na revista Diocese de Maringá (1997) define a educação como,

A educação é a assimilação da cultura. A educação cristã é a assimilação da cultura cristã. É a inculturação do Evangelho na própria cultura. Seus níveis são bem diversos: escolares ou não-escolares, elementares ou superiores, formais ou não-formais. Em todo caso, a educação é um processo dinâmico que dura a vida toda da pessoa e dos povos. Recolhe a memória do passado, ensina a viver hoje e se projeta para o futuro. Por isso, a educação cristã é indispensável na nova educação.

O Concílio Ecumênico Vaticano II (1961), citado na revista Diocese de Maringá (1997) sobre a Educação da Juventude determina que,

À Igreja, pertence, também o direito de educar, como sociedade humana, que é, capaz de ministrar a educação. Entre todos os meios de educação, tem principal importância a Escola. É bela e grande responsabilidade a vocação de todos aqueles que, ajudando os pais no cumprimento do seu dever de educar e fazendo as vezes da

comunidade humana, têm o dever de educar nas Escolas. A presença da Igreja no campo escolar da educação manifesta-se de modo particular por meio da Escola Católica (DIOCESE DE MARINGÁ, 1997).

Observa-se, que no Concílio de 1961, é acordado, como consenso, a missão da escola confessional de propagar o Evangelho aos alunos, pais, professores e demais membros da comunidade escolar.

Contudo, não se pode falar nas escolas confessionais católicas no plural, como se fossem instituições únicas. É preciso considerar o princípio filosófico de cada uma das ordens religiosas, seus fins, o contexto em que a instituição está inserida, o perfil de seus alunos, dos profissionais que atuam em seu interior, ou seja, desvendar a identidade de cada uma delas.

2.2 A CONGREGAÇÃO DAS DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ NO BRASIL

Apreciar e descrever as fontes são procedimentos utilizados pelos historiadores que se baseiam na Nova História Cultural, e pretendo lançar mão desse recurso, a meu ver, muito importante, para que conforme sejam descritos os materiais encontrados, possam ser analisados e explicados ao leitor o teor das obras.

O primeiro material referente à Congregação das Damas da Instrução Cristã é um livro de capa na cor azul, com duas fotos da Congregação estampadas. Na capa constam as datas 1901-1996, a última, é a data de comemoração de 100 anos das Damas da Instrução Cristã no Brasil.

A obra em questão é uma narrativa que se constituiu e se materializou por meio de documentos originais escritos pelas irmãs missionárias que vieram da Bélgica para o Brasil em 1896. Esses documentos são o Diário da Sagrada Família de Olinda, o Itinerário da Viagem e as Cartas escritas para a Bélgica.

O livro está dividido em quinze capítulos que descrevem a saída das irmãs da Bélgica, desde a alfândega, os locais por onde passaram, saindo no dia 30 de setembro de 1896 de Gand para virem para Olinda, Pernambuco, chegando no dia

15 de outubro do mesmo ano. Atendiam à solicitação de Leão XIII para que as Congregações religiosas colaborassem no trabalho apostólico da América Meridional, dedicando-se ali à instrução e educação cristã da juventude.

No dia 17 de novembro de 1894, o Monsenhor Antoine Stillemans, bispo de Gand, solicitou que Madre Ignace Pollenus se apresentasse no Palácio Episcopal, na segunda-feira, dia 19, para compartilhar-lhe sobre um assunto de relevante importância. Madre Ignace se dirige ao Palácio, acompanhada de Madre Sophie Wauthier, Superiora de Doorsele e Conselheira Geral, onde são recebidas pelo Monsenhor que se mostrou interessado sobremaneira no Instituto e dando às casas já fundadas, sua benção apostólica (MESQUITA, 1996).

O Monsenhor então, lhes fala sobre o motivo do comparecimento das Madres à sua presença. O Papa Leão XIII convidava, em nome de Deus, as Congregações que se dedicavam à Educação, para colaborarem “[...] na reforma da América do Sul, abalada pela ignorância e imoralidade, asseverando que o melhor meio de conseguir esse fim é o de sacrificar-se pela educação e instrução cristã da juventude” (MESQUITA, 1996, p. 87).

No dia 29 de setembro de 1896 partem, portanto, da Bélgica para o Brasil Madre Loyola, Madre Marie Alphonse, Irmã Livine, Madre Barbe, Irmã Gabrielle, Irmã Hubertine, Madre Elizabeth e Irmã Rosalie com destino a Olinda – Pernambuco.



Figura 1: Missionárias que vieram para o Brasil em 1896
Fonte: Mesquita (1996, p. 102).

Percebe-se que os documentos da que relatam a vinda das religiosas para o Brasil, que foram descritos até aqui, representam que a preocupação das religiosas, assim como a do Papa Leão XIII, vai além da educação pautada nos currículos oficiais, que em suas visões, estava abalada pela “ignorância e imoralidade”. Desta maneira, buscam o sentido da instrução cristã como norteadora de seu trabalho educacional.

Nos escritos de Moura (2000) lê-se que após a Proclamação da República em 1889 e fim do padroado, há um aumento de dioceses como resultado da separação da Igreja com relação ao Estado. A Igreja Católica pretendia conter as influências da religião protestante que se instaurava no país e traçar estratégias para continuar exercendo controle social, ideológico e cultural na sociedade.

Manoel (1996) afirma que a vinda das escolas confessionais para o Brasil e das religiosas tinha como objetivo afastar os estudantes dos conceitos modernos, e do ensino leigo implantado no país após a República.

Verifica-se assim, que há mais de uma interpretação no que diz respeito à vinda das ordens religiosas para o Brasil, no entanto, desde a leitura da Introdução do livro de Mesquita (1996) lê-se que o lema das irmãs se baseia no seguinte princípio: “Sacrifício e Consagração total à juventude”. Além disso, o ideal de formação das religiosas se baseia na educação de jovens para transmitir-lhes o sentido da vida cristã.

Observa-se que o lema da instrução cristã tem permeado os documentos que representam essa história educativa até o presente momento, no entanto, qual a origem dessa preocupação com a formação da juventude, de onde se agregou esse lema, quem é o fundador desse projeto inicial, que traz as religiosas da Bélgica, para instalarem-se no Recife e assim estabelecerem-se em Maringá fundando o Ginásio Regina Mundi no ano de 1967?

Partindo do presente, vamos buscar representar o passado por meio da literatura encontrada na biblioteca local do Colégio Regina Mundi. Werle (2004) cita que fazer história institucional requer várias investigações de como se compôs uma instituição educativa, como tudo surgiu, como o ambiente se configurou, como ocorreram as relações estabelecidas naquele local e como ocorreu o processo de institucionalização, além de serem estes desafios a serem enfrentados.

Fazer história institucional, portanto, exige revisitar o projeto primitivo, a posição do fundador, aquele que lhe deu paternidade, retomar as formas de organização jurídica e material. A abordagem da dimensão institucional poderá evidenciar o conflito entre o instituído e os processos de institucionalização, os momentos, fases ou períodos em que a instituição tendeu a tornar-se um artefato, com funcionamento independente, destacando-se das propostas fundadoras. O jogo entre o instituído e o instituinte, a totalidade em organização, os processos de estruturação e não apenas o estruturado, esses são os desafios a enfrentar no empenho de compor narrativas referentes à história das instituições escolares (WERLE, 2004, p. 19).

Para revisitar o projeto inicial da Congregação, atentemo-nos para a sua fundadora. Mesquita (1996) registra em sua obra que os pais ao se dirigirem ao internato, primeira instituição fundada pelas religiosas em Olinda, a interrogavam sobre a origem do Instituto, pois nunca haviam ouvido falar dessa Congregação. Madre Loyola, Superiora do Brasil na época, nomeada ainda na Bélgica, respondia aos pais que a fundadora das Damas era Madre Agathe Verhelle.



Figura 2: Madre Loyola
Fonte: Mesquita (1996, p. 102).

Os pais diziam que nunca haviam ouvido falar dessa fundadora, e a Madre lhes respondia que tinham vindo ao Brasil, seguindo as ordens do Bispo de Gand, que havia respondido a um mandado de Leão XIII. Assim, convencidos da autenticidade da obra religiosa, diziam que um pedido do Papa era uma ordem para

os católicos, e que ele se ele assim ordenara, era porque já conhecia a necessidade de instalar naquele local, um colégio para moças.

A preocupação dos pais parece estar baseada, na inquietação de haver um santo ou figura reconhecida, que norteasse os princípios educacionais da Instituição educativa, uma vez que as Congregações sempre seguem o lema de algum líder espiritual, reconhecido pela Igreja, e que tem princípios educacionais pautados nas ideias do mesmo.

Pensando em responder aos questionamentos dos pais que viessem matricular suas filhas, nasceu então a ideia de organizar um resumo sobre as origens do Instituto. A mim, como pesquisadora, me pareceu por bem, lançar mão de todos os livros que encontrei na biblioteca do Colégio Regina Mundi para verificar cada forma de escrita, e averiguar a constituição do Instituto Damas, “revisitar o projeto inicial”, utilizando-me das palavras de Werle (2004).

2.3 A FUNDADORA DA CONGREGAÇÃO DAS DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ NO BRASIL – MADRE AGATHE VERHELLE: BREVE HISTÓRICO

Quem foi então Madre Agathe Verhelle? Como surgiu o Instituto Damas da Instrução Cristã, instituição que deu origem ao Colégio Regina Mundi? Agnès-Marguerite Verhelle (Inês Margarida Verhelle) nasceu em Bruges no dia 23 de fevereiro de 1786. Sua educação ocorreu em um momento difícil na Bélgica, pois esse país estava sob a dominação francesa. Em 1793 a Bélgica foi dominada pela França e a maior parte das instituições foram destruídas, desta forma Inês adquiriu instrução por si própria, sendo considerada autodidata (SIMENON, 2003).



Figura 3: Madre Agathe Verhelle

Fonte: <http://www.reginamundi.com.br/pg_congregacao_historia.php>.

A Bélgica, assim como outros países da Europa, vivia uma época agitada pelas conquistas napoleônicas. No mês de novembro de 1801 quatro religiosas, dentre elas Madeleine-Sophie Barat, dirigiram-se para Amiens onde ficaram sob a direção dos Padres da Fé. Ficaram conhecidas como Damas da Fé, porém, oficialmente, eram conhecidas como Damas da Instrução Cristã, e por esse nome foram reconhecidas pelo Decreto imperial do dia 10 de março de 1807, expedido por Napoleão Bonaparte no campo de Osterode, perto de Viena. Essas religiosas, que se instalaram em Amiens, conservaram esse nome até 1816, quando então tomaram definitivamente o nome de Damas do Sagrado Coração (SIMENON, 2003).

Vivendo a dominação francesa que disseminava os ideais de laicidade do ensino, as Congregações tiveram os colégios atingidos pelas ideias revolucionárias, já não oferecendo uma educação religiosa. No entanto, em dezembro de 1807 o príncipe Maurice de Broglie, de origem francesa, tomou posse da sede episcopal de Gand e desejava abrir uma casa de educação para moças.

Dirigiu-se à comunidade das Damas da Instrução Cristã de Amiens, na qual Padre Varin era diretor, pedindo-lhe que fossem cedidas algumas moças para iniciar sua instituição educacional. Seu pedido foi aceito pelo Bispo, e lhe foi doada a

abadia cisterciense de Doorsele, situada em sua cidade episcopal. A religiosa chamada a dirigir o estabelecimento foi Madre Peneranda Marie-Antoinette-Ghislaine de Peneranda, natural de Bruges, de uma família de origem espanhola.

Madre Peneranda acompanhada de cinco Madres francesas e de algumas irmãs coadjutoras chegou a Gand, no mês de maio de 1808, e ocupou o convento de Dooresele. No começo ela pagava a renda vitalícia que o bispo, proprietário dos imóveis, devia aos antigos religiosos bernardinóis; em seguida fez a aquisição do imóvel. Em breve, belgas vieram reforçar a comunidade; o internato se povoava de numerosas alunas e a casa tornou-se notória. Madre Madeleine-Sophie Barat, ao visitar Dooresele pela primeira vez em março de 1809, ficou tocada pela simplicidade do local e pela amabilidade das religiosas (LANTSCHOOT, s.d.).

Monsenhor Baunard, historiador de Madre Barat, escreveu que os laços entre as comunidades de Gand e Amiens começaram a relaxar. O abade Saint-Estève ocupava-se da redação das novas constituições que foram apresentados em Gand em 1812 a Madre Peneranda, porém a Madre lhe disse que desejava viver sob a regra de Santo Inácio de Loyola⁵ do que sujeitar-se a Constituições as quais nada lhe havia atraído (SIMENON, 2003). Mais tarde outras constituições foram enviadas à Madre Peneranda por Padre Varin e Madre Barat. Esses estatutos foram enviados às diversas casas a fim de terem uma aprovação comum. Quando foram apresentados em Gand, Madre Peneranda e suas colaboradoras belgas recusaram-se a aceitar essas constituições e, de acordo com a intervenção do bispo, elas se separaram sem manter nenhuma comunicação com as casas da França.

Após o Concílio de Paris em 1811, e das violências praticadas contra o bispo de Gand, padres e seminaristas de sua diocese, a França se tornou odiosa aos católicos belgas. Desde dezembro de 1813 o povo belga preparava-se para se livrar do jugo francês, e em 4 de fevereiro de 1814 a liderança dos exércitos aliados entrava em Gand em meio às festividades populares. Neste mesmo ano, no dia 26 de maio, o bispo, exilado desde 1811, retornava para o meio de seu povo (SIMENON, 2003).

⁵ Santo Inácio de Loyola (1491-1556) foi líder da Contra Reforma Católica. Foi cavaleiro do exército e lutou na Batalha de Pamplona, na qual foi ferido. Durante sua recuperação converteu-se por meio da leitura dos livros "A vida dos Santos" e "A vida de Cristo". Após seu reestabelecimento começou sua jornada espiritual e posteriormente fundou a Companhia de Jesus (CROMPTON, 2004).

Em nenhum lugar no império de Napoleão a oposição à sua tirania religiosa foi tão forte quanto na diocese de Gand e a brutalidade do governo francês, deixou ali muitos vestígios. Em 1814 as dificuldades políticas da Bélgica, causadas pela dominação francesa de Napoleão, eram enormes.

As autoridades diocesanas, prevenidas contra um Instituto de origem francesa, interferiram e passaram para sua responsabilidade o Colégio de Dooresele. O bispo, Monsenhor de Broglie, entendia que dada as circunstâncias políticas do momento, era insustentável manter em Gand uma comunidade francesa que não poderia prestar os serviços educacionais à classe abastada da cidade.

Desta forma, desde o mês de dezembro de 1814, ficou difícil para as damas francesas ficarem em Dooresele, ocorrendo de forma inevitável a separação: as religiosas francesas voltaram à Comunidade de Amiens, enquanto as belgas permaneceram em Gand sob a orientação de Madre Peneranda (SIMENON, 2003).

Madre Peneranda, ao redigir as regras da comunidade, reforçou a sua autoridade como, por exemplo, exigir de suas religiosas a abertura de consciência, e mostrar-se independente da autoridade episcopal durante sua administração. Madre Peneranda atendia, no momento, às imposições da igreja de Gand, e entrou em desacordo com as constituições elaboradas por Madre Sofia Barat e pelo Padre Varin, desta forma, separando-se das Casas da França.

Observa-se assim, que a história não acontece sem contradições e pela mera aceitação daquilo que nos é imposto a todo instante. Existem lutas travadas no cotidiano que fazem com que a história não seja linear, mas aconteça de maneira viva e instigante, podendo ser entendida apenas com a investigação sistemática dos fatos cotidianos.

O governo holandês, em 1819, solicita às comunidades religiosas que atendiam jovens em instituições educativas, que se submetessem aos estatutos e os que se negassem a seguir essa ordem seriam fechados. Madre Peneranda se recusou a obedecer tal ordem e para justificar sua recusa, argumentava que sua instituição não era uma sociedade religiosa, em virtude de não ter as constituições aprovadas pela autoridade eclesiástica (SIMENON, 2003).

No dia 07 de julho de 1822, um decreto de Guilherme I determinou a dissolução da Congregação das Damas da Instrução Cristã. No dia 17 do mesmo

mês, o prefeito realizou a determinação real: as religiosas tinham 15 dias para enviar suas alunas de volta para suas casas, tirarem seus móveis e voltarem para suas famílias. A casa de Audenarde foi extinta no dia 31 de julho do mesmo ano (SIMENON, 2003).

Madre Peneranda foi até Haia conversar com o Rei e lhe apresentou um pedido para estabelecer sua obra educativa em Nimègue; depois tentou conversar sobre seus planos com o ministro Fack e o arcebispo de Malines, Monsenhor de Méan. Tentou reconstituir sua comunidade educativa entrando em acordo com as autoridades religiosas e civis, mas suas tentativas não tiveram êxito. Assim, a madre ao perceber que não teve sucesso na Bélgica, voltou para França, onde foi acolhida por Madre Barat, de quem havia se separado oito anos antes (SIMENON, 2003).

Diante dos fatos apresentados, a impressão que se tem é que o projeto de fundação inicial do Instituto foi por água abaixo. No entanto, outros acontecimentos viriam se consolidar para dar continuidade a obra iniciada em 1808.

A criação do educandário, dirigido pelas Damas da Instrução Cristã, foi um fato importante na cidade de Gand. Durante 14 anos a comunidade das Damas prestou serviços tanto aos ricos quanto aos pobres. Em 1814 para adaptar-se às circunstâncias ocasionadas pelos acontecimentos políticos, a casa de Gand, se torna exclusivamente belga. Seus membros sem regras definidas previamente e aprovadas, levavam uma vida devotada e envolviam-se apenas à obra da educação cristã (SIMENON, 2003).

Quando foram expulsas da casa em Gand, muitas das religiosas voltaram para suas famílias. Algumas delas decididas pela vida no claustro resolveram voltar à sua antiga superiora na França. Outras ainda entenderam que não era possível desertar do seu país e decidiram ficar em Gand para dar início novamente a obra de educação. Entre essas religiosas que permaneceram em Gand, estava Madre Agathe Verhelle, fundadora do Instituto Damas da Instrução Cristã, ao qual se vincula o Colégio Regina Mundi. As outras religiosas mudaram de nome, e sua congregação passou a designar-se Damas do Sagrado Coração.

Para iniciar sua vida religiosa Inês apresentou-se primeiro em Bruges, mas não pode ser recebida nessa casa, porque nessa congregação na época, só eram aceitas jovens de origem inglesa. Entra, então, para a ordem das Trapistas, de

Laval, na França, e um tempo depois, em 1809 quando soube da fundação das Damas da Instrução Cristã em Gand, a religiosa desejou entrar para essa congregação. Seus pais se opuseram a sua vontade de seguir uma vida religiosa, mas ela não desistiu (SIMENON, 2003).

Em 18 de julho de 1815, Inês Margarida Verhelle conseguiu entrar no convento de Dooresele. No dia 15 de agosto foi admitida à vestição e recebeu o nome de Agathe, e em 10 de outubro do mesmo ano pronunciou os votos, e no dia seguinte foi enviada à casa de Audenarde.

Em Audenarde, em 1822, soube por meio de Madre Peneranda das divergências entre a superiora geral e as autoridades civis e eclesiásticas. Madre Agathe estava de acordo com a posição de Madre Peneranda: ela pensava que seria melhor não submeter os estatutos ao governo holandês para não encorajar a ingerência do poder civil no quesito religioso. Porém Madre Agathe discorda de Madre Peneranda com relação à submissão canônica à autoridade diocesana, e tenta convencê-la de que essa submissão não as atrapalharia e que ela era necessária, mas seus esforços foram em vão.

Na ausência da superiora em 18 de julho de 1822, Madre Peneranda ficou encarregada da direção da casa de Audenarde. Nesse momento, recebeu a visita de autoridades civis e eclesiásticas que solicitaram a aprovação dos estatutos os quais ela se recusa a concordar e sujeitar-se à autoridade eclesiástica (SIMENON, 2003).

Madre Peneranda fazia objeção à submissão canônica, pois acreditava que seriam nomeados para a casa confessores que não tinham piedade, talentos, prudência e discrição necessárias; quando fossem apresentadas pessoas para fazerem parte da comunidade, rejeitaria as que fossem convenientes e aceitariam aquelas que poderiam atrapalhar; a autoridade episcopal as limitaria a uma única casa e dessa forma destruiriam seu intuito de disseminar as casas de educação religiosa; a autoridade eclesiástica regularia as despesas da casa e impediria as boas obras que eram costumes entre elas.

Alguns dias depois, a superiora geral de Audenarde descontente com a decisão de Madre Peneranda, manifestou o desejo de separar-se da religiosa, e as demais irmãs, que desejassem segui-la, deveriam manter o internato apresentando os estatutos às autoridades locais. No dia 31 de julho de 1822 houve a dispersão.

Em 11 de outubro de 1822, Madre Agathe dirigiu-se ao bispo de Gand e ele passa a ser seu conselheiro e um dos principais benfeitores da Congregação, este era o Cônego Raepsaet, secretário da cúria episcopal. Assim, o cônego e o vigário geral Goethals continuaram a encorajá-la e ajudá-la a realizar seus planos.

A madre então seguiu seu caminho, em nome de suas coirmãs francesas que estavam junto a Madre Peneranda, pois esta havia ficado feliz com a direção da casa de Gand por Madre Agathe. Suas coirmãs, em 26 de fevereiro de 1823, deram-lhe uma procuração geral para que ela assumisse todos os negócios e tomasse posse da casa de Dooresele. No dia seguinte, seguiu os conselhos dos vigários gerais e do governador da província, o conde de Lens, para dirigir um pedido ao rei para conseguir que o decreto de 7 de julho de 1822 fosse reportado (SIMENON, 2003).

Madre Agathe informou Madre Peneranda sobre suas decisões e pediu-lhe para ceder o convento de Dooresele para constituir sua nova comunidade. Em 14 de março de 1823, Madre Agathe e quatro de suas companheiras tomaram posse de Dooresele.

No dia 25 de março de 1823, pela manhã, o Monsenhor Raepset celebrou em secreto o santo sacrifício, pois o decreto de supressão havia proibido o uso da capela. Nesse dia, várias outras religiosas vieram se juntar a essa comunidade; à tarde, o ministro Goubau, acompanhado do governador da província, dos vigários gerais e de vários membros do capítulo catedral visitaram o local.

No dia 3 de abril de 1823, o estabelecimento contava com 21 membros, 12 Madres e 9 irmãs conversas. Não havia mais as antigas constituições e elas foram redigidas de cor. No dia 6 de agosto, a autoridade diocesana aprova as constituições a título de teste, por um período de três anos.

O texto proposto por Madre Agathe regia que as religiosas seriam submissas ao Ordinário do local, conforme as decisões do Concílio de Trento. Para o vigário geral, esses estatutos lhe pareceram vagos, e solicitou que fossem acrescentados quatro novos artigos no que se referia à presença do bispo nas eleições, seu controle na gestão econômica, a sua visita de três em três anos e que as religiosas passassem pela sua aprovação, para serem admitidas ao noviciado e aos votos.

Assim, o instituto que desde Gand era uma sociedade piedosa, passa a ter regras do Direito Canônico⁶, sendo desta forma, uma Congregação religiosa. Em 9 de abril de 1823, Madre Agathe foi eleita superiora por três anos; em 29 de abril de 1826, Superiora Geral perpétua.

No mês de agosto de 1824, todas as pessoas encarregadas do ensino foram submetidas pelo governo holandês à realização de um exame, diante de uma Comissão de Instrução. Por intervenção do Monsenhor Raepset os membros do júri se deslocaram a Dooresele e Madre Agathe realizou o exame. Ela obteve tanto sucesso em seus resultados, que conseguiu para ela e toda religiosa da comunidade que ela considerasse apta, um certificado ilimitado de professora.

Em 12 de dezembro de 1826 Madre Agathe dirigiu um pedido à Santa Sé a fim de obter a aprovação pontifical do seu instituto. Assim, em 10 de agosto de 1827, Leão XII aprovou a Sociedade e as Regras da Congregação das Damas da Instrução Cristã em Gand (SIMENON, 2003).

Madre Agathe empreende uma série de novas fundações: Vracene em 1827, Audenarde em 1829, Bruges em 1829, Renaix em 1832, Anvers em 1834 e Liège em 1838 (LANTSCHOOT, s.d.).

No dia 01 de dezembro de 1838 falece Madre Agathe acometida de uma febre cerebral. Por ocasião da morte de Madre Agathe o *Journal historique e littéraire* publicou um resumo da origem da Congregação das Damas da Instrução Cristã, com uma narrativa da morte de Madre Agathe e da eleição de Madre Victoire, sua sucessora.

Diante do exposto, percebe-se essa fundadora teve papel relevante na fundação do Instituto Damas no Brasil e, conseqüentemente, em Maringá, pois se não fosse sua disposição em assumir Doorsele, provavelmente não se instaurariam no Brasil e nas demais regiões onde se propagou a Ordem religiosa. A finalidade estabelecida pelas religiosas, desde o princípio se fundamentou, de acordo com as palavras proferidas por Madre Agathe “[...] sacrificar-nos e consagrar-nos inteiramente à juventude, não somente naquela diocese, mas em toda parte que possamos cooperar na propagação da glória do Senhor” (MESQUITA, 1996, p. 145).

⁶ “O Código de Direito Canônico regulamenta toda a vida e funções da Igreja” (AQUINO, 2007, p. 95).

As dificuldades de implantação da Ordem das Religiosas da Instrução Cristã podem nos revelar a intenção de marcar a resistência frente ao Estado laico, que queria uma educação laica, que enfraqueceria os princípios apregoados pela Igreja.

Esta resistência pode ser entendida como marca da Congregação, que não se deixa vencer pelo então Estado laico, e busca maneiras de fazer com que seu projeto educacional proposto pela fundadora se concretize, resistindo à “imoralidade pagã” disseminada, na visão da Ordem das religiosas pelo então Estado.

Esse princípio norteador que se encontra explícito nas fontes documentais é o mesmo que se busca desvendar, ou seja, como isso se configura de forma implícita nas constituições, regimentos, grade curricular, hino do colégio objeto de pesquisa e tantos outros documentos que se buscou pesquisar. Além disso, entender como se configuram esses princípios nas fontes orais por meio de entrevistas que evidenciem o cotidiano escolar do Colégio Regina Mundi.

3 FUNDAÇÃO DO GINÁSIO REGINA MUNDI

Relatar o cotidiano de uma instituição educativa nos leva à busca sistemática de todo e qualquer documento que represente o seu cotidiano. Escolheu-se iniciar a narrativa descrevendo o Livro Ata que contém as seguintes atas: Ata da Assembleia que decidiu a fundação do Ginásio Regina Mundi na cidade de Maringá (1967); ata da inauguração solene do Ginásio Regina Mundi (1967); ata da primeira reunião do corpo docente do Ginásio Regina Mundi (1967); ata da publicação dos Estatutos do Diário Oficial de Curitiba (1967); ata da aula inaugural do Curso Ginásial (1967); ata da Assembleia Geral; ata do Título de “Utilidade Pública” do Ginásio Regina Mundi; ata da aprovação do Currículo do Ginásio Regina Mundi. Em seguida foram encontrados elementos que nos levaram adiante na pesquisa.

Ao vasculhar os arquivos do Colégio Regina Mundi encontrei o “Livro Ata de Fundação do Ginásio Regina Mundi em Maringá” que foi encontrado em um armário de escritório, em uma sala localizada dentro da secretaria, onde são armazenados documentos inativos e históricos escolares dos alunos, fichas antigas de professores, enfim documentos que não foram digitalizados e continuam armazenados naquele local.

A materialidade do Livro Ata se constitui em um livro de cor preta, com as seguintes dimensões: 32 x 22 centímetros com uma encadernação costurada, com 100 páginas pautadas, de cor amarelada pelo tempo, sendo que somente 9 páginas foram utilizadas e marcadas com um carimbo de tinta do Ginásio Regina Mundi – Maringá-Paraná. Possui uma folha de rosto na cor azul, sem nenhuma escrita, a não ser o carimbo já antes citado.

Na abertura do Livro Ata foi registrada uma inscrição manuscrita com caneta tinteiro na cor azul, assinada pela Irmã Maria Inês Bernardo Loyo, datada de 24 de fevereiro de 1968, onde relata: “Servirá este livro que contém 100 folhas tipo graficamente paginadas e por mim rubricadas para registro das Reuniões, das Assembléias Gerais do Ginásio Regina Mundi”. Não há assinatura no final da descrição.

A princípio observa-se que esse Livro Ata foi criado para o registro histórico das atividades desse estabelecimento de ensino, pelo fato de ter sido mencionado que esse documento seria utilizado para registrar as reuniões, assembleias e registros de mudanças e alterações do Colégio, tanto das religiosas, quanto das alterações do prédio.

Esse relato que se dá na primeira página do Livro Ata, contando frente e verso, e na metade da segunda página, é uma cópia da Ata que foi redigida em Recife, Pernambuco, na folha 4, verso, do livro de Atas da Associação das Religiosas da Instrução Cristã, uma cópia legal e autêntica, de acordo com a redatora.

No começo da sessão da primeira página, há o relato da reunião que aconteceu no dia 27 de setembro de 1966 na cidade de Recife. No início da página estão intitulados os seguintes dizeres: L.s. + J.C do qual as abreviaturas significam “Louvado seja Jesus Cristo”, o sinal de +, relatado nos dizeres, tem como significado a cruz, símbolo utilizado na escrita das irmãs até os dias atuais, como sinal de consagração, obediência e serviço a Jesus Cristo.

A primeira Assembleia teve como participantes a Madre Thérèse Lahaye, Superiora Vigária das Religiosas da Instrução Cristã, que proclamou o seguinte,

Tendo consultado a Revma Madre Geral e obtido desta a autorização para fundar o Ginásio Regina Mundi. A Revma Madre Vigária e o seu Conselho presente à Reunião procedeu a escolha da Diretora do futuro Ginásio Regina Mundi na cidade de Maringá – Paraná – Diretora: Lucília Maria Berardo Loyo, em religião Irmã Maria Inês. Faculdade. Registro de Decreto nº 4.240. Vice Diretora: Maria do Rosário Cysneiros de Araújo, em religião Irmã Taciana Maria. Faculdade nº 25.029 (ATA DE FUNDAÇÃO, 1967).

Essa primeira assembleia serviu para definir a criação do Ginásio Regina Mundi na cidade de Maringá. A instituição de ensino em seu regimento interno foi definida como sendo de caráter civil, beneficente, educativo, cultural e de assistência social. Sua finalidade era educativa, cultural, moral, cívica, física e religiosa da infância e da juventude em seus vários graus. Trata-se de uma instituição de ensino privado, tinha por objetivo também a obra de educação e assistência social que beneficiasse a juventude necessitada (ATA DE INAUGURAÇÃO, 1967).

Partindo para a questão da inauguração do Ginásio Regina Mundi, lê-se na ata que o estabelecimento foi solenemente inaugurado no dia 21 de janeiro de 1967. A solenidade iniciou com a celebração da missa, tendo como celebrante Dom Jaime Luiz Coelho, assistido pelo Reverendíssimo Cônego Benedito Teles, vigário e pároco da paróquia das irmãs, segundo consta na ata,

Durante o sermão o Sr. Bispo salientou a felicidade e grande alegria de termos mais um santuário em Maringá onde Jesus Cristo será adorado e homenageado pelas religiosas e alunas dêste novo Educandário. E também o nascimento de mais uma Seara para o cultivo moral, intelectual e espiritual das jovens. Também focalizou a grande ajuda da Congregação que tudo deu para a construção dêsse Ginásio, recebendo apenas dêle a pedra para o altar. Relembrou a dedicação incansável de nossa Madre Paulina, que assistiu de perto o andamento da construção (ATA DE INAUGURAÇÃO, 1967, p. 2).

Pelo relato é possível interpretar que o Ginásio Regina Mundi trabalharia para além da educação formal determinada pelos documentos oficiais. Pelas palavras do Bispo D. Jaime, verifica-se que este estabelecimento de ensino, tem o intuito de formar as alunas, pautado em uma formação integral, que contemple, além da educação livresca, a educação moral e espiritual das mesmas.

Diversas Congregações religiosas compareceram à inauguração, de acordo com o relato da redatora, no entanto não são mencionadas quais seriam estas congregações. Madre Thèrese Lahaye, Madre Vigária das Religiosas da Instrução Cristã, esteve presente na inauguração, bem como presentes autoridades do Ensino Médio e Primário de Maringá, que não foram nomeados no relato. Engenheiros da Construtora Atenas e outros convidados estavam presentes à solenidade.

Após a missa foi realizada a benção em todas as dependências da ala terminada pelo bispo. Foi permitido que os visitantes conhecessem a clausura das religiosas o que para eles lhes pareceu uma novidade.

Logo após, no refeitório, foi servido champanhe aos convidados. Nesta ocasião usou da palavra a Madre Vigária ressaltando nas suas palavras a grande alegria das irmãs terem mais uma casa da Congregação no Norte do Paraná (em Mandaguaçu, já havia sido inaugurado o Colégio São Francisco de Assis no ano de 1960), e “na cidade moça de 20 anos, a linda e simpática Maringá” (ATA DE INAUGURAÇÃO, 1967, p. 4).

A Madre Vigária agradeceu as religiosas, ao Bispo da diocese e a Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná, doadora do terreno. Também elogiou a atuação eficiente dos engenheiros que tudo fizeram para o bom acabamento da construção.

Em seguida, dirigiu os agradecimentos aos inspetores da 32ª Inspetoria Regional do Ensino, presentes à inauguração, reconhecendo a dedicação de todos, em especial a do Inspetor Dr. Midufo Wada.

Irmã Maria Bernarda (civilmente Geralda Maria Galindo) redige na ata que no semblante de todos os presentes havia alegria, agradecimento e esperança, principalmente nos primeiros membros da comunidade do Regina Mundi. Após o encerramento da parte festiva, iniciou-se uma Assembleia Geral extraordinária presidida por Madre Taciana Maria (civilmente Maria do Rosário Cysneiros de Araújo) para a escolha dos membros do conselho.

A escolha dos membros eleitos e empossados imediatamente, com mandato de três anos foi: Presidente: Madre Taciana Maria (Maria do Rosário Cysneiros); secretária: Irmã Maria Inês (Lucilla Maria Berardo Loyo); tesoureira: Irmã Maria Bernarda (Genilda Maria Galindo). Foram também redigidos na ata deste dia os Estatutos do Ginásio Regina Mundi que dizem respeito à fundação do Colégio, sobre a sua administração, sobre as funções da secretária, sobre as assembleias gerais, o patrimônio, sobre a admissão dos professores, sobre as disposições gerais da instituição educativa e o valor dos estatutos (ANEXO A).

Os Estatutos se referem à finalidade do Ginásio Regina Mundi, que tem por desígnio a educação cultural, moral, cívica, física e religiosa da infância e da juventude em seus vários graus. No que diz respeito à administração o referente texto especifica que a instituição terá uma diretoria composta por três membros: presidente, Secretária e Tesoureira, com mandato por três anos. Consta que o Ginásio tem prazo indeterminado de duração, e está subordinado ao Conselho Provincial do Instituto das Religiosas da Instrução Cristã.

A Ata do dia 21 de janeiro de 1967 diz respeito à primeira reunião do corpo docente do Colégio, que teve como finalidade explicar o Regimento Interno e o sistema educativo ao corpo docente, além de serem distribuídos os horários nessa mesma ocasião. Nesse primeiro ano, segundo a ata, o Colégio funcionaria apenas uma turma da 1ª série ginásial, sendo que as disciplinas ministradas eram: Religião,

Português, Francês, Educação Artística, Matemática, História, Geografia, Ciências, Desenho e Educação Física, tendo as aulas início às oito horas e finalizando às onze e quarenta e cinco.

Na ata de fundação encontram-se registros de que o Ginásio, inaugurado no ano de 1967, contava naquele ano apenas com 14 alunas matriculadas, na primeira série ginasial. Na lista de professores(as) encontram-se apenas os nomes dos professores do ginásio, bem como na relação das disciplinas a serem ministradas, o que se encontra preservado durante os anos de 1967 a 1970 se referem aos quatro anos ginasiais.

No dia 1º de março de 1967, foi proferida a oração do Curso Ginásial, pela religiosa Irmã Maria Inês, mestra geral e diretora do Curso Ginásial. Neste momento salientou a importância da cultura e da educação para o jovem daquela época. Ao lado da instrução deveria ser ministrada a educação, sendo esta a finalidade do educandário “instruir, educando”. Há menção sobre o sistema educativo adotado no Ginásio, referindo-se a “um sistema moderno e atualizado muito oportuno para a época de hoje” (ATA DA AULA INAUGURAL DO CURSO GINASIAL, 1967, p. 8), no entanto, não há descrição do que seja este sistema e como ele se concretizava.

No dia quatro de novembro de 1967 foram publicados os Estatutos do Ginásio Regina Mundi no Diário Oficial de Curitiba, a Ata do dia 30 de novembro descreve esta publicação. Nesta, constam que, o Ginásio Regina Mundi tem por finalidade a educação moral, cívica, física e religiosa da infância e da juventude. Há referência sobre a administração do Ginásio, sobre a necessidade de haver uma Assembleia Geral e Extraordinária para a alteração dos Estatutos. Determina que o Ginásio tem duração indeterminada e é subordinado ao Conselho Provincial do Instituto das Religiosas da Instrução Cristã (ANEXO B).

Lê-se na Ata que, no dia 30 de dezembro de 1967, foi realizada a Assembleia Geral do Ginásio Regina Mundi. Estavam presentes os três membros da diretoria, a presidente Madre Taciana Maria, a secretária Irmã Maria Inês e a tesoureira Irmã Maria Bernarda. Os assuntos tratados na Assembleia se referiram ao funcionamento do Ginásio em 1967 e de planos de 1968, sendo debatidos os seguintes assuntos: funcionamento no ano de 1968 das duas primeiras séries do Curso Ginásial, a organização da Biblioteca Escolar e compra de material didático.

Além disso, foi colocado em pauta o aumento do pagamento dos professores, o funcionamento do semi-internato, realização de aulas e cursos extra-classes à tarde, como: ballet, piano, inglês e desenho, o aumento das mensalidades e a taxa de matrícula. A última redação da ata é do dia 3 de janeiro de 1968, que relata a publicação do Diário Oficial de Curitiba, sobre a aprovação do Currículo para o ano.

Ao narrar de forma detalhada o Livro Ata em questão, intenciona-se que o leitor faça um mergulho nos muitos elementos e sujeitos que se associaram para criação desta Instituição. Chama-se a atenção para as abreviaturas L.S. + J.C como sinal de consagração, obediência e serviço a Jesus Cristo. Esta abreviatura deixa transparecer os ideais, a partir dos quais, a escola fora criada. No mesmo sentido, a presença de Dom Jaime Luiz Coelho, realizando a primeira missa como solenidade de abertura da escola, pode falar do compromisso moral da escola com um projeto maior de educação, desejado pela maior autoridade religiosa de Maringá.

Da mesma maneira, a participação de Madre Thérèse Lahaye, Superiora Vigária das Religiosas da Instrução Cristã, faz ver que os ideais católicos desta Instituição eram solidificados em uma Congregação religiosa específica. Por outro lado, é relevante salientarmos a importância da primeira direção do Ginásio, tendo em vista a responsabilidade assumida de implantar uma escola que, em seu fazer cotidiano, cumprisse com os ideais de uma determinada Congregação, que de acordo com o que já foi exposto, se designa pela responsabilidade de consagração e sacrifício à juventude.

3.1 ALUNAS DOS ANOS INICIAIS DA FUNDAÇÃO

O Ginásio Regina Mundi inicia suas atividades no ano de 1967 com uma turma de 14 alunas. Na época, para ingressar no curso ginásial era necessário passar pelo Exame de Admissão. Após o primário, quem não passasse no exame de admissão fazia o quinto ano, para então prestar o exame de admissão novamente, para que se verificasse a sua aptidão em entrar para o ginásio.



Figura 4: Formatura primeira turma ginasial
Fonte: Acervo pessoal da ex-aluna M. D.

O exame de admissão ao ginásio era organizado e aplicado pelas escolas secundárias para verificar quem estava apto a ingressar neste nível de ensino. Caso o aluno não conseguisse passar no exame, deveria fazer a quinta série do ensino primário para depois realizar novamente o exame para entrar no ginásio.

O Colégio na época da fundação atendia somente a meninas, pois nem todas as escolas trabalhavam com a co-educação. Entende-se que, por ser um colégio católico, ele deveria seguir a orientação dada pelo Papa Pio XI por meio da encíclica *Divini Illius Magistri*, do ano de 1929, que direcionava o ensino baseado na Igreja para as escolas, sendo que este foi o direcionamento seguido pelas instituições de ensino católicas até por volta da década de 1970.

Papa Pio XI entendia que meninos e meninas eram diferentes e deveriam ter uma educação diferenciada. Acreditava que, a proximidade em excesso entre os dois sexos causaria dano e geraria a promiscuidade, enfatizando que os alunos deveriam ser separados por sexo na escola sempre que possível, mas principalmente durante a adolescência e nas aulas de Educação Física (ENCÍCLICA DIVINI ILLIUS MAGISTRI, 1938, apud LACHANCHE, 2011).

O *Dizionario di Teologia Morale* do ano de 1968, que é baseado no Concílio Vaticano II, considera que o contato entre os dois sexos é benéfico, desde que seja

feito no seio da família, e que as escolas devem ter o ensino dos alunos em espaços separados para evitar a promiscuidade (LACHANCHE, 2011).

O modelo de co-educação, portanto, se estabelece a partir da década de 70 do século XX, que o toma como modelo natural de educação. As escolas que não trabalhavam com co-educação aos poucos foram extintas em virtude da pressão exercida pelos órgãos de educação do país e pela nova sociedade que se formava naquele momento (LACHANCHE, 2011).

Entende-se desta forma qual a motivação das irmãs da Congregação em fundar um Ginásio para meninas, que começa a receber meninos a partir do ano de 1972, de acordo com os documentos pesquisados na instituição educativa.

As reflexões apontadas sugerem muitas possibilidades de discussões que se desdobrarão no transcorrer do trabalho. Neste momento, me restrinjo a questionar sobre as circunstâncias históricas em que o Ginásio Regina Mundi foi criado.

3.2 AS ESCOLAS CONFESSIONAIS CATÓLICAS EM MARINGÁ

Maringá, enquanto era projetada, teve como centro populacional o Maringá Velho onde se constituía como um pequeno povoado. No dia 10 de novembro de 1942 foi inaugurada a primeira casa comercial do patrimônio, o Hotel Maringá que foi construído pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná⁷ e arrendado para o Senhor José Inácio da Silva. A cidade foi inaugurada oficialmente no dia 10 de maio de 1947, sendo que do ano de sua fundação até 1952 foi distrito de Mandaguari (LUZ, 1997).

O município foi escolhido para ser um importante centro urbano do Norte do Paraná e logo se tornou um dos principais núcleos urbanos fundados pela Companhia Melhoramentos. A Companhia não tinha o intuito de que o Maringá

⁷ A Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná é originária da Inglaterra e veio para o Brasil em virtude da crise provocada pela I Guerra Mundial. Nos séculos XIX e XX as terras do Norte do Paraná já eram ocupadas por sitiantes, colonos e índios, e eram consideradas como devolutas incentivando o governo do Estado a nova aquisição e colonização destas terras. Isso foi possível a partir do interesse de uma Companhia britânica, a Plantation Limited, que a partir de 1928 adquiriu 20% das terras da região do Norte do Paraná a um custo baixo por ser considerado um investimento de risco (OBERDIEK, 2007).

Velho fosse o núcleo urbano definitivo, pois queria que a cidade se estabelecesse na parte menos acidentada do loteamento sendo um centro urbano mais arrojado que permitisse a expansão da cidade, e dessa forma a empresa colonizadora não possibilitou a expansão do patrimônio (LUZ, 1997).

Os diretores da Companhia incentivaram a vinda de moradores para esse povoamento inicial para que aquele local fosse um ponto de apoio para a cidade que se estabeleceria futuramente. Conseguiram que vários habitantes se estabelecessem naquele local, cada um em um ramo de atividade para que nada faltasse aos habitantes dali, os da zona rural e aos que aqui vinham de passagem (LUZ, 1997).

O núcleo urbano e o rural se relacionavam em virtude da comercialização de produtos agrícolas na cidade, que em troca dava os produtos que não eram produzidos no campo. O povoado do Maringá Velho foi se desenvolvendo, muitas famílias chegaram e se integraram à vida comunitária local.

Em decorrência do crescimento do patrimônio, os habitantes começaram tentar resolver o problema da escolarização para seus filhos. A primeira forma de estabelecer um local para levar o ensino às crianças se consolidou em uma residência, onde professoras iam lecionar. Nesse espaço estudavam vários filhos dos pioneiros; os que já podiam frequentar a escola secundária, e tinham condições financeiras, dirigiam-se para outros centros, podendo ficar em internatos dirigidos por religiosos (LUZ, 1997).

No dia 9 de julho de 1946 foi criada a primeira Escola Pública na cidade de Maringá, esta era a “Casa Escola”, localizada no Maringá Velho. No mês de agosto de 1947, o prefeito de Mandaguari, Décio Medeiros Pullin, por meio de um decreto, determinou a elevação da “Casa Escola” para “Escola Isolada do Maringá Velho”, que mais tarde passou a chamar-se de “Grupo Escolar do Maringá Velho”. Essa escola foi incendiada em 1953, sendo reinaugurada com o nome de “Escola Visconde de Nácar” (PROJETO MEMÓRIA)⁸.

Uma característica marcante na cidade de Maringá se volta para os princípios de trabalho e religiosidade que fizeram parte da constituição sociocultural da cidade. O município se organizou seguindo um modelo cristão de maneira marcante: os

⁸ Projeto Memória. Arquivo Municipal Projeto Memória. Teatro Callil Haddad/Maringá.

colonizadores se mobilizaram para construir a catedral no ano de 1950, e esta serve como ponto importante para compreender a relevância da religiosidade para a cidade (RIBEIRO, 1999).

Maringá, com apenas 9 anos de constituição, já tinha seu primeiro representante eclesiástico, Dom Jaime Luiz Coelho, personalidade de fundamental importância para a cidade. O bispo sempre esteve ligado a elementos de maior projeção social, responsável pela difusão moral e religiosa, até mesmo por meio de uma coluna que escrevia no primeiro jornal da cidade (RIBEIRO, 1999). Para a autora,

O modelo de sociedade implantado seguiu regras tradicionais e padrões idealizados pela ordem, moral pública e cristã, além dos preceitos de modernidade, expressos até mesmo no modelo arquitetônico, como é o caso da catedral maringaense. A memória dessa cidade está intrinsecamente ligada ao aspecto religioso, moral e econômico, presentes no imaginário e definidores das práticas sociais, inclusive na atualidade (RIBEIRO, 1999, p. 335).

Ainda com relação a religiosidade local é relevante afirmar que o Papa Pio XII foi o criador da diocese de Maringá e quem elegeu o 1º Bispo diocesano, Dom Jaime. No dia 24 de março de 1957 Dom Jaime Luiz Coelho assumiu a Diocese de Maringá. A chegada do bispo na cidade foi um grande acontecimento, ele foi recebido com festa por centenas de pessoas e desfilou pela cidade, sendo reverenciado por autoridades e pela população. Era o começo de uma história que ajudou a impulsionar o desenvolvimento da cidade (DIOCESE DE MARINGÁ, 1997).

Em entrevista concedida a Revista da ACIM no ano de 2004 (SUPLEMENTO ESPECIAL, 2004), o bispo narra um pouco de sua trajetória na cidade, fato este que também pode ajudar a reconstruir a história do município. Dom Jaime relata que a chegada de um bispo naquele momento era uma novidade para Maringá, pois todo o Norte do Paraná pertencia à Diocese de Jacarezinho, que vinha para a cidade raramente.

O bispo se empenhou em desmembrar a igreja, o que foi, de acordo com o religioso, um trabalho de apostolado e de evangelização. Em 1968 ele procurou desmembrar a diocese, e foi criada a diocese de Paranavaí para que ele pudesse se dedicar mais ao trabalho aqui na cidade.

Dom Jaime, na revista Suplemento Especial (2004) conta sobre as questões políticas, uma vez que ele tinha uma grande receptividade por parte dos políticos da cidade e de Curitiba. No ano de 1963 queriam que ele fosse Senador da República, mas foi orientado pelo Arcebispo de Curitiba que não aceitasse cargo nenhum. O bispo empreendeu uma luta política ajudando Ney Braga a se eleger e lutando para que os recursos do governo do Estado viessem para Maringá.

O bispo relata um pouco sobre a Educação no período, dizendo que viajava pela região, e que nas escolas que conhecia as professoras não tinham terminado o 4º ano do ensino primário. As professoras eram as esposas de médicos e de advogados, mas algumas arrumavam uma substituta pagando a ela uma quantia e ficando com o resto para elas. Dom Jaime não concordava com isso e era chamado de “ranzinza”.

Na visão do bispo, Maringá era uma cidade “menina”, e ele acreditava que, assim como o pai cuida de suas filhas, preservando-as da corrupção, da imoralidade, entendia que assim também deveria fazer pela cidade. Desta forma, cita que trouxe para cá bons colégios católicos como o Colégio Marista, o Regina Mundi, o Santo Inácio, o São Francisco Xavier e levou também colégios confessionais católicos para a região.

A importância de Dom Jaime na composição da estrutura educacional de Maringá não se restringiu a educação básica. No ano de 1959, Néo Alves Martins, o primeiro deputado estadual maringaense, procurou Dom Jaime para fundar uma faculdade em Maringá propondo o Curso de Direito para a cidade, mas o bispo sugeriu Ciências Econômicas. Deste diálogo resultou a criação da Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Maringá, instalada em novembro de 1959, e que, anos depois, deu origem a Universidade Estadual de Maringá.

A demanda por uma estrutura educacional está diretamente relacionada ao próprio crescimento populacional de Maringá. Observa-se que em 1950 a população do Distrito era de 38.588 habitantes. A maior parte dessas pessoas, 81,2%, ocupava a zona rural e, uma menor parte, 18,8%, ocupava o centro urbano e suburbano (LUZ, 1997). Contudo, já na década de 1960 havia 104.131 pessoas no Município, sendo que 47.592 estavam instaladas na zona urbana. Na década de 1970 havia 121.374 pessoas que viviam na cidade, sendo que 100.100 pessoas vivam na zona urbana (CAMPOS, 2004).

France Luz (1997) destaca que, na década de 1960, apenas 14,2% das crianças, com cinco anos, freqüentavam a escola; entre as de 5 a 9 anos o índice chegava a 25,6%; de 10 a 14 anos atingia 55,7%.

Com o desenvolvimento do município de Maringá foram criadas 36 escolas, a maioria situada na zona rural. Em 1959 o número de escolas primárias era de 82; as escolas isoladas se submetiam a uma Inspetoria Estadual de Ensino. As escolas de nível médio constituíam-se no número de 6, fazendo parte desse número os ginásios, as escolas normais e a escola técnica do comércio (LUZ, 1997).

Na década de 1960, a economia maringaense se configurava nas atividades agrícolas, comerciais e de prestação de serviços. Os agricultores e profissionais liberais da época, que se destacavam e estavam envolvidos nos eventos sociais e religiosos, solicitaram a expansão da rede de ensino da cidade para atender a necessidade educacional de seus filhos, e assim entre as décadas de 1950 e 1960 começam a surgir as primeiras escolas confessionais instaladas no município de Maringá (LUZ, 1997).

No entanto, observa-se que antes que o Colégio Regina Mundi aqui se instalasse, outras escolas confessionais católicas se instalaram no Município de Maringá. O Colégio Santo Inácio⁹ teve sua história aliada a instalação dos padres jesuítas, na década de 1950, no Município de Maringá. Os padres convidaram as Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria, provenientes da Alemanha, para atenderem as necessidades da comunidade local. Começaram com um “Jardim de Infância”, em uma casa pobre e pequena ao lado da casa das irmãs. Em 1957 o “jardim de infância” tornou-se a “Escola Paroquial Santo Inácio”, instituição com caráter educativo e de evangelização cristã.

A Escola Santa Cruz foi fundada no ano de 1952, pelas Irmãs Carmelitas da Caridade de Vedruna. Vieram para Maringá, a convite do então Bispo de Jacarezinho, D. Geraldo Proença Sigaud, para assumirem a educação e formação religiosa dos filhos dos colonizadores. As irmãs se instalaram junto à primeira Capela do município de Maringá em uma casa construída pelos moradores (GULLA, 2009).

⁹ COLÉGIO SANTO INÁCIO. Disponível em: <<http://www.colegiosantoinacio.com.br/institucional.php?cat=2>>. Acesso em: 15 jun. 2011.

O funcionamento da escola foi autorizado pela Secretaria de Educação e Cultura como o nome de Escola Santa Cruz e no dia 20 de março de 1953, deu início às atividades, com 97 alunos, sendo 30 da pré-escola e 67 do curso primário sob a direção da professora Célia Colichio. A escola tem uma educação baseada na “Proposta Educativa Vedruna” que tem como orientação a vida e a mensagem de Jesus de Nazaré até os dias atuais (GULLA, 2009).

O Colégio Marista¹⁰ é proveniente da França. O Instituto Marista foi fundado no ano de 1817 por Marcelino Champagnat (1789-1840), espalhando-se pelo Brasil desde então. O Ginásio Maringá, como foi denominado na época de sua fundação, no ano de 1952 passou a oferecer aos filhos dos pioneiros o segmento educacional secundário evitando então, que aqueles, se deslocassem do município para buscar a escolarização secundária em outras localidades (LIMA, 2011).

Segundo France Luz (1997), o Colégio Marista foi o primeiro estabelecimento de Ensino Médio a funcionar na cidade. Foi inaugurado no dia 27 de setembro de 1952, tendo como diretor o Professor Antero Alves Santos. Em 1954 foi adquirido pela Mitra Diocesana de Jacarezinho, e em 1957 os Irmãos Maristas passaram a dirigir o estabelecimento de ensino.

Percebe-se assim, que na década de 1950, três instituições educativas confessionais católicas estabelecem-se na cidade de Maringá. No início da década de 1960 é fundado o Colégio São Francisco Xavier¹¹. O Colégio surge por iniciativa do Monsenhor Miguel Y. Kimura para ajudar os filhos dos japoneses que viviam na zona rural e frequentavam a escola.

Foi inaugurado no dia 21 de fevereiro de 1963 o “Externato São Francisco Xavier”. A escola era uma construção de madeira e sua direção foi entregue as Irmãzinhas da Imaculada Conceição, em parceria com a Mitra Diocesana de Maringá, que era proprietária do imóvel. O principal objetivo da instituição era integrar a comunidade nipo-brasileira.

Verifica-se que o Colégio Regina Mundi é a quinta instituição educacional confessional católica fundada no Município de Maringá. O que se percebe é que

¹⁰ COLÉGIO MARISTA. Disponível em: <<http://www.marista.org.br/marista-maringa-o-colegio/D631/>>. Acesso em: 15 jun. 2011.

¹¹ COLÉGIO SÃO FRANCISCO XAVIER. Disponível em:<<http://www.colegiosfxavier.com.br/>>. Acesso em: 15 jun. 2011.

todas as instituições têm como lema institucional, expressos em seus históricos, além da formação educativa, promover a formação integral do educando com princípios formativos cristãos católicos. Contudo é preciso considerar que existem princípios particulares de cada instituição, que segue o lema de seu fundador, buscando atender a formação do sujeito baseados no carisma de seu fundador.

Analisando os documentos do Colégio Regina Mundi, me vieram à mente os seguintes questionamentos: que tipo de sujeito esta instituição almejava formar? Quais eram as estratégias formativas desenvolvidas?

É possível interpretar que, em virtude da solicitação de escolas no início da fundação de Maringá, o Ginásio Regina Mundi foi criado para responder as necessidades locais de escolarização.

É possível observar a grande proliferação de escolas confessionais católicas na cidade, deixando ver, por um lado, a participação da Igreja católica na criação de uma estrutura escolar, para atender a demanda local e, por outro, a forte presença da cultura cristã católica como elemento formativo das crianças e jovens da cidade.

A presença da Igreja Católica no ensino escolar de Maringá, por meio das mais diferentes congregações, em sua maioria femininas, se por um lado alinhavava-se aos ideais dos sujeitos, que estiveram a frente da construção de uma estrutura de educação escolar para cidade, por outro, aliava-se ao entendimento democrático de liberdade de ensino garantido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1961.

4 COTIDIANO ESCOLAR: A IDENTIDADE DE UMA INSTITUIÇÃO

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história meio de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. Não se deve esquecer este “mundo memória”, segundo a expressão de Péguy. É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres. Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história “irracional” ou desta “não-história”, como o diz ainda A. Dupront: o que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível... (CERTEAU, 1994, p. 31).

Nesta seção, pretende-se dar visibilidade a identidade formativa da Instituição e suas estratégias para operacionalizá-la. Para tal, buscou-se recuperar o fazer cotidiano da escola por meio da pesquisa oral. Entrevistas foram realizadas com pessoas que fizeram parte da história da instituição no momento inicial da fundação.

Para a construção desta seção foram utilizadas entrevistas realizadas com cinco ex-alunas ingressantes no ano de 1967 e 1968, ex-professoras do ano de 1970 e uma irmã que chegou ao Colégio no ano de 1967. Foi utilizado para a pesquisa um questionário que direcionou as entrevistas, no entanto, em alguns momentos, as entrevistadas ficavam livres para falar de suas experiências. Em alguns casos, durante a entrevista, também deixei de utilizar o questionário para que a pessoa pudesse falar livremente de suas vivências, e, por vezes, eu a direcionava para o assunto que queria abranger.

Por meio das entrevistas tem-se uma visão singular de aspectos, rotinas e dinâmicas vivenciadas no cotidiano que não podem ser revelados em documentos oficiais ou escritos. Como Certeau (1994, p. 31) explicita “o historiador do cotidiano se interessa pelo invisível”.

O estudo do cotidiano das instituições educativas tem focado as questões do dia a dia, os acontecimentos que possuem significados especiais, os hábitos cotidianos que estão permeados pela cultura de determinado lugar (CHIZZOTTI,

1999). Assim, o cotidiano escolar pode ser desvendado por meio de histórias deixadas em um passado longínquo muitas vezes esquecido, e que se faz relembrar em nossa memória a partir do momento que buscamos revivê-lo em nossas lembranças.

Para permear o estudo de fatos cotidianos buscou-se pesquisar como se davam as relações no dia a dia no ambiente escolar, direcionando o foco das entrevistadas para a rotina de sala de aula, para o relacionamento com as colegas, com as pessoas da Instituição (professores (as), irmãs, direção), lembranças da rotina fora de sala de aula, do horário do lanche, dos encontros, e das vivências cotidianas em geral.

Nunes (2003, p. 137) nos faz refletir sobre a importância de rememorar o espaço escolar quando considera que,

Lembrar-se do espaço escolar é lembrar-se também do entorno, do trajeto da casa à escola, percurso de descoberta e manipulação, de aventuras e perigos, de brincadeiras e desafios. É uma memória que se enraíza nos gestos de um local concreto e se torna emblemática, quando é conferida a instituição que lhe dá suporte à transmissão de valores da nação. Remete a um tempo preciso que a lembrança nostálgica muitas vezes esgarça. É o sinal de que se reconhece e pertence a certo grupo social e a uma determinada geração. Nesse sentido, a escola, como lugar de memória é simultaneamente material simbólica e funcional. A materialidade só se consagra no local de memória se possuir uma aura simbólica [...].

Quero destacar que, adentrar o espaço Institucional, conhecido por esta pesquisadora, mas numa época totalmente diferente, foi emocionante. Olhar para os semblantes daquelas que recordavam com emoção dos momentos ali vividos foi uma experiência singular e, que fez refletir sobre o papel do pesquisador no exercício de dar voz aos sujeitos, outrora esquecidos.

4.1 ASSIM DIZEM SEUS UTILIZADORES: O COLÉGIO A PARTIR DO OLHAR DAS EX-ALUNAS

Por meio dos depoimentos das ex-alunas do Colégio Regina Mundi, que estudaram no período de 1967 a 1970, é possível percorrer alguns momentos da

história da Instituição, que, muitas vezes, se confunde com a história de vida de cada uma das entrevistadas. Estes depoimentos permitiram identificar comportamentos e práticas cotidianas do fazer escolar, que possibilitaram compor um fragmento da história desta Instituição, por meio do olhar de seus utilizadores, as alunas das primeiras turmas Ginasiais do Colégio. Suas memórias deram corpo à narrativa do cotidiano escolar dando voz aos sujeitos, que realizaram seus estudos nesta Escola. Por outro lado, suas lembranças deixam ver a dinâmica diária e as estratégias utilizadas para implementar os ideais de formação pretendido.

Embora se saiba que o passado não possa ser totalmente recuperado, reaver fragmentos do cotidiano escolar por meio de objetos, fotos e lembranças pessoais, dá vida a um passado, que por si só não fala, mas na fala dos atores sociais se torna vivo e significativo. Assim, a análise dos depoimentos organizou-se com o objetivo de identificar como os ideais propostos pela Congregação das Damas da Instrução Cristã se faziam presentes no cotidiano das ex-alunas entrevistadas.

Quando da inauguração, o Ginásio Regina Mundi, como já mencionado, era uma Instituição de ensino feminina. A idade de ingresso das alunas variava entre 11 e 12 anos. Para ingressarem no ginásio necessitavam fazer o exame de admissão ao ginásio, que poderia ser feito tanto no colégio onde se concluía o ensino primário e ser apresentado o certificado do exame na ou ser realizado o exame na própria instituição.

Contudo, o ingresso das alunas no Colégio não se deu de forma aleatória. É possível observar, por meio dos depoimentos, que a escolha pelo Colégio passou, muitas vezes, por uma mera circunstância e, em outras, por uma aproximação de pensamento e ideal das famílias e da escola. Verificou-se, dentre os motivos da escolha, o fato de ser um Colégio para meninas, o fato de ser um colégio de freiras que primava pela formação humana, que primava por valores cristãos e por fim, a proximidade da casa das alunas também foi apontada durante as entrevistas. Vejamos alguns depoimentos:

Assim, puxando da minha memória, pelos cuidados que eu tinha, não só dos meus pais, mas das minhas irmãs que já eram bem mais velhas que eu, eu sou a caçula, era sempre assim, **essa visão de ter uma formação religiosa e que o colégio tinha essa proposta, de**

uma formação como pessoa, como ser humano de uma formação integral, humanística. (M.D., grifo meu)¹².

Eu estudava no Colégio Santa Cruz que era bem longe, fiz o 5º ano de admissão lá, depois quando eu fui para o Regina Mundi, eu tive que fazer o exame de admissão. **Meu pai nos mudou de colégio pela proximidade.** Eu morava na Avenida Tiradentes, onde é a Zero Sorvetes (J.D., grifos meus).

Olha, eu acho que **pela proximidade da escola**, e eu imagino que tenha tido alguma referência, de alguém que já tinha ouvido falar dessa Congregação, e assim...as irmãs eram do Norte, minha família toda era de lá, isso também deve ter influenciado. **Por ser um colégio de freiras, por causa da formação que outro colégio qualquer não teria.** Minha mãe foi fazer minha matrícula no Colégio quando ele ainda estava em construção. Tinha só uma irmã responsável lá numa tenda... (M.C.A.M., grifos meus).

Uma porque era só de meninas, né? E porque era **mais próximo de casa.** Eu morava na Avenida Tiradentes (M.G., grifos meus).

Eu fiz o primeiro ano de ginásio no **Colégio Santa Cruz**, e daí... talvez **por ser mais perto da minha casa**, eu morava na Rua Piratininga, aí eu ia a pé. O Santa Cruz era longe (K.E.B., grifos meus).

Os relatos que chamam atenção nas narrativas são aqueles que citam o fato da escolha do colégio se dever ao princípio de “formação humanística”, “formação religiosa”, “por ser um colégio de freiras” e “por ser só de meninas”. São relatos que nos possibilitam lançar um olhar acerca da importância que esta instituição tinha naquele momento, o de formar meninas, ou mulheres para viver em sociedade. Contudo, não era apenas uma formação formal e livresca que se buscava, mas uma formação que se voltava para os aspectos da moral cristã, pautada em princípios de formação humana.

É importante destacar, que mesmo as depoentes que justificam a proximidade da escola como fator de opção, a origem escolar anterior era também de uma escola confessional católica. O que pode revelar, por um lado, uma identidade das famílias maringaenses do período com a formação oferecida por estas Instituições e, por outro, a predominância de Instituições confessionais católicas no período.

¹² Optou-se por não mencionar os nomes das entrevistadas, utilizando apenas as iniciais de seus nomes e prenomes, embora as mesmas tenham assinado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – documento arquivado no Comitê Permanente de Ética em Pesquisa, envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá.

Ao recuperarem na memória “a formação humanística e religiosa” recebida é possível estabelecer uma correspondência com os ideais e os princípios formativos da Instituição, que pretendia “instruir, formando”, bem como, a busca de constituir um educandário que tivesse por proposta a “educação cultural, moral, cívica, física e religiosa”.

4.1.1 Outros espaços de aprendizados: a vida escolar além do currículo

Lembrar-se da rotina escolar suscitou nas ex-alunas lembranças de um cotidiano longínquo, mas que não foi esquecido, pois de acordo com Whitrow (2005, p. 43) “[...] a mente humana não só armazena uma fantástica massa de detalhes como pode reproduzir uma sequência de acontecimentos passados em ordem cronológica como se descobriu com o flash back [...] a memória é considerada há muito tempo concomitante ao nosso sentido”.

Quando as ex-alunas foram questionadas sobre as lembranças da rotina escolar, vários foram os apontamentos sobre a mesma.

As alunas ao chegarem ao colégio, deveriam se reunir no pátio, fazer fila e subir ordenadamente para as suas salas. Na entrada da sala eram vistoriadas para ver quem estava ou não com o uniforme completo. Antes do início da aula eram realizadas orações. A maioria das alunas relata que as orações aconteciam no início de todas as aulas. Uma das entrevistadas diz que não tem certeza se a oração acontecia apenas na primeira aula ou se em todas as aulas se fazia a oração.

Eu lembro que tocava o sinal, a gente se reunia no pátio, fazia fila, cada turma tinha sua fila. Eram turmas pequenas. Era de rotina, acho que uma vez por semana, não me lembro direito, ir à capela, fazermos orações. [...] Havia a questão do respeito aos professores, aos superiores, à Madre, todas as vezes que ela entrava na sala nós nos levantávamos, então esses critérios de organização, de reverência, de geração, de posição, existia (M.D.).

Lembro da fila que fazia no pátio para subir [...] fazíamos orações, íamos à Capela (J.R.).

Eu lembro que tinha disciplina. Outra coisa, mas eu não sei se porque o colégio era pequeno, a turma era pequena, todo mundo era

muito unido, então tinha essa união. Tinha disciplina, tinha fila [...] Quando entrava na sala tinha que rezar, dependendo da aula nem era só na primeira aula que rezava, dependendo do professor, independente do horário que era a aula dele, ele fazia uma oração (M.C.A.M.).

A gente fazia fila no pátio antes de subir [...] Entrava turma por turma, na sala fazia oração, todo mundo levantava, aí depois começavam as aulas (M.G.).

Lembro. Tinha fila... Eram aulas normais, cada disciplina um professor diferente (K.E.B.).

São muitos os elementos que podem ser observados nas entrevistadas, contudo, focaremos algumas delas. A referência a disciplina existente é reincidente nos depoimentos. No olhar das alunas havia muito disciplina na rotina escolar. É importante considerar qual era o conceito de disciplina que pode ser percebida. “Formar fila”, “Entrava turma por turma”, “respeito aos professores, aos superiores”, “critérios de organização, de reverência, de geração, de posição”. Muitos dos referenciais guardados pelas ex-alunas pertencem a outro momento histórico.

A ideia de disciplina se liga a um tipo de ordenamento, a fila, e o respeito à ideia de superioridade. Estes parâmetros se alteraram ao longo do tempo. Contudo, é importante destacar o poder que a rotina escolar exerce na formação dos comportamentos. A questão disciplinar não pareceu causar estranhamento às entrevistadas, pois durante as entrevistas pareceu-me natural a forma como apontaram esta organização cotidiana.

Costa (2002) aponta que a maneira de obter a disciplina na escola é por meio das regras, que convencem, de certa forma, o indivíduo a moldar-se aos objetivos da instituição. Desta forma, qualquer forma de organização cotidiana pautada na disciplina pode ser entendida como natural.

A referência a oração no início das aulas e visitas à capela deixa ver uma rotina que intenciona, muito além da formação exigida pelo currículo oficial. Busca-se por meio desta rotina formar o hábito, o costume, instituindo nos sujeitos uma identidade com a moral religiosa. Observa-se, assim, alguns dos mecanismos utilizados para implementar o ideário da Instituição no que diz respeito à formação cristã. Resta perguntar se este ideário se efetivou no cotidiano destes sujeitos fora da escola.

O uso do uniforme pode ser entendido também como um elemento que objetiva identificar, criando uma identidade nos sujeitos e os distinguindo dos demais. O significado da palavra uniforme no dicionário Aurélio (FERREIRA, 1993, p. 555) “uniforme adj.1. Que só tem uma forma” faz refletir sobre a prática de seu uso. É possível pensar que o uniforme também traz consigo elementos identitários.

Uma vez uniformizados os sujeitos assumem a identidade de estudante, se diferenciando daqueles que não o são. Passam a pertencer a uma comunidade de sujeitos, tornados iguais enquanto aprendizes que são. Por outro lado, os diferentes uniformes escolares trazem as cores, os modelos, o emblema, o símbolo de uma comunidade escolar específica. Estes símbolos visuais carregam consigo o poder de, por um lado, distinguir os seus estudantes dos demais e dar-lhes, por outro, um sentimento de pertencimento a uma comunidade escolar específica. Durante as entrevistas as ex-alunas lembraram com orgulho de suas vestimentas, descrevendo, com riqueza de detalhes seus uniformes. Vejamos:

Saia de preguinhas azul-marinho, blusa branca, com escudo do colégio, meia branca, sapato preto. É o que eu me lembro... (J.R.).

Saia e blusa, e não tinha moleza, não tinha essa de ir de calça comprida, não tinha essa de ir sem uniforme de jeito nenhum. Tinha o uniforme de gala, que a gente quase morria de calor, com a blusa “Volta ao mundo”. Era usada em desfiles (M.C.A.M.).

O uniforme era saia pregueadinha, tinha uma blusa de tergal, parece, tinha um cós, com botão embutido, manguinha... tinha o distintivo que não era estampado na camisa, a gente pregava com alfinetinho. Era um distintivo que comprava separado. Tinha um outro uniforme para desfiles, missa, de um tecido que não amassava; de manga comprida, que calor que passávamos com aquele uniforme! Não podia ir sem uniforme de jeito nenhum. Não entrava no colégio (M.G.).

[...] todos os sapatos iguais, meia 3/4, saia de preguinha, a blusa tinha um viés, era fofinha. Ah! Tinha o uniforme de gala, que o tecido se chamava “volta ao mundo”, veja só... Era um tecido que não amassava, que se usava em festas, desfiles, missas. Tinha uma bermuda comprida que usávamos embaixo da saia para fazer educação física. Tinham todas essas normas, que não deixavam de dar muita segurança pra gente, dar conforto, que apesar da escola ter todas essa sequência, esse ordenamento, havia um carinho muito grande por nós (M.D.).

Saia azul-marinho, blusa branca. Tinha um escudo aqui do lado (esquerdo) escrito “Duc in Altum” que significa “sempre para o alto” (K.E.B.).

É possível observar, ainda, que o Colégio, além do uniforme do dia a dia, possuía um “uniforme de gala” usado em ocasiões especiais. Estas ocasiões eram “festas, desfiles e missa”. Este uniforme é descrito como diferente, pois era feito de “blusa volta ao mundo” e possuía “manga comprida”. Foi preservada na memória das ex-alunas a distinção entre os uniformes. As blusas feitas com tecido “volta ao mundo”, foram bastante usadas nos anos de 1960. Era uma novidade do vestuário, o tecido era vendido somente nas melhores lojas de tecidos e de roupas prontas da cidade. Era um traje especial para ocasiões especiais.

O detalhe da “manga comprida” não passa despercebido. A roupa comunica às pessoas uma mensagem. Mesmo sob o calor dos trópicos não se dispensava a manga comprida, “que calor que passávamos com aquele uniforme”. As ocasiões requeriam um traje mais adequado, exigiam mais apuro no vestir. Vestir-se adequadamente faz parte do aprendizado de boas maneiras, limitações inerentes ao sentimento de respeito. Em locais de festa, a etiqueta faz parte do comportamento educado, é um sinal de respeito e de boa conduta à ocasião. Numa missa ele deve também expressar o recolhimento necessário à oração.

Ter etiqueta e boas maneiras é conquistar, ou melhor, disciplinar para o refinamento, indicando o respeito por valores morais que tem no bom comportamento um modo de vida. Desta maneira, o uso de um uniforme especial para determinadas ocasiões pode nos falar da intenção de formar comportamentos respaldados em boas maneiras.

É importante considerar a importância atribuída pelas ex-alunas ao uniforme como sinal distintivo e identificador. Dentre as recordações, ainda guardadas, um desenho de uma das ex-alunas, permitindo uma visualização de suas descrições.



Figura 5: Uniforme representado por meio de ilustração – 1968
 Fonte: Caderno de recordações de J.D.

Por meio das declarações percebe-se que não houve qualquer resistência ao seu uso ou que não gostavam de usá-lo. Pelo contrário, a própria representação de si, por meio do desenho, foi pensada usando o uniforme. Houve uma fala que chamou atenção quanto ao uso do uniforme, quando a entrevistada relata que,

[...] creio que devia gostar (do uniforme) não me sentia contrariada com seu uso, pois como eu gostava do colégio, o uniforme era uma referência de que eu era aluna dele. Creio que o uniforme dá às pessoas uma referência de pertença, de uma identidade. No mundo moderno, onde se privilegiam as diferenças, o uso do uniforme pode parecer contrariar essa exigência. Deve se ressaltar que esta diferença está muito mais pautada numa ordem de imagem (aparência), do que de uma identidade particular propriamente dita; trata-se um fenômeno da atualidade, efeitos da globalização (M.D.).

Neste caso o uniforme é entendido como aquele que dá um senso de identidade, de referência, de pertença. Observa-se que, para esta ex-aluna, em especial, usar o uniforme a incluía a um determinado grupo que lhe dava identidade. Uma vez uniformizada fica secundarizada a identidade individual e uma identidade coletiva é incorporada.

Pelos depoimentos é possível observar que o uso uniforme do Colégio era obrigatório, sendo rigorosamente vistoriado o seu uso. Assim relata uma ex-aluna:

[...] me lembrei de algo curioso...Hoje o emblema do colégio é estampado na camiseta, mas antes não, a gente carregava o escudo, e prendia ele com alfinete na blusa, e quem não viesse com o escudo não entrava. (M.D.).

Contudo, é importante considerar que mesmo diante de todo o rigor exigido, as alunas nem sempre aceitavam de forma passiva aquilo que lhes era imposto, seguindo de maneira rigorosa as regras e determinações. Pode-se fazer menção à ideia de Certeau (1994) no que diz respeito à sobrevivência dos sujeitos diante das estratégias impostas, sendo que os sujeitos irão se apropriar dos bens culturais à sua maneira, usando táticas para sobreviver no cotidiano, reinventando as práticas e dando-lhes um novo significado.

Assim, nem sempre a disciplina era aceita de forma estática e sem resistência. Ao discorrer sobre o uso do uniforme, duas das entrevistadas relatam detalhes interessantes que deixam ver a utilização de táticas pelas alunas para driblar as regras do cotidiano,

[...] já naquela época, naquele tempo, a gente já transgredia as regras [...] a gente fazia as nossas contravenções, longe dos olhos dos professores ou de quem fosse cuidar de nós. Sempre acontecia de uma ou outra aluna esquecer o escudo do colégio, e a minha sala é aquela bem do cantinho da entrada, entrando pela Rua Estácio de Sá, pela escadaria lateral, a minha sala era a primeira à direita [...] e, estou te falando aqui, que para entrar na sala precisava mostrar o escudo, mas eu não consigo dizer ao certo como conseguíamos fazer isso, pois se precisávamos fazer fila para entrar para sala lá no pátio para subir, não sei como eu fazia isso, mas nós conseguíamos passar pela janela o escudo, quem já estava dentro e mandar entregar para colega. Já faz muito tempo, mas eu lembro que havia essas contravenções, dava-se um jeitinho de conseguir burlar essas regras. Mas tinha esse formato, da gente fazer longe dos olhos da autoridade, referente ao respeito que tínhamos por ela (a autoridade), pelo menos na frente dela (M.D.).

[...] eu lembro de um dia que a irmã resolveu medir a saia. A saia devia estar quatro dedos acima do joelho. Bem... naquele dia eu resolvi ir com uma saia mais compridinha, porque eu tinha umas que eram mais curtas. Então naquele dia deu tudo certo. Eu tinha duas, três, aí deu certo de eu ir com uma mais comprida (J.R.).

“Passar pela janela o escudo” ou ter saia mais curta que o permitido foram maneiras utilizadas por estes sujeitos para apropriarem-se das regras à sua maneira, modificando-as pelos seus usos. Interessante observar a maneira como a entrevistada se refere ao passado, afirmando que “naquele tempo a gente já transgredia as regras”, dando a entender que a transgressão só é algo do presente. As regras podem ser burladas, pois os sujeitos podem resistir ao ter que aceitá-las, uma vez que não são seres passivos.

Voltar para casa ou receber algum tipo de punição não era algo que se desejasse, por isso dava-se um jeito de conseguir entrar na sala usando um tipo de tática para atender a exigência da normatização quanto ao uso do escudo. Quanto ao “comprimento da saia” era regra que a saia fosse quatro dedos acima do joelho. Contudo, nos dias em que não havia esta conferência arriscava-se o uso de saias mais curtas, deixando ver, que longe do olhar das autoridades, o que acontecia era algo diferente do exigido.

4.1.1.1 Os símbolos: hinos e elementos religiosos

Cantar o Hino Nacional, fazer orações, formar a fila, cumprir normas são algumas das práticas do agir cotidiano que buscam inculcar no sujeito uma forma de ser que ainda não é sua, intencionando construir uma subjetividade diferente da existente.

Com relação à exigência de cantar o Hino Nacional é importante lembrar o contexto do governo militar daquele momento. Morales (2002, p. 108) pontua que “[...] o nacionalismo era um vetor de peso nas práticas políticas desse regime e atingia a escola, as relações sociais de trabalho e o lazer. Os alunos se perfilavam em dias específicos diante da bandeira e cantavam o hino nacional”. Com relação a esta prática, assim relataram a ex-alunas:

[...] tinha que cantar hino lá no pátio. Cantava-se o hino nacional, não me lembro assim, como era a distribuição, mas tinha época que cantava o hino de Maringá. Bom o Hino do Colégio cantava-se sempre. Aí tinha o Hino Nacional, Hino à bandeira [...] (M.C.A.M.).

[...] a gente fazia fila no pátio antes de subir, de segunda-feira cantava o hino [...] também cantava-se o Hino do Colégio, muito, sempre...ainda me lembro do Hino[...] (M.G.).

[...] cantava-se o Hino Nacional, só não me lembro com que frequência [...] cantava-se o Hino do Colégio [...] (K.E.B.).

[...] lembro que cantávamos o hino do colégio no pátio [...] eu me lembro que cantávamos o Hino Nacional e o Hino do Colégio, toda semana (J.R.).

Embora se saiba que cantar o Hino em reverência e respeito à Pátria fosse algo comum naquele momento histórico, só se pode afirmar que ele fazia parte da rotina semanal da Instituição, por meio dos depoimentos dos sujeitos envolvidos naquele cotidiano. Percebe-se que houve na Instituição o intuito de desenvolver no educando o respeito à Pátria e aos seus símbolos.

É importante destacar que além dos Hinos Cívicos, cantava-se o Hino do Colégio, buscando enaltecer seus valores e sua filosofia educacional. Vejamos sua letra:

**Regina Mundi é berço de Esperança
Que ilumina a senda da instrução**

Concedendo à alma da criança
A ventura que é compensação
Templo soberbo, casa da cultura,
A criança sempre ele conduz
Ao caminho reto da aventura,
Que é sorriso, fé e doce luz...

Refrão

Em Deus, que dirige a nossa vida,
Deixamos viver nosso ideal
Que a fé nos exorte e nos convida
À luz de ventura sem igual...

Regina Mundi, em ti a Pátria espera
O porvir que um dia sorrirá,
Como o sol de nova primavera
Que fará maior o Paraná.
Este teu nome lindo e fulgurante
Há de ser a imagem do perfil
De um futuro altivo e cintilante
Que de nós espera o Brasil

Refrão

Em Deus, que dirige a nossa vida,
Deixamos viver nosso ideal
Que a fé nos exorte e nos convida
À luz de ventura sem igual...¹³

Pode-se observar que a letra do hino, intenciona destacar a importância do colégio na formação dos sujeitos, enfatizando seu ideal de formação cristã, que conduziria os educandos por um caminho “reto”. Por outro lado, também há uma preocupação de externar o seu compromisso para com a Pátria e a nação brasileira.

Pelos depoimentos é possível observar que o canto dos diferentes hinos fazia parte do ritual cotidiano da escola. Os hinos fazem emergir um sentimento de pertença a algum país, estado, cidade ou mesmo a determinada comunidade. Em relação ao Hino do Colégio, embora se observe elementos cívicos, estes na estão desvinculados do princípio de formação cristã, deixando fortemente marcada a identidade institucional. A prática cotidiana de seu canto pode ser entendida como mais uma estratégia de criar uma “atmosfera” cristã, deixando ver seus valores e, também, de criar nos sujeitos que o cantava rotineiramente um sentimento de identidade e pertencimento a aquela comunidade.

4.1.1.2 Espaço escolar: laços que se firmam e reafirmam

No pátio, na hora do recreio, as alunas se sentiam livres da rotina da sala de aula. Para sair para o recreio havia um sinal que as orientava. Para voltar do recreio havia também um sinal que as alertava, informando que este tempo de descontração havia acabado. As vivências neste espaço são lembradas como muito boas, os depoimentos relatam que,

Tinha a cantina onde nós podíamos comprar o lanche, **e eu tinha umas amigas mais próximas**, eram aquelas amigas que a gente ficava mais junto [...] a gente tinha aquela coisa de nem todo mundo trazer lanche, e quando alguém levava algum dinheirinho **a gente comprava aquela paçoquinha “Amor” que tem até hoje e dividia**

¹³ Letra do Hino: Ari de Lima e Anicetto Matti. **Fonte:** <http://www.reginamundi.com.br/pg_colegio_hino.php>. Acesso em: 11 set. 2011.

por todas. [...] essa lembrança é algo muito bom, de compartilhar (M.D., grifos meus).

O recreio era no pátio, aquele pátio que tem ainda, era bem grande, sem construção. **A gente brincava muito no pátio** (J.D., grifo meu).

Lembro da cantina que eu ia comer paçoquinha. **A gente ficava lá caminhando e conversando (no pátio)** (K.E.B., grifo meu).

Era tudo muito bom. Tinha a cantina com a Irmã Venância, tomando conta da cantina, brava sabe? Mas um amor de pessoa. **A gente brincava de queima, ping-pong. Era uma maravilha, não tinha essa história de celular, de internet, era brincadeira mesmo, conversando, fofocando, brincando, tinha brincadeira mesmo, era muito bom** (M.C.A.M., grifo meu).

Às vezes a gente levava lanche ou comprava. Como era um colégio grande, tinha muita terra, não era gramado, um terreno bem grande. No pátio debaixo era o lanche. **A gente ia lanchar debaixo das bananeiras que tinham... árvores, não sei, pra mim acho que era bananeira.** A gente fazia o lanche eu lembro que era um local distante das escadas, **até quando tocava o sinal a gente vinha correndo para fila** (M.G., grifo meu).

Os laços de amizade, a divisão do lanche, as brincadeiras, os locais preferidos, a fila de retorno à sala são lembranças que deixam ver as experiências e vivências próprias da cultura escolar. As ex-alunas relatam com satisfação estas práticas que revelam o fortalecimento das relações de convívio em grupo, de partilha e de descontração. Ao fazerem referência a questão da convivência com as amigas, alguns relatos chamam atenção. Vejamos:

Era o máximo. Não era muito uma sala de aula, a partir de um determinado momento era como se fosse uma família, era uma família. Era muito bom. Tinha esse rigor da disciplina, mas a gente adorava. Ninguém queria matar aula. Ninguém gostava de ficar longe do Colégio... (M.C.A.M.).

Eu lembro muito das minhas amigas do ginásio. Foi uma época muito boa. O colegial passou tão rápido que eu nem lembro muito bem, eu não saberia descrever. Do Regina Mundi foi muito marcante (M.G.).

Havia companheirismo e solidariedade entre as alunas. Não me lembro de alguém ser rejeitada. Tinha na minha turma uma mocinha carente que fazia parte da minha turma de amigas, ela estava integrada, ninguém a excluía por isso (K.E.B.).

A vida escolar foi relembrada como um momento singular, de boas experiências “... foram apenas 4 anos, mas foram tão intensos que a gente consegue levar isso pra

toda vida...” (M.D.). Esta expressão possibilita dimensionar a importância assumida pela escola na vida dos sujeitos. Da mesma maneira, quanto se sente que “a partir de um determinado momento era como se fosse uma família” (M.C.A.M.), se identifica no ambiente escolar referenciais afetivos, que vão para além do conteúdo curricular obrigatório, embora seu fim primeiro seja a transmissão de um saber elaborado. Assim relata uma ex-aluna “Elas (as irmãs) tinham muita preocupação com o conteúdo, e muita preocupação com a formação dos alunos...” (M.C.A.M.).

A satisfação que as ex-alunas sentem por terem feito parte do Colégio fica evidenciado em seus depoimentos. Assim, relatam:

[...] acredito que a escola atendia minhas expectativas, tanto que quis colocar as minhas filhas no mesmo colégio quando voltei para Maringá. [...] eu também tenho as minhas amigas até hoje, embora com a rotina da vida moderna não conseguimos mais nos encontrar, mas quando nos encontramos é muito bom. [...] foram apenas 4 anos, mas foram tão intensos que a gente consegue levar isso pra toda vida, vive isso como se fosse presente. Sei que o colégio já mudou que as irmãs já não são tão presentes no cotidiano, porque hoje o colégio é muito grande, mas ainda tem o clima, de “família Regina Mundi” (M.D.).

Adorava estudar no Regina Mundi, era muito bom, me lembro com muito carinho. Me lembro das minhas amigas, me lembro com muita saudade (K.E.B.).

[...] era muito bom, era muito bom, eu acho que principalmente pelo colégio estar começando e ter poucos alunos, era como se fosse uma família, como se fosse a casa da gente, era muito bom. Elas (as irmãs) tinham muita preocupação com o conteúdo, e muita preocupação com a formação dos alunos, que eu acho que é a marca registrada dessa congregação (M.C.A.M.).

[...] foi uma época muito boa. Eu gostava muito de estudar no Regina Mundi. Foi uma fase muito boa de amizades, de companheirismo; uma fase que eu me destaquei, eu estudava muito, tinha notas boas. Nós estudávamos muito eu e minhas amigas para ajudar uma amiga que tinha mais dificuldade. Era muito bom (M.G.).

Os relatos das ex-alunas exprimem a importância dos momentos de convivência que tiveram no colégio. A solidariedade e o respeito entre as alunas é algo que pode ser verificado quando elas mencionam suas ações cotidianas. Quando indagadas sobre o porquê dessa convivência tão próxima, as entrevistadas relataram que isso era algo vivido no cotidiano na Instituição, que era intrínseco, que

se sentiam em uma família e que as irmãs favoreciam esse sentimento, pois eram muito próximas a elas e estavam atentas às suas necessidades.

4.1.1.3 Práticas escolares: uma identidade religiosa

As irmãs da Congregação das Damas da Instrução Cristã trazem para a cidade de Maringá seu projeto de educação, expressado nos dizeres “sacrifício e consagração à juventude”, slogan da Congregação, e embasado na filosofia de Madre Agathe Verhelle, fundadora da Ordem, proveniente da Bélgica. É possível observar que, no momento de fundação do Colégio em Maringá, na década de 1960, as irmãs mantinham-se ligadas às suas raízes culturais de origem. Nos depoimentos, as ex-alunas fazem menção às aulas de francês que eram ministradas, e aos discursos que eram feitos em francês quando alguma das superiores vinha da Bélgica,

Sabe que festa que eu lembro, essas eu lembro, essas eram memoráveis: quando vinha uma superiora da Bélgica, aí minha filha, era “festona”, a gente fazia discurso em francês para ela, sabe? Isso eu lembro que tinha (M.C.A.M.).

O discurso em francês feito, pelas alunas, mais de que revelar a língua de origem da Congregação, permite adentrar numa prática escolar que identifica a Instituição. A importância atribuída a estas ocasiões: “era ‘festona’”, pode nos falar do valor atribuído pelas irmãs à Congregação que deu origem a escola e também do respeito à autoridade que a representa. Envolver as alunas em atividades desta natureza pode ser interpretado como uma intenção de criar, nestes sujeitos, um sentimento de valor e respeito à Instituição e ao seu projeto de formação.

Outras práticas culturais incorporadas ao cotidiano podem ser observadas nos símbolos religiosos espalhados pelo colégio que lhe confere identidade de uma instituição educativa confessional católica, com um objetivo definido e que se caracteriza, também, pela simbologia,

Na sala de aula tinha símbolos religiosos, tinha crucifixo, tinha Nossa Senhora pelo colégio todo. Tinha uma Nossa Senhora que eu lembro dela até hoje, que ficava na capela. Mas assim, você ia andando pelo colégio tinha várias imagens, crucifixo pelo colégio todo, tinha muito...As freiras andavam de hábito com aquele crucifixo grandão pendurado. Os padres que já andavam “a paisana” vamos dizer assim, mas sempre com o crucifixo pendurado (M.C.A.M.).

Havia crucifixos pelo Colégio. As imagens de Nossa senhora. As irmãs, a capela, sempre que tinha algum evento tinha missa, as frases nas paredes, as leituras, essas coisas. A presença das irmãs já suscita essa religiosidade (M.D.).

Além da simbologia incorporada ao local, há também as aulas de Ensino Religioso, que tinham em sua constituição uma forma de refletir sobre o modo de viver pautado em um ideário cristão. Como afirma Munhoz (2010, p. 1) “As escolas confessionais tem sua estrutura interna permeada pela confessionalidade, na sua administração e projeto acadêmico: no seu estatuto, sua ética, na presença [...]”. Pelas palavras das ex-alunas e seus relatos é possível construir uma narrativa em que se evidencie o cotidiano institucional daquela época,

Eu lembro que toda aula de religião, a aula começava assim: “Religião é vida, a sua religião é a maneira como você vive”. Então assim, dava mais ênfase para o seu jeito de viver, do que para os rituais, não que não se levasse em conta, não se valorizasse a obrigação de ir à missa, de confessar, comungar, mas batia muito em cima disso, a religião da gente é a maneira como a gente vive (M.C.A.M.).

Com o Padre Geraldo a gente tinha encontros, retiro sabe? Tinha retiro. Era uma delícia, não lembro em que ano. A gente passava o dia, de final de semana, levava lanche; tinham as meninas. Esses encontros eram promovidos pelo colégio (M.G.).

“Religião é vida, a sua religião é a maneira como você vive”. Esta expressão deixa ver uma preocupação com o levar os sujeitos a praticarem os preceitos cristãos, muito mais de que a mera participação em rituais. Levar à prática é o grande desafio, uma vez que exige mudança de comportamento. Como levar os sujeitos à prática dos preceitos cristãos? Observa-se que, com esta preocupação, a Escola munia-se, em seu cotidiano, de estratégias que buscavam a formação humana.

Percebe-se, pelas vozes dos sujeitos, que o cotidiano escolar revelava o seu projeto de formação cristã e humana. Nos registros escritos, como as folhas de registro institucional e o escudo do colégio, encontram-se os dizeres “Duc in Altum”, que quer dizer “Sempre para o Alto”. Este lema pode ser interpretado como um voltar-se para Deus, mas também, e, fundamentalmente, um voltar-se para as coisas do alto, para as coisas sublimes e de elevação do ser humano. Nas vozes dos sujeitos este ideal se torna mais claro, mais vivo e com um significado que é expresso por aqueles que participaram da construção da identidade desta Instituição no início de sua fundação.

4.2 ASSIM DIZEM SEUS SUJEITOS: O COLÉGIO A PARTIR DO OLHAR DAS EX-PROFESSORAS

Nos Estatutos do Ginásio Regina Mundi do ano de 1967 (ANEXO A), no capítulo V, sobre os professores, lê-se,

Dos professores

Artigo 10º - O Ginásio admitirá como membros do Corpo Docente, as pessoas capacitadas ao magistério, mediante apresentação de diplomas, certificado de habilitação e outros documentos que lhe aprouver exigir.

§ Único - A nomeação ficará a critério da Presidente.

Artigo 11º - Os membros auxiliares submeter-se-ão aos Estatutos em vigor, aos pontos disciplinares, acatarão e cumprirão as ordens emanadas da Diretoria e prestarão os serviços que lhes forem designados.

b) Os regentes de classes ficam obrigados a comemorar as festividades e datas nacionais, estaduais e municipais escolares. (ATA QUE CITA O ESTATUTO DO GINÁSIO REGINA MUNDI, 1967, p. 7).

Observam-se, neste capítulo do Estatuto, as obrigações dos professores na Instituição, a forma de nomeação e de admissão. Deve-se salientar a obrigatoriedade de comemorar as festas e datas nacionais, estaduais e municipais, fazendo ver, mais uma vez, a preocupação com as comemorações civis e patrióticas.

Vale destacar que, durante as entrevistas com as professoras pode-se perceber o apreço que ambas conservam pelo Colégio Regina Mundi, visto que fazem menção a ele com saudade e respeito. As ex-professoras se remetem ao “seu tempo de professora” como sendo um tempo bom, que gostavam da profissão e fazem alusão a esta vivência como positiva. Vejamos:

Eu adorava dar aula lá. As turmas eram pequenas e nós convivíamos muito bem. Naquele tempo a gente tinha aquele afã de ser perfeita, de mudar o mundo, eu gostava de dar aula (M.E.).

Eu me sentia feliz, porque eu gostava do que eu fazia, porque não tem nada melhor do que você fazer o que você gosta (A.O.F.).

Estes depoimentos podem falar do exercício profissional de professoras que se orgulhavam do trabalho docente. Por outro lado, a importância destacada pelas depoentes quanto à relação professor-aluno, “nós convivíamos muito bem”, deixa ver, por um lado, o entendimento de que a prática escolar requer elementos outros para o bom desenvolvimento de suas atividades. Por outro lado, pode falar, também, de um ambiente tranquilo e harmonioso vivenciado no interior da Instituição. Assim relatam as ex-professoras:

O professor era respeitado, era um “deus” para eles, ou seria a continuação do lar. A educação e respeito vinham de berço. Graças a Deus na minha época de magistério eu fui muito feliz. [...] as alunas eram muito educadas, havia um respeito muito grande pelos professores (A.O.F.).

As meninas eram todas muito comportadas, nosso relacionamento era de respeito. Elas eram muito educadas, estudiosas. [...] a sala de aula era aquele silêncio, as meninas eram muito comportadas. Havia meninas muito comportadas, meninas bem dedicadas, gostavam de ler (M.E.).

“Graças a Deus na minha época de magistério eu fui muito feliz”. Esta expressão pode nos indicar, mais do que um perfil religioso da professora, uma experiência, “na minha época”, em que um suposto contexto ideal para o ensino foi vivenciado. Por outro lado, leva a pensar em outras épocas ou lugares em que este contexto favorável poderia não existir, tal como se concebia ou descrevia. Como a

própria professora destaca, o gosto pelo exercício da profissão “eu fui muito feliz” vem acompanhado fundamentalmente de elogios ao comportamento das alunas.

No contexto descrito como ideal, o relacionamento de respeito salta aos olhos como elemento principal na relação professor-aluno e de ensino-aprendizagem. As ex-professoras representam as alunas como comportadas, fazendo menção ao “bom comportamento” das mesmas durante vários momentos da entrevista. A figura da professora era respeitada, tanto pelos pais como pelas irmãs, direção e alunas. É visível nos depoimentos como as professoras afirmam a facilidade de lidar com o comportamento das alunas e como isto facilitava o trabalho docente. Vejamos:

Todo professor sonha com um ambiente desse, com uma sociedade voltada para esse tipo de educação. Era o ideal de uma sala de aula (M.E.).

As alunas eram muito educadas, havia um respeito muito grande pelos professores. [...] eu gostava, eu adorava minhas alunas, então isso aí cria aquela “química” né? Tanto eu gostava delas, como elas gostavam de mim (A.O.F.).

O comportamento das alunas é representado de forma positiva a todo instante, o que dá uma noção homogeneizada do ambiente cotidiano da sala de aula. Contudo resta-nos perguntar se este comportamento “educado” não se diferenciava de aluna para aluna, ou, se, longe do olhar das autoridades este comportamento não seria outro. É importante lembrar que, na década de 1960, o auto regular-se dependia de elementos externos de imposição. O aluno regulava-se pela autoridade externa que se impunha e não pelo desenvolvimento de uma consciência interna reguladora dos atos, fortemente presente nos dias atuais. Outros tempos, outras práticas, outros valores. O “bom comportamento” destacado pelas entrevistadas deixa ver a importância atribuída a ele. Vejamos:

A sala de aula era aquele silêncio, as meninas eram muito comportadas. Havia meninas muito comportadas, meninas bem dedicadas, gostavam de ler [...] as meninas eram todas muito comportadas, nosso relacionamento era de respeito. Elas eram muito educadas, estudiosas [...] era o ideal de uma sala de aula [...] eu tinha gosto de preparar as aulas, a gente tinha um retorno (M.E.).

Nos relatos as ex-professoras descrevem o silêncio em sala, a dedicação aos estudos, o relacionamento de respeito como qualificativos do bom comportamento descrito. Outros elementos são descritos, como o sinal de reverência a autoridade do professor. Vejamos:

Nós chegávamos ao colégio, fazíamos fila. Subíamos com as alunas, depois quando entrávamos na sala, as alunas ficavam em pé. No início das aulas fazíamos orações e todo mundo compenetrado. Depois as alunas sentavam, se fazia a chamada e dava início às aulas. Todo professor sonha com um ambiente desse, com uma sociedade voltada para esse tipo de educação (M.E.).

O ambiente de sala de aula é descrito, pelas entrevistadas, como ideal para o desenvolvimento das atividades docentes, “todo professor sonha com um ambiente desse”. É possível interpretar que as descrições feitas trazem, na sua própria expressão, um sentimento saudosista, de uma época passada e percebida não apenas como diferente, mas como a melhor da vivenciada em outros espaços e tempos. As representações feitas pelas professoras das ex-alunas podem falar, também, sobre um modelo ideal de comportamento daquele momento e, de como este modelo esteve presente no cotidiano da escola.

Contudo este comportamento ideal possuía, também, uma relação com o tipo de formação intencionada pela Instituição. As ex-professoras se remetem ao projeto de formação humana, referindo-se a um ideal de formação integral, reafirmando a questão da formação dispensada às alunas pelo colégio,

No Regina Mundi tinha a orientação voltada para a formação humana. Mesmo quando eu substituí uma professora em outra época diferente, eu continuava a perceber essa orientação de formação humana [...]. Os alunos são preparados pelas irmãs com o cuidado que elas têm de formação integral, de formação humana (M.E.).

Bom elas pregavam muito a religião católica. Me lembro que a religiosidade permeava o cotidiano escolar. Isso era muito vivido (A.O.F.).

É possível observar que no conceito de formação integral e formação humana estavam presentes elementos de formação cristã. Neste sentido, os relatos deixam ver quais foram as formas ou estratégias de implementação deste ideal de formação. As ex-professoras relatam que,

No dia a dia me lembro que as irmãs trabalhavam muito com historinhas sobre Jesus, sobre o nascimento de Jesus. Era bem trabalhado isso, através de histórias, nas orações que eram sempre feitas em sala de aula, nas frases pelo corredor (A.O.F.).

A filosofia delas era de formação humana, educação integral. Era uma filosofia inovadora. Isso era vivido no cotidiano. Além disso, tinham as aulas de religião, assim com as festividades realizadas. Comemorava-se o mês de Maria sempre, havia missas, ia-se à Capela. Faziam-se orações todos os dias antes de iniciar as aulas, era assim que eram transmitidos esses valores, esses ideais (M.E.).

Histórias, orações, dizeres cristãos estampados nas paredes, aulas de religião, festividades cristãs, missas, um espaço próprio para o recolhimento e oração – a capela – foram algumas das estratégias que buscavam imprimir nos sujeitos valores formativos cristãos, intencionando uma elevação intelectual e espiritual do ser humano. É importante lembrar como a Igreja Católica entendia e entende o princípio de formação no âmbito da escola católica, bem como a sua missão de acordo com as diretrizes da Igreja.

No Diretório para o Ministério Pastoral dos Bispos (2005) encontra-se a orientação sobre a escola católica, explicitando a sua missão. Este Diretório está pautado nos artigos do Código de Direito Canônico reformulado no ano de 1983 e baseado na versão anterior do ano de 1959. Assim diz que,

A escola católica ocupa um lugar importante na missão salvífica da Igreja, uma vez que nela é ministrada uma formação completa da pessoa, educada plenamente na fé e num verdadeiro espírito cristão (DIRETÓRIO PARA O MINISTÉRIO PASTORAL DOS BISPOS, 2005, p. 146).

Pode-se analisar, diante da consideração acima exposta, que a escola católica é uma extensão da missão da Igreja de formar o homem com um espírito cristão. E ainda,

A identidade católica da escola leva à promoção do homem integral porque é em Cristo, homem perfeito, que todos os valores encontram a plena realização e, portanto a sua unidade. Por isso, a escola católica procura realizar uma síntese entre cultura e fé, entre fé e vida, mediante a integração dos vários conteúdos do saber humano à luz da missão evangélica, e através do desenvolvimento das virtudes que caracterizam o homem honesto e o bom cristão (DIRETÓRIO PARA O MINISTÉRIO PASTORAL DOS BISPOS, 2005, p. 146-147).

A intenção de formação moral e cristã é fortemente marcada no documento que busca dar diretrizes para as escolas confessionais católicas de forma geral. Contudo, é importante considerar que estas escolas possuem orientações múltiplas, sendo fundamentadas em ideais e pensamentos de suas respectivas congregações, dando-lhes uma identidade própria. Os rituais de seu fazer cotidiano, a forma como as suas práticas são percebidas e vivenciadas por seus utilizadores podem falar da singularidade de seu fazer e de seus ideais formativos.

4.3 COTIDIANO ESCOLAR: CONSTRUINDO UMA MATERIALIDADE

A fotografia tem uma realidade própria que não corresponde necessariamente a realidade que envolveu o assunto objeto de registro, no contexto da vida passada. Trata-se da realidade do documento, da representação uma segunda realidade, construída, codificada, sedutora, em sua montagem, em sua estética, de forma alguma ingênua, inocente, mas que é, todavia, o elo material do tempo e espaço representado, pista decisiva para desvendarmos o passado (KOSSOY, 2002, p. 22).

Pelas palavras de Kossoy (2002) entende-se que a fotografia tem uma intenção, ela é a representação de algum fato que se quer deixar registrado. Assim como os outros documentos é intencional, alguém deixou algo registrado e preservado para ser transmitido a alguém. As fotografias, portanto, podem ser o ponto de partida do desvelar de um passado ou o complemento na retomada histórica desse passado.

Para Kossoy (2002, p. 59) a fotografia é um documento, sendo este “[...] uma representação a partir do real, onde se tem registrado um aspecto selecionado daquele real, organizado cultural, técnica e esteticamente, portanto ideologicamente”. Desta maneira, pretendeu-se representar algum fato considerado relevante por alguém.

A fotografia é entendida como uma expressão da verdade, sendo vista como um documento de credibilidade, pois esta sempre foi um instrumento de circulação de ideias, também utilizada pelos meios de informação (KOSSOY, 2002). Para o

autor, por meio da fotografia deve-se buscar desvendar um passado e entender a representação do registro de tal fato, sua importância, seu significado e sua motivação.

Nesta perspectiva, pretende-se analisar a iconografia do cotidiano e de elementos escolares do Colégio Regina Mundi. As fotografias aqui analisadas foram conseguidas com as ex-alunas e uma irmã do colégio, em seus acervos pessoais, outras foram encontradas no arquivo do Colégio.

É importante esclarecer que algumas fotografias utilizadas como documento nesta dissertação não possuíam uma data registrada. Neste sentido, são importantes as palavras de Leite (2001, p. 164), que vieram de encontro com esta problemática,

A fotografia anônima é única e jamais semelhante. É encontrada sem legenda e sem dedicatória e tem de se exprimir sem palavras complementares. Como não pode ser identificada, obriga os historiadores a aprender a olhar, a sentir e a captar com modéstia diante do acaso, que leva o invisível ao domínio do visível [...] a fotografia anônima pode conter esteriótipos que constituem o verdadeiro território da história em matéria de documento, através de atitudes consideradas justas ou verdadeiras, de elementos furtivos ou de unidades isoladas, referentes à história do cotidiano.

Entende-se assim, que estas fontes iconográficas, podem ser utilizadas, embora não sejam datadas, e nem caracterizadas de maneira específica. Neste sentido, o olhar de quem as analisa deve ser cuidadoso e sistemático, buscando apreender os detalhes invisíveis a fim de torná-los visíveis. O intento é recuperar a materialidade das instalações físicas e do cotidiano da escola.

Inicialmente pretendi reconstruir alguns aspectos externos do colégio, pois foi para o que me atentei ao começar analisar as fotografias desta área externa da instituição educativa.

Acerca da localização do Colégio Regina Mundi, ele foi instalado próximo a uma área de preservação ambiental, atual Parque do Ingá. De acordo com a Irmã M. B. a construção inicial do Colégio abrangia um pequeno espaço do terreno amplo, o qual continha a maior parte de vegetação. O prédio da instituição além de conter as salas de aula, secretaria, sala dos professores e pátio interno, ainda contava com a

clausura das religiosas no mesmo prédio. Os demais espaços eram utilizados também para o plantio de hortaliças e verduras, constituindo uma horta com um espaço considerável.

A fachada do colégio, mostrando sua entrada principal, foi projetada para o lado Oeste do terreno, voltada para a Rua Estácio de Sá e para a Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória, que tinha iniciado sua construção no ano de 1962.

A entrada principal da instituição está voltada para um importante ícone religioso do município e, como uma instituição religiosa, é possível interpretar a escolha desta posição geográfica como um sinal representativo da fé católica emanada da igreja e que guiava a instituição.



Figura 6: Fachada do Colégio Regina Mundi no início da fundação¹⁴
Fonte: Acervo do Colégio Regina Mundi.

Pela fotografia pode-se observar que a construção é retilínea, e embora não se possa observar com precisão as cores utilizadas na pintura do prédio, por se tratar de uma imagem em preto e branco, percebe-se que são cores claras.

Adentrando o espaço escolar por esta entrada principal, havia uma recepção e logo após um corredor, o mesmo que ainda existe atualmente com suas modificações. De acordo com os depoimentos, nos corredores haviam frases religiosas e símbolos religiosos, como crucifixos e imagens. Na foto a seguir podem-se observar dois destes elementos: o crucifixo e uma frase ao lado do mesmo.

¹⁴ Embora a foto da fachada do Colégio Regina Mundi não esteja datada, em entrevista com as irmãs, ex-alunas e ex-professoras, foi afirmado que esta fachada corresponde aos anos iniciais da fundação, sendo da década de 1960/1970, aproximadamente.



Figura 7: Foto de família no corredor do Colégio no ano de 1971
Fonte: Acervo pessoal da ex-aluna M.G.

Embora a imagem do crucifixo e a frase ao seu lado tenham ficado fora de todo enquadramento da foto lê-se os dizeres “esteja convosco”, é possível perceber que há metade das palavras “A Paz”, ou seja, a frase é “A Paz esteja convosco”. A frase suscita um ambiente acolhedor de paz a aqueles que ali adentram. Na foto há a presença da família, sendo que esta fotografia faz parte das fotos da Formatura do Ginásio do ano de 1971.

O que se pretende ressaltar é que estes símbolos encontram-se no corredor do colégio, pois se observa que há uma porta de acesso a uma sala logo atrás das pessoas fotografadas.

Cavalcanti (2008, p. 253) afirma que os corredores são,

[...] galerias que abrigam uma verdadeira iconografia. As imagens, os símbolos, os ídolos, a palavra sagrada professada pela escola, tudo isto está exposta nesta grande galeria que são os corredores. Como imagens postas nas paredes voltadas para o olhar devoto dos que por ali transitam as mensagens em forma de cartazes, murais, faixas, painéis, quadros, grafites, estão dispostas por todos os corredores, lembrando aos devotos alunos e alunas o sentido daquele espaço para as suas vidas. Existe um ditado popular que diz que “as paredes têm ouvidos”, ao que indica no caso das escolas as paredes parecem ter “boca”, elas falam mais do que ouvem. As mensagens que elas emitem são de uma riqueza incomum e tem um receptor preciso, o aluno e a aluna.

Neste sentido, há uma intencionalidade em deixar expostas as frases, as imagens, pois estas revelam a religiosidade deste local educativo, que visa não somente transmitir o saber erudito, mas formar dentro de princípios e valores cristãos as alunas que ali o frequentam.

Nesta outra imagem, observa-se também uma foto no corredor,



Figura 8: Foto de alunas no corredor do colégio¹⁵
Fonte: Acervo pessoal da Irmã M. B.

¹⁵ Embora não se possa precisar com exatidão a data da fotografia, a Irmã M. F. que chegou na instituição no ano de 1971, identificou as meninas como sendo alunas da primeira série ginásial no ano de 1969.

Nesta imagem, além do crucifixo no final do corredor, outros símbolos podem ser identificados que suscitam a religiosidade do ambiente educacional: o hábito da religiosa, a medalha em seu peito, o brasão do uniforme do colégio com os dizeres “Duc in Altum”, que significa “Sempre para o Alto”, dão dimensão da espiritualidade envolvida no ambiente. Outro aspecto a ressaltar é, mais de que o fato de alunas serem fotografadas com a religiosa, o contato corporal existente entre elas. Este contato revela uma intimidade, demonstra uma proximidade entre as mesmas. Pelos semblantes verifica-se o clima de harmonia e felicidade que fazia parte daquele local.

Para possibilitar uma maior visibilidade do brasão da escola, a fim de que o leitor consiga identificá-lo, apresento, na sequência, a imagem do convite das formandas do ano de 1970, contendo o Brasão que era usado nos uniformes, e que fazia parte de ofícios, documentos, folhas de registros documentais e outros documentos institucionais,



Figura 9: Convite de Formatura das Ginásianas do ano de 1970
Fonte: Acervo pessoal da ex-aluna M.D.

No livro intitulado “Duc In Altum”, publicado em comemoração ao centenário das Damas da Instrução Cristã no Brasil, editado pelo Colégio Nossa Senhora da Graça, de Vitória de Santo Antão, em Pernambuco, encontra-se registrado, na contra capa, um significado difundido na instituição acerca de seu “slogan”: “Duc In Altum vem nos revelar a grandeza de um amor sempre voltado para o alto, de onde vem a força maior para nos indicar todos os pontos cardeais que conduzem a nossa vida para Deus” (contracapa).

Estes dizeres faziam parte do cotidiano escolar e seu significado se traduzia nas ações cotidianas escolares, voltadas para uma formação educacional e cristã de

jovens. As intenções formativas da escola podem ser observadas por meio da vivência escolar e dos rituais que faziam parte deste cotidiano.

A presença do padre na instituição, da religiosa e dos demais símbolos religiosos fazia daquele local um espaço próprio para a formação cristã dos sujeitos que ali circulavam, pois havia no ambiente sempre algo que suscitava esta formação, compondo os elementos de uma formação integral almejada.

Embora a simbologia religiosa permeasse o espaço escolar, pode-se observar, ao lado da imagem do crucifixo, um símbolo secular, a televisão. Um espaço escolar que agrega a tradição milenar cristã com o advento de inovações e novas tecnologias.



Figura 10: Formandas da primeira turma ginásial no ano de 1970¹⁶
Fonte: Acervo pessoal da ex-aluna M.D.

Na primeira formatura a missa foi realizada no saguão do colégio no dia 08 de dezembro de 1970, de acordo com o Convite da Formatura, seguida da entrega de certificados e de um coquetel.

¹⁶ Da esquerda para direita: Professor Moisés Alcazar; Padre Bernard Abel Alphonse Cnude; Márcia Cyra de Araújo Moreira; Nara Villanova Menon; Márcia Regina Rico Barbosa; Madre Mônica; Irmã Natividade; Susan Nimnum Sayão; Maria Cristina de Paolis; Não identificada; Marta Dallatorre; Professora Thereza Secron; Professora Marlene Esper.

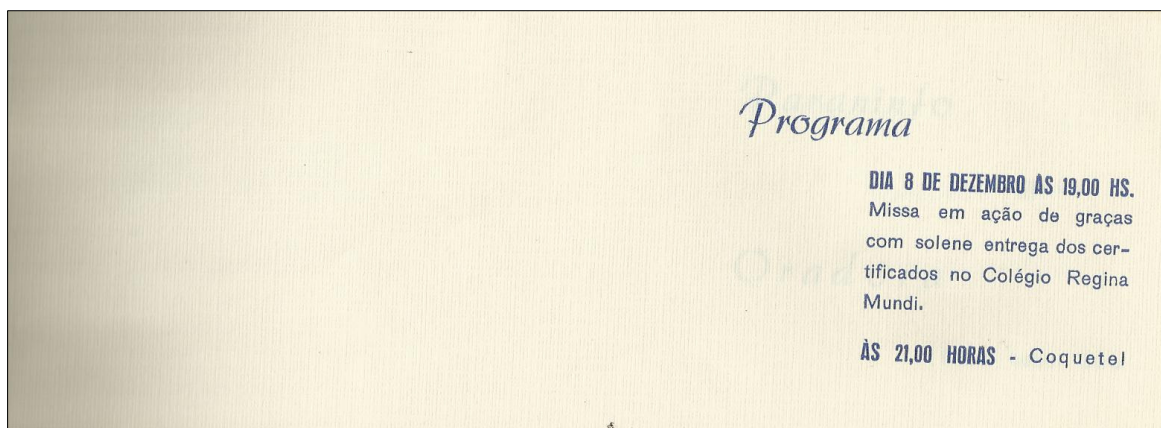


Figura 11: Programação da Formatura de 1970
Fonte: Acervo Pessoal da ex-aluna M.D.

As missas no Colégio, de acordo com todas as entrevistadas, eram frequentes no cotidiano escolar. No entanto, em uma missa de formatura há a presença de um público maior, pois ela está voltada para a comunidade externa, diferente das missas que aconteciam no dia a dia. Há vários aspectos a serem analisados na imagem que segue,



Figura 12: Missa de formatura das formandas do ano de 1970
Fonte: Acervo pessoal da ex-aluna M.D.

Observa-se que há uma quantidade expressiva de pessoas participando da missa. No entanto, o olhar de quem intencionou preservar o momento focou um pequeno grupo de pessoas, as formandas e os celebrantes. No altar nota-se a presença das formandas ao lado da mesa que contém símbolos utilizados nos rituais católicos: a vela, o cálice do vinho e a âmbula da hóstia, e ao lado o Padre e o Ministro que celebram a missa. Relevante ressaltar que há atrás das formandas cadeiras, provavelmente porque elas deveriam permanecer durante a missa neste lugar de destaque, visto que eram as homenageadas daquele dia festivo.

É possível observar, também, a presença das bandeiras do Brasil, do Colégio Regina Mundi e uma pequena parte da Bandeira do Estado do Paraná. A presença das bandeiras demonstra o espírito cívico da instituição, a reverência aos símbolos cívicos e do Colégio Regina Mundi que tem sua bandeira própria.

Por meio da descrição e análise da iconografia a que se teve acesso, pretendeu-se dar materialidade ao passado, vivenciado pelos entrevistados nesta pesquisa, ou pelo menos parte dele, uma vez que se pode desvendar nas fotografias somente os registros que se quiseram preservar por um determinado grupo social.

5 CONCLUSÃO

Esta pesquisa pretendeu contribuir com a preservação da história e memória das instituições escolares do município de Maringá, por meio da escrita da história do Colégio Regina Mundi, instituição educativa fundada pela Ordem das Religiosas Damas da Instrução Cristã, proveniente da Bélgica.

O Ginásio Regina Mundi, nome dado à instituição no início da fundação, foi fundado em Maringá no ano de 1967 atendendo meninas que ingressavam na primeira série ginásial. Partiu-se do pressuposto que o Ginásio Regina Mundi possui uma singularidade na sua prática de educar e instruir sujeitos por meio de preceitos cristãos, pautado na formação integral e humanística, característica intrínseca a esta Congregação.

Várias instituições confessionais católicas se instalaram em Maringá, no início de sua fundação, pela necessidade de atender a uma população que aqui se constituía e necessitava de uma formação escolar. Entende-se que a Igreja Católica teve grande influência na estruturação do sistema de educação maringaense, uma vez que incentivou a vinda de diferentes congregações religiosas que aqui se fixaram e fundaram instituições educacionais.

Buscou-se construir uma narrativa sobre a memória e história do Colégio Regina Mundi por meio do diálogo com os autores que discutem a preservação da memória das instituições escolares, cultura escolar, práticas cotidianas e a preservação e utilização dos arquivos escolares.

Evidenciar o contexto, na década de 1960, em que a liberdade de ensino efetivava-se no texto da lei como resultado das discussões travadas neste âmbito pelos defensores do ensino laico e do ensino privado, o último representado pelos interesses da Igreja Católica, foi elemento fundamental para observar que no Estado do Paraná, neste momento, houve a proliferação de um grande número de escolas confessionais das mais variadas congregações.

A liberdade de ensino e a livre iniciativa na educação proporcionou a expansão do ensino confessional católico no país. Neste sentido, é possível observar que o ensino confessional católico contribuiu sobremaneira com o

desenvolvimento da educação no município de Maringá. A instalação da Congregação das Damas da Instrução Cristã se deu no ano de 1896 na cidade do Recife e sua fundadora, Madre Agathe Verhelle, teve papel primordial no estabelecimento das religiosas no Brasil, uma vez que ela marcou a resistência frente ao Estado laico na Bélgica, não aceitando a sujeição a um Estado considerado “imoral e pagão”.

Sua missão de educação de jovens se expressa nos dizeres “sacrifício e consagração pela juventude”. Esta pedagogia se compromete em instruir e educar crianças e jovens por meio dos preceitos cristãos, sendo a marca da instituição a busca por uma formação humana.

Ao relatar a fundação do Ginásio Regina Mundi na cidade de Maringá, evidencia-se o fato da importância do Bispo Dom Jaime Luiz Coelho para a implantação das escolas confessionais católicas no município, uma vez que ele impulsionou a vinda das congregações, entendendo que precisava livrar Maringá da “imoralidade e da corrupção” (nas palavras dos Bispos) trazendo, para esta cidade em expansão, diversas congregações para atuar no campo educacional, dentre elas, as Damas da Instrução Cristã.

O primeiro Colégio fundado na região pela Congregação foi o Colégio São Francisco de Assis na cidade de Mandaguáçu, no ano de 1960. Na sequência a Congregação instalou-se na cidade de Maringá no ano de 1966 e fundou o Ginásio Regina Mundi no ano de 1967.

Para adentrar no cotidiano escolar, sentiu-se a necessidade da utilização de entrevistas, tendo em vista a quase inexistência de documentos preservados. A construção de fontes orais possibilitou identificar uma identidade formativa institucional e suas estratégias para operacionalizá-las.

Os documentos analisados revelam que o Ginásio foi fundado com o intuito de transmitir, além da educação formal pautada nos currículos oficiais, uma educação integral, baseada na educação moral e espiritual dos educandos. Pelo olhar e pela narrativa das ex-alunas e ex-professoras evidenciou-se a busca por uma formação humana voltada para os aspectos da moral cristã. A menção às orações realizadas no início das aulas e das idas à capela mostra uma rotina escolar que intencionava formar sujeitos com valores cristãos.

O uso do uniforme, o Hino Nacional, o Hino do Colégio e os símbolos religiosos são práticas cotidianas que evidenciam um tipo de formação que se intencionava dar aos sujeitos. Desenvolver os sentimentos cívicos de respeito à Pátria e aos seus símbolos, assim como desenvolver nos sujeitos um sentimento de pertencimento àquela comunidade escolar são algumas das intenções identificadas.

O modelo de formação que a instituição almejava, pautados nos princípios de formação humana e integral, estava ligado aos princípios de formação cristã. Nesta perspectiva, a instituição utilizava de estratégias para implementar este ideal por meio de histórias, festas cristãs, missas e por meio dos demais símbolos religiosos presentes em seu espaço escolar.

As professoras, enquanto docentes da instituição, deveriam, de acordo com os Estatutos, acatar e cumprir as determinações da Direção, ou seja, deveriam estar de acordo com os princípios de formação integral e humana difundidos pelo Colégio, e assim disseminá-los no cotidiano escolar como, por exemplo, realizar a oração no início de cada aula, evidenciando os princípios de uma formação cristã que permeava sua rotina.

Contudo, é relevante destacar que, nem sempre, os sujeitos aceitam sem nenhum tipo de transgressão ou resistência o que lhes é imposto. Neste particular reside a beleza que se evidencia nos depoimentos das ex-alunas, uma vez que deixam ver a dinâmica engendrada no cotidiano, que adapta uma cultura disseminada ao modo particular de cada sujeito.

Os depoimentos orais deram sentido e corpo ao passado, de maneira que foram primordiais para evidenciar como a instituição buscava disseminar sua identidade por meio das estratégias utilizadas no cotidiano. A identidade do Colégio Regina Mundi pode ser percebida por meio das vozes dos sujeitos que fizeram parte da fundação desta instituição e trazem em suas memórias fatos cotidianos que auxiliaram na construção desta narrativa.

Discorrer sobre o cotidiano de uma instituição é ousar mergulhar em um passado desconhecido, descortinando aquilo que está oculto e silenciado. Adentrar neste espaço requer determinação, e mais que isso, o desejo de narrar uma história esquecida, dando voz aos sujeitos que vivenciaram aquela época.

Ao encerrar esta narrativa, não pelo esgotar da pesquisa, mas pelo esgotar do tempo para sua escrita, espero ter contribuído para a preservação da memória das Instituições Escolares do município de Maringá, em especial para a preservação da memória do Colégio Regina Mundi, deixando em aberto outras possibilidades de investigação.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- ALVES, Manoel. A histórica contribuição do ensino privado no Brasil. **Educação**, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 71-78, jan./abr. 2009.
- ANDREAZZA, M. L.; TRINDADE, E. M. C. **Cultura e educação no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001.
- AQUINO, Felipe. **Penitência**. São Paulo: Canção Nova, 2007.
- BAER, Werner. **A economia brasileira**. Tradução de Edite Sciulli. São Paulo: Nobel, 1996.
- BORGES, Adriana C.; NORDER, Luiz A. C. **Tortura e violência por motivos políticos no regime militar no Brasil**. Londrina: UEL, 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/resumos-anais/AdrianaCBorges.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2011.
- BRASIL. **Constituição Política do Império do Brasil**. 25 de março de 1824. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm>. Acesso em: 25 nov. 2011.
- _____. **Lei de 15 de outubro de 1827**. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/Internet/InfDoc/conteudo/colecoes/Legislacao/Legimp-J_19.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2011.
- _____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 4.024/1961)**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4024.htm>. Acesso em: 20 nov. 2010.
- BUFFA, Ester. **Ideologias em conflito: escola pública e escola privada**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- CAMPOS, Paulo Fernando de Souza. **Os enfermos da razão: cidade planejada, exclusão e doença mental (1960-1980)**. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2004.
- CASIMIRO, Ana Palmira B. **Mentalidade e estética na Bahia Colonial: a Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis e o Frontispício da sua Igreja**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1996.
- CAVALCANTI, Alberes S. O sagrado e o profano no espaço escolar. In: BARROS, João D. V. (Org.). **Imaginário e educação: pesquisas e reflexões**. São Paulo: EDUFMA, 2008. p. 241-262.
- CERTEAU, M. de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.
- _____. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994.

CERTEAU, M. de. **A Cultura no Plural**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da USP, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.

_____. **A história ou a leitura do tempo**. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, Rio Claro, n. 2, p. 177-229, 1990.

CHIZZOTTI, A. O cotidiano e as pesquisas em educação. In: FAZENDA, I. (Org.). **Novos enfoques da Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez, 1999. p. 73-87.

COLÉGIO REGINA MUNDI. **Ata de fundação do Ginásio Regina Mundi**. 27 de setembro de 1966. Arquivo do Colégio Regina Mundi.

_____. **Ata de inauguração do Ginásio Regina Mundi**. 21 de janeiro de 1967. Arquivo do Colégio Regina Mundi.

_____. **Ata da primeira reunião do corpo docente**. 27 de fevereiro de 1967. Arquivo do Colégio Regina Mundi.

_____. **Ata da aula inaugural do Ginásio Regina Mundi**. 1 de março de 1967. Arquivo do Colégio Regina Mundi.

COSTA, R. A. **Disciplina na escola**: adolescência e constituição da subjetividade. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2002.

CROMPTON, Samuel W. **100 líderes que mudaram a história do mundo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

CUNHA, Luiz A. **Educação e Desenvolvimento Social no Brasil**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

CUNHA, Luiz A.; GÓES, Moacyr. **O golpe na educação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

DIOCESE DE MARINGÁ: 40 anos de história. Maringá: Clichetec, 1997.

DIRETÓRIO PARA O MINISTÉRIO PASTORAL DOS BISPOS. Tradução Conferência Nacional dos Bispos no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

DOIG, Germán. **Dicionário Rio, Medelin, Puebla**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

DUC IN ALTUM. **Colégio Nossa Senhora da Graça**. Vitória do Santo Antão, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FREITAS, Sônia M. **História Oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GROSSI, Miriam. Conventos e celibato feminino entre camponesas do Sul do Brasil. **Horizontes Antropológicos**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 1-21, 1995.

GULLA, Maria M. S. **História e Memória da Fundação do Colégio Santa Cruz em Maringá (1952)**. 2009. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

HOFF, Sandino. **Os conteúdos das diretrizes educacionais no Estado do Paraná (1960-1985)**. Maringá, UEM: 199?.

INÁCIO FILHO, Geraldo. Escolas para mulheres no triângulo mineiro (1880-1960). In: ARAÚJO, José Carlos; GATTI JÚNIOR, Décio (Org.). **Novos temas em história da educação brasileira**: instituições escolares e educação na imprensa. Campinas, SP: Autores associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002. p. 39-64.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas: Editora Autores Associados, v. 1, n. 1, ano 1, p. 1-35, 2001.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliè Editorial, 2002.

KULESZA, Wojciech A. Igreja e Educação na Primeira República. In: SCOCUGLIA, Afonso C.; MACHADO, Charlinton J. S. (Org.). **Pesquisa e Historiografia da Educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. p. 87-114.

KULLOK, Maisa G. B. **Formação de professores para o próximo milênio**: novo lócus? São Paulo: Annablume, 2000.

LACHANCHE, L. **O problema da co-educação**: as escolas mistas, sistema de ensino que a Igreja sempre recusou. 2011. Disponível em: <<http://lucianalachance.wordpress.com/2011/08/17/o-problema-da-co-educacao-as-escolas-mistas-sistema-de-ensino-que-a-igreja-sempre-recusou/>>. Acesso em: 25 nov. de 2011.

LANTSCHOOT, Paula Van. **Madre Agathe Verhelle**: uma semente que germinou. Recife: Ofin Artes, s.d.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

LEITE, Miriam M. **Retratos de família**: leitura da fotografia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

LIMA, Aldivina A. **Ginásio Maringá (1952-1963)**: História da implantação de uma instituição escolar. 2011. 336 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da educação**. Rio de Janeiro: DP&A. 2001.

LUZ, F. **O fenômeno urbano numa zona pioneira**: Maringá. Maringá: A Prefeitura, 1997.

MANOEL, Ivan. **A Igreja e a educação feminina (1859-1919):** uma face do conservadorismo. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

MESQUITA, Madre Tarcísia P. **As Damas Cristãs no Brasil:** 1896-1996. Recife: Damas Cristãs, 1996.

MOGARRO, M. J. Arquivos e educação: a construção da memória educativa. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas: Autores Associados, v. 1, n. 10, p. 75-99, jul./dez. 2001.

MORALES, Lúcia A. **Vai e vem, vira e volta:** as rotas dos soldados de borracha. Fortaleza: Annablume; Secult, 2002.

MOURA, Laércio Dias de. **A educação católica no Brasil.** 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MUNHOZ, Juliana N. **Escola Pastoral e Educação.** Disponível em: <http://vivianecand.dominiotemporario.com/doc/MUNHOZ,_Juliana_Neri_-_Escola,_Pastoral_e_Educacao_2.pdf>. Acesso em: 2 set. de 2011.

NUNES, Clarice. Memória e história da educação: entre práticas e representações. In: BARBOSA, Raquel L. Leite (Org.). **Formação de educadores:** desafios e perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 131-146.

NUNES, José R. Freiras no Brasil. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2006. p. 402-509.

NUNES, Ramsés. Uma Dama da Instrução Cristã ressignificando confessionalidades: memórias e vivências de Madre Odila Araújo de Campina Grande nos anos de 1930. In: SEMINÁRIO NACIONAL GÊNERO E PRÁTICA CULTURAL, 2., 2009, Pernambuco. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPB), 2009. Disponível em: <<http://itaporanga.net/genero/gt1/27.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2011.

OBERDIEK, H. I. **Fugindo da morte:** imigração de judeus alemães para Rolândia/Pr, na década de 1930. Londrina: Eduel, 2007.

PERES, Eliane. Discursos pedagógicos e práticas escolares: a trajetória de uma pesquisa histórica sobre a escola pública primária gaúcha. In: MIGUEL, Maria E. Blanck; CORREA, Rosa L. T. (Org.). **A educação escolar em perspectiva histórica.** Campinas: Autores Associados, 2005. p. 103-142.

PESAVENTO, S. J. **História & História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PINHEIRO, Marcos J. **Museus, memórias e esquecimento:** um projeto da modernidade. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2004.

PRADO, Carlos B. **A participação da Igreja Católica:** implantação e consolidação do Regime Militar. Campo Grande, 2005. Disponível em: <http://www.ampulhetta.org/textos/Artigo_Igreja.pdf>. Acesso em: 21 de abr. 2011.

PRATTA, Marco A. **Mestres, Santos e Pecadores**: educação, religião e ideologia na Primeira República brasileira. São Carlos: Rima, 2002.

RIBEIRO, Edméia. A moralidade e sexualidade feminina em Maringá: um estudo nos jornais e nos processos de crime de sedução (1950-1980). In: DIAS, Reginaldo D.; GONÇALVES, José H. R. **Maringá e o Norte do Paraná**: estudos de história regional. Maringá: EDUEM, 1999. p. 333-350.

SERBIN, Kenneth. **Padres, celibato e conflito social**: uma história da Igreja Católica no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SIMENON, Cônego. **Congregação das Damas da Instrução Cristã**. Recife: Bagaço 2003.

SOARES, Mozart Pereira. **O positivismo no Brasil**: 200 anos de Augusto Comte. Porto Alegre: AGE: Editora da Universidade, 1998.

SUPLEMENTO ESPECIAL. Movido pela fé e pela coragem Dom Jaime transformou em obras o seu grande amor por Maringá. Maringá: Clichetec, 2004.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

WERLE, Flávia. História das instituições escolares: de que se fala? In: LOMBARDI, J. C.; NASCIMENTO, M. I. M. (Org.). **Fontes, história e historiografia da educação** Campinas: Autores Associados; HISTEDBR; 2004. p. 13-35.

WHITROW, G.J. **O que é tempo?**: uma visão clássica sobre a natureza do tempo. Tradução: Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A ALUNAS MATRICULADAS NO ANO DA FUNDAÇÃO NO GINÁSIO
REGINA MUNDI NA PRIMEIRA SÉRIE GINASIAL (1967)¹⁷

- Ana Maria Silveira Machado
- Carmen Lúcia Rosa de Souza
- Clotilde Fregadolli
- Elizabeth Wilhelm de Castro
- Juçá Valéria Boeira
- Leila Fernandes Fontes
- Márcia Cyra de Araújo Moreira
- Maria da Conceição Santana
- Maria Izabel Serta
- Marta Dalla Torre
- Mituya Nakatani
- Regina Beatriz Leoni Gaisler
- Rosemary Souza Andrade

¹⁷ As informações sobre as matrículas das alunas do ano de 1967 foram retiradas da Relação Nominal das alunas do ano de 1967.

APÊNDICE B PROFESSORES, FORMAÇÃO E DISCIPLINAS MINISTRADAS NO
ANO DE 1967 ¹⁸

PROFESSOR	FORMAÇÃO	DISCIPLINA(S) MINISTRADA(S)
Ana Carolina Monteiro Porto	Grau Médio: Normal Colegial	Desenho Ciências
Maria Elisa Jarreta	Grau Médio: Científico e Normal Colegial	Geografia
Maria do Rosário Cysneiros de Araújo	Curso Ginásial: Formação de Professores Primários	História Matemática
Maria Lucia Tilio	Professora Normalista; Curso Superior: Educação Física	Educação Física
Lucilla Maria Berardo Loyo	Curso Ginásial: Formação de Professores Primários; Curso Superior: Curso de Orientação Educacional	Português Francês Educação Artística

¹⁸ As informações contendo nome, a formação dos(as) professores(as) e a as disciplinas ministradas do ano de 1967 foram retiradas da Relação Nominal das alunas do ano de 1967.

APÊNDICE C RELAÇÃO DE ALUNAS MATRICULADAS NA PRIMEIRA SÉRIE
GINASIAL (1968)¹⁹

- Ana Flora Pimentel de R. Martins
- Aurora do Rocio Lima Coutinho
- Beatriz Egoroff
- Denize Catarina Mizael de Andrade
- Dora Cunha Celidonio
- Elizabeth Akemi Ueta
- Glória Regina
- Higilena Puzzio Guimarães
- Jacirema Márcia Boeira
- Jane Biscaia
- Jandira dos Reis
- Leila Marques de Abreu
- Lucília Moema de Held
- Madalena Chaves de Freitas
- Magda Sueli Tribulato
- Maria Angélica de Moura
- Maria Emília Perisoto de Mendonça
- Maria Estela da Silva
- Maria Manoelita Jorge Patto
- Mariza Guarrata
- Meyre Elizabeth Erler Marttos
- Rosana Mara Christophoro
- Rosany Tranin de Mello
- Sebastiana Ramos da Silva
- Suely Alves de Moura
- Viviane Andreatta

¹⁹ As informações sobre a relação de alunas matriculadas na primeira série ginasial do ano de 1968 foram retiradas da Relação Nominal das alunas do ano.

APÊNDICE D RELAÇÃO DE ALUNAS MATRICULADAS NA SEGUNDA SÉRIE
GINASIAL (1968) ²⁰

- Amélia Cristina Mori Ferreira
- Ana Maria Silveira Machado
- Clarice Maria Costa Luz
- Clotilde Fregadolli
- Dulce Alves de Oliveira
- Eliana Maria de Vasconcelos Vieira
- Elizabeth de Moraes
- Jacira dos Reis
- Juçá Valeria Boeira
- Leila Fernandes Fontes
- Leila Leiko Nakamura
- Lindalva Cardoso de Andrade
- Maria Cristina de Paolis
- Maria da Conceição Santana
- Maria Izabel Monteiro
- Maria Izabel Serta
- Maria Cyra de Araújo Moreira
- Marta Dalla Torre
- Mara Villanova Menon
- Rosemary Souza Andrade
- Susan Nimnum Sayão
- Terezinha de Fátima Vicentino
- Vera Maria Covézi

²⁰ As informações sobre a relação de alunas matriculadas na segunda série ginasial do ano de 1968 foram retiradas da Relação Nominal das alunas.

APÊNDICE E PROFESSORES, FORMAÇÃO E DISCIPLINAS MINISTRADAS NO
ANO DE 1968 ²¹

PROFESSOR	FORMAÇÃO	DISCIPLINA(S) MINISTRADA(S)
Aniceto Matti	Grau Médio: Conservatório Musical	Educação Musical
Célia Rosa de Souza	Escola Normal Colegial/2º ano de Geografia da Faculdade de Ciências e Letras de Maringá	Desenho
Circe Conceição Egoroff	1º Ciclo Ginásial e 2º Ciclo Ginásial	Educação Física
Daysi Gurgel de Amaral	Curso Superior: Letras Néo-Latinas	Português
Cirema do Carmo Corrêa	Curso Normal	Ciências Matemática
Irma Piffer Tomasi	Curso em Grau Médio	Geografia
Lucilla Maria Berardo Loyo	Curso Ginásial: Formação de Professores Primários; Curso Superior: Curso de Orientação Educacional	Português Francês Educação Moral e Cívica
Maria do Rosário Cysneiros de Araújo	Curso Ginásial: Formação de Professores Primários; Curso Superior: Ciências Sociais	História Educação Moral e Cívica
PROFESSOR	FORMAÇÃO	DISCIPLINA(S) MINISTRADA(S)
Totuqui Lituko	Curso Normal	Matemática

²¹ As informações contendo nome, a formação dos (as) professores (as) e a as disciplinas ministradas do ano de 1968 foram retiradas da Relação Nominal dos professores.

APÊNDICE F RELAÇÃO DE ALUNAS MATRICULADAS NA PRIMEIRA SÉRIE
GINASIAL (1969) ²²

- Ana Alice Jarreta
- Ana Maria Macedo
- Aparecida Casseti Benicentro
- Dirce Aparecida Gomes
- Elizabeth Akemi Ueta
- Elizanete Wilhelm de Castro
- Glaucia Pasquinelli
- Lucema Rodrigues Pimentel
- Kathe Horta Brandel
- Leila Marques de Abreu
- Lisia Maria Vieira da Silva
- Lindinalva Purificação Silva
- Lucília Noema de Heldi
- Marcela de Cerina de Araújo Moreira
- Marcia Regina Mizael de Andrade
- Maria Edith Villela Pedras
- Maria de Sá Costa Moreira
- Maria Saleth Singh
- Mariângela Costa Luz
- Meyre Elizabeth Erler Marttos
- Mírian Coelho Moraes Corrêa
- Nauderí Corso
- Rosana Mara Christophoro
- Sebastiana Ramos da Silva
- Silvana Terezinha Grendene
- Shirley Palma Seixas Marin
- Solange Falcão Brandão Côrtes
- Vitória Maria Bernardelli

²² As informações sobre a relação de alunas matriculadas na primeira série ginasial do ano de 1969 foram retiradas da Relação Nominal das alunas.

APÊNDICE G RELAÇÃO DE ALUNAS MATRICULADAS NA SEGUNDA SÉRIE
GINASIAL (1969) ²³

- Aurora do Rocio Coutinho
- Beatriz Egoroff
- Creonice Moia de Oliveira
- Denize Catarina Mizael de Andrade
- Dora Celidônio
- Higilena Guimarães
- Ivone Alves Moraes
- Jandira dos Reis
- Jane Biscaia
- Lígia Maria Carneiro dos Santos
- Madalena Chaves de Freitas
- Magda Sueli Tribulato
- Maria Antonieta Guimarães
- Maria Estela da Silva
- Maria Manoelita Jorge Patto
- Mariza Guarrata
- Rosany Tranin de Mello
- Elizabeth Guimarães da Costa

²³ As informações sobre a relação de alunas matriculadas na segunda série ginásial do ano de 1969 foram retiradas da Relação Nominal das alunas.

APÊNDICE H RELAÇÃO DE ALUNAS MATRICULADAS NA TERCEIRA SÉRIE
GINASIAL (1969) ²⁴

- Ana Maria Silveira Machado
- Clarice Costa Luz
- Clotilde Fregadolli
- Eli da Luz Pijaka
- Eliana Maria Vasconcelos Vieira
- Elizabeth Wilhelm de Castro
- Jacira dos Reis
- Juçá Valéria Boeira
- Leila Fernandes Fontes
- Leila Leiko Nakamura
- Maria Cristina de Paelis
- Maria Izabel Serta
- Marcia Regina Rice Barbosa
- Marcia Cira de Araújo Moreira
- Marta Dalla Torre
- Nara Villanova Menon
- Roseli Pauli
- Rosemary Souza Andrade
- Selma Lucy Franco
- Susan Nimnum Sayão
- Teresa Cristina Carneiro Santos
- Terezinha de Fátima Vicentino

²⁴ As informações sobre a relação de alunas matriculadas na terceira série ginasial do ano de 1969 foram retiradas da Relação Nominal das alunas.

APÊNDICE I PROFESSORES, FORMAÇÃO E DISCIPLINAS MINISTRADAS NO ANO DE 1969 ²⁵

PROFESSOR	FORMAÇÃO	DISCIPLINA (S) MINISTRADA (S)
Aniceto Matti	Grau Médio: Conservatório Musical	Educação Musical
Circe Conceição Egoroff	1º Ciclo Ginásial e 2º Ciclo Ginásial; Ensino Superior: Educação Física	Educação Física
Cirema do Carmo Corrêa	Curso Normal	Ciências
Iracema Barbosa de Moraes	Grau Médio: Exames de Suficiência e Cursos de Extensão: Curso Intensivo de Orientação Pedagógica; Educacional; Didática; Curso de Secretária; Literatura Portuguesa e Brasileira; Línguas Inglesa e Francesa; Fonética Inglesa; Psicologia; Parapsicologia	Francês Inglês Educação Moral e Cívica
Maria do Rosário Cysneiros de Araújo	Curso Ginásial: Formação de Professores Primários; Curso Superior: Ciências Sociais	Matemática Educação Moral e Cívica
Marieta Eurídece Lima	Não Consta	Desenho
Marlene Vasconcelos Esper	Curso Científico; Curso Superior: Letras (Português)	Português
Thereza de Castro Secron	Curso Superior: História	História O.S.P. B. Geografia

²⁵ As informações contendo nome, a formação dos (as) professores (as) e a as disciplinas ministradas do ano de 1969 foram retiradas da Relação Nominal dos professores.

APÊNDICE J RELAÇÃO DE ALUNAS MATRICULADAS NA PRIMEIRA SÉRIE
GINASIAL (1970) ²⁶

- Alice de Sá Costa Moreira
- Ana Beatriz Camargo Asinelli
- Ana Beatriz Prado Guimarães
- Celise Helena Niero
- Débora Vilanova Kasprowitz
- Elisa Villela Pedras
- Elisaneth Wilhelm de Castro
- Gilseia Prado do Nascimento
- Heloisa Cunha Celidonio
- Isabel Cristina Serta
- Jupira Helena dos Reis
- Kátia Regina de Oliveira
- Lilian Sala Pulzato
- Liliane Villanova Menon
- Lucinda Felicidade Valente
- Maria Angela Simas de Assis
- Maria Elvira Gonçalves Dias
- Maria Cristina Chiara Pismel
- Maria Izabel Baldo Celidonio
- Margarida Gonçalves Dias
- Marta Danuza Araújo Correia
- Monica da Costa Luz
- Nelzita Maria Souza Garcia
- Paula Rehder Ferreira
- Rosely Aparecida Schalkoski
- Rose Meyre Furlan
- Selenia Maria Souza Garcia

²⁶ As informações sobre a relação de alunas matriculadas na primeira série ginasial do ano de 1970 foram retiradas da Relação Nominal das alunas.

- Simone Soraya Sayão
- Sonia Moreira Ferreira Lopes
- Tânia Ueda
- Vanda Teresa Calvo
- Vera Maria de Oliveira
- Vera Moreira Ferreira Lopes

APÊNDICE K RELAÇÃO DE ALUNAS MATRICULADAS NA SEGUNDA SÉRIE
GINASIAL (1970) ²⁷

- Alba Etiene Santos Ganassin
- Ana Alice Jarreta
- Bárbara Villas Boas
- Cidália Ferreira
- Elizabeth Akemi Ueta
- Elizeth Batista de Moura
- Lucema Rodrigues Pimentel
- Kathe Horta Brandel
- Leila Marques de Abreu
- Lucília Noema de Held
- Luiza de Fátima Calvo
- Maria Edith Villela Pedras
- Maria de Sá Costa Moreira
- Maria Saleth Singh
- Mariângela Costa Luz
- Marcela Corina de Araújo Moreira
- Márcia Regina Mizael de Andrade
- Mírian Coelho Moraes Corrêa
- Nauderí Corso
- Rosana Mara Christophoro
- Sebastiana Ramos da Silva
- Shirley Palma Seixas Marin
- Solange Falcão Brandão Côrtes
- Terezinha de Jesus Pereira
- Vânia Borghetti

²⁷ As informações sobre a relação de alunas matriculadas na primeira série ginasial do ano de 1970 foram retiradas da Relação Nominal das alunas.

APÊNDICE L RELAÇÃO DE ALUNAS MATRICULADAS NA TERCEIRA SÉRIE
GINASIAL (1970) ²⁸

- Aurora do Rocio Coutinho
- Beatriz Egoroff
- Cássia Fátima Villas Boas
- Creonice Moia de Oliveira
- Denize Catarina Mizael de Andrade
- Dora Celidônio
- Elizabete Batista de Moura
- Heloisa Fátima de Oliveira
- Higilena Guimarães
- Ivone Alves Moraes
- Jandira dos Reis
- Jane Biscaia
- Magda Sueli Tribulato
- Maria Estela da Silva
- Maria Manoelita Jorge Patto
- Maria Regina Diogo Pereira
- Mariza Guarrata
- Rosany Tranin de Mello

²⁸ As informações sobre a relação de alunas matriculadas na terceira série ginasial do ano de 1970 foram retiradas da Relação Nominal das alunas.

APÊNDICE M RELAÇÃO DE ALUNAS MATRICULADAS NA QUARTA SÉRIE
GINASIAL (1970) ²⁹

- Clarice Costa Luz
- Elizabeth de Moraes
- Elizabeth Wilhelm de Castro
- Jacira dos Reis
- Juçá Valéria Boeira
- Leila Fernandes Fontes
- Maria Cristina de Paelis
- Maria Izabel Serta
- Marcia Cira de Araújo Moreira
- Marta Dalla Torre
- Nara Villanova Menon
- Neide da Silva
- Rosemary Souza Andrade
- Selma Lucy Franco
- Susan Nimnum Sayão
- Terezinha de Fátima Vicentino

²⁹ As informações sobre a relação de alunas matriculadas na terceira série ginásial do ano de 1970 foram retiradas da Relação Nominal das alunas.

**APÊNDICE N PROFESSORES, FORMAÇÃO E DISCIPLINAS MINISTRADAS NO
ANO DE 1969 ³⁰**

PROFESSOR	FORMAÇÃO	DISCIPLINA (S) MINISTRADA (S)
Aniceto Matti	Grau Médio: Conservatório Musical	Educação Musical
Circe Conceição Egoroff	1º Ciclo Ginásial e 2º Ciclo Ginásial; Ensino Superior: Educação Física	Educação Física
Cirema do Carmo Corrêa	Curso Normal	Ciências
Iracema Barbosa de Moraes	Grau Médio: Exames de Suficiência e Cursos de Extensão: Curso Intensivo de Orientação Pedagógica; Educacional; Didática; Curso de Secretária; Literatura Portuguesa e Brasileira; Línguas Inglesa e Francesa; Fonética Inglesa; Psicologia; Parapsicologia	Francês Inglês Educação Moral e Cívica
Maria do Rosário Cysneiros de Araújo	Curso Ginásial: Formação de Professores Primários; Curso Superior: Ciências Sociais	Matemática Educação Moral e Cívica
Marieta Eurídece Lima	Não Consta	Desenho
Marlene Vasconcelos Esper	Curso Científico; Curso Superior: Letras (Português)	Português
Thereza de Castro Secron	Curso Superior: História	História O.S.P. B. Geografia

³⁰ As informações contendo nome, a formação dos (as) professores (as) e a as disciplinas ministradas do ano de 1970 foram retiradas da Relação Nominal dos professores.

APÊNDICE O QUESTÕES PARA ENTREVISTA COM AS EX-ALUNAS

1. Em que ano você entrou na instituição?
2. Durante quanto tempo você estudou no colégio?
3. Você sabe me dizer por que sua família escolheu o colégio, sendo que na época já havia outras escolas confessionais no município de Maringá?
4. Você lembra como era a rotina de sala de aula?
5. Você sabe descrever como era o uniforme do Colégio?
6. Você gostava de usar o uniforme? Por quê? Achava bonito? Achava ou acha importante o uso do uniforme? Vê o uso do uniforme de forma negativa ou positiva?
7. Gostaria que você me falasse um pouco sobre o espaço físico da instituição.
8. E o recreio? Consegue se lembrar de como era?
9. A escola trabalhava no seu dia-a-dia com formação religiosa e cristã? Como isso acontecia? Havia oração coletiva no início da semana?
10. Cantava-se o Hino Nacional?
11. Quais eram as festividades mais comemoradas na escola? Eram festas cívicas? Religiosas? Eram comemoradas as datas religiosas? Como? Há registros?
12. Havia encontros religiosos como os que se tem hoje organizados pela pastoral? Como eram?
13. Como era o relacionamento das alunas com as irmãs?
14. Como era o relacionamento com os professores? Com a direção do colégio?
15. Como era a disciplina? Como eram tratadas as questões de indisciplina?
16. Como eram as avaliações?
17. A escola respondia às suas expectativas enquanto aluna?

APÊNDICE P QUESTÕES PARA ENTREVISTA COM AS EX-PROFESSORAS

1. Em que ano foi professor (a) na instituição?
2. Fale um pouco sobre como era a sua rotina de sala de aula. Era feita oração todos os dias antes de iniciar a aula?
3. Cantava-se o Hino Nacional na escola?
4. Fazia-se oração coletiva no início da semana?
5. Havia missas comemorativas no colégio?
6. Como era o direcionamento da instituição para que você organizasse suas aulas?
7. Você se lembra das festas promovidas pela escola? Quais eram? Eram festas cívicas? E havia comemoração de datas religiosas?
8. Você sabe me falar sobre a filosofia institucional da escola?
9. Como essa filosofia institucional era transmitida no cotidiano escolar?
10. Como foi a forma de ingresso como professor (a) da instituição? Qual a forma de seleção?
11. Qual (is) disciplina (s) ministrava? Qual era a forma de trabalho, a metodologia utilizada, os recursos utilizados para ensinar?
12. Como eram as relações mantidas entre professores e alunos? A forma de relação entre direção-alunos; direção-professor?
13. Qual a importância naquele momento histórico de ser professor (a)?

APÊNDICE Q QUESTÕES PARA ENTREVISTA COM AS IRMÃS

1. Em que ano a senhora iniciou seus trabalhos na instituição?
2. Qual a filosofia institucional?
3. Por que fundar uma escola na cidade de Maringá no ano de 1967, sendo a cidade ainda jovem?
4. Qual o objetivo da escola com relação a formação dos sujeitos naquele momento?
5. Que tipo de sujeitos esta escola pretendia formar?
6. Quais os meios utilizados para alcançar este objetivo?
7. Havia encontros religiosos como os que se tem hoje organizados pela pastoral? Como eram?
8. Qual era a responsabilidade do professor na Instituição?
9. Quais eram as atividades diárias realizadas na instituição?
10. Como era a rotina de oração?
11. Era feito oração todos os dias antes do início das aulas? Onde? Em sala de aula ou no pátio da escola?
12. Fazia-se oração coletiva no início da semana?
13. Cantava-se o Hino Nacional?
14. Quais eram as festividades comemoradas na escola? Eram festas cívicas? Religiosas? Eram comemoradas as datas religiosas? Como? Há registros?
15. Qual era a rotina de sala de aula?
16. Como era a sala de aula? Havia símbolos religiosos inseridos no lugar?
17. Quais eram as exigências para ser professor da instituição? Apenas a formação ou a identificação com a filosofia institucional?

ANEXOS

ANEXO A ESTATUTOS DO GINÁSIO REGINA MUNDI MANTIDO PELAS
RELIGIOSAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ

Estatutos do Ginásio Regina Mundi
mantido pelas Religiosas da Instrução Cristã
em Maringá - Paraná - 1967

Capítulo Iº

Art. 1º - a) O Ginásio Regina Mundi, foi fundado pelo Instituto das Religiosas da Instrução Cristã, aos 27 de setembro do ano mil novecentos e sessenta e sete e inaugurado aos 21 de janeiro do ano mil novecentos e sessenta e sete na cidade de Maringá, Município do mesmo nome. Tem sua sede (na cidade) e domicílio na referida cidade, Rua Estácio de Sá, Zona 2, Quadra 41 - s/n. É uma instituição de caráter civil, beneficente, educativo, cultural e de assistência social.
b) Tem por finalidade a educação cultural, moral, cívica, física e religiosa da infância e da juventude em seus vários graus.

c) Dentro de suas possibilidades, na medida em que as circunstâncias o permitirem o Ginásio Regina Mundi, poderá desenvolver qualquer obra de educação e assistência social que beneficie a juventude necessitada.

Capítulo IIº

Da Administração

Art. 2º a) Será administrado por uma Diretoria composta de três membros: Presidente, Secretária, Tesoureira, com mandato por 3 anos. Fica a juízo da Diretoria nomear os três membros integrantes.

b) A Diretoria será auxiliada no Plano Educativo, por uma Orientadora Educacional ou Diretora Geral, que pode ou não fazer parte da mesma.

c) A Diretoria será eleita pela Assembleia Geral.

d) A duração do Ginásio, será por tempo indeterminado. Só poderá ser extinto pela Assembleia Geral extraordinária, mediante determinação do Conselho Provincial.

Art. 3º - A Presidente compete:-

a) Representar o Ginásio, ativa e passivamente em juízo ou fora dele, nas suas relações com pessoas jurídicas, físicas sejam de direito público ou privado.

b) Assumir dívidas, assinando promissórias e quaisquer títulos de natureza cambial, não sendo necessário convocação de Assembleia para efetuar estas operações de caráter comercial.

c) Dar endossos, avais, sempre observando o item "B" do presente artigo.

d) Convocar assembleias gerais, ordinárias e extraordinárias.

§ Único - As convocações devem ser feitas com 15 dias de antecedência.

e) Superintender os trabalhos do Ginásio.

f) Proporcionar aos professores e educandos, meios de aperfeiçoamento pedagógico e cultural.

g) Em caso de falta, impedimento, falecimento ou transferência de um membro da Diretoria nomear um substituto.

- Art. 4º — A Secretária compete:—
- a) Desempenhar as funções inerentes ao cargo bem como manter sob sua guarda e responsabilidade os papéis e documentos do Ginásio.
 - b) Substituir a Presidente em caso de ausência, transferência ou demissão até a reunião da Assembleia Geral Extraordinária, em caso de falecimento.

- Art. 5º — A Tesoureira compete:—
- a) Manter sob sua guarda e responsabilidade os livros e documentos da contabilidade do Ginásio.
 - b) Fazer a escrituração de acordo com as normas legais da moderna contabilidade.
 - c) Movimentar sempre em conjunto com a Presidente, as contas do Ginásio, seja perante Estabelecimento Bancário ou não.

Capítulo IIIº

Da Assembleia Geral

Art. 6º — Anualmente em dezembro, haverá uma Assembleia Geral, para tomada de contas e conhecimento da gestão de cada membro da Diretoria e membros integrantes ou auxiliares.

- Art. 7º — De 3 em 3 (três em três) anos realizar-se-á uma Assembleia Geral Extraordinária, para eleição da nova Diretoria.
- a) Havendo necessidade, a Presidente poderá solicitar a realização de uma Assembleia Geral Extraordinária. Esta deve ser convocada 15 dias antes.
 - b) Os membros da nova Diretoria serão empossados na segunda quinzena de

Janeiro.

Art. 8º - Nas Assembleias Gerais Extraordinárias, devem estar presentes pelo menos 2 membros da Diretoria, mais um membro dos chamados integrantes ou auxiliares. Este último pode ser substituído por um do Corpo Docente, a critério da Presidente.

Capítulo 4º

Dos Patrimônios

Art. 9º - O Patrimônio do Ginásio é constituído por todos os bens móveis, imóveis, remanescentes, que a entidade vier a possuir a qualquer justo título.

b) Os responsáveis pelo Ginásio não respondem subsidiariamente pelas obrigações sociais.

Capítulo 5º

Dos professores

Art. 10º - O Ginásio admitirá como membros do Corpo Docente, as pessoas capacitadas ao magistério, mediante apresentação de diplomas, certificado de habilitação e outros documentos que lhe aprouver exigir.

§ Único - A nomeação ficará a critério da Presidente.

Art. 11º - Os membros auxiliares submeter-se-ão aos Estatutos em vigor, aos pontos disciplinares, acatarão e cumprirão as ordens emanadas da Diretoria e prestarão os serviços que lhes forem designados.

b) Os regentes de classes ficam obrigados a comemorar as festividades e datas nacionais, estaduais e municipais escolares.

Capítulo 6º

ANEXO B ATA DA PUBLICAÇÃO DOS ESTATUTOS NO DIÁRIO OFICIAL DE CURITIBA

Cita da publicação dos Estatutos no Diário Oficial de Curitiba

Cos quatro de novembro de mil novecentos e sessenta e sete, foram publicadas os Estatutos do Ginásio Regina Mundi, no Diário Oficial de Curitiba.

Assim estavam publicados na página 14 quatorze deste Diário.

Extrato para publicação no "Diário Oficial" dos Estatutos do "Ginásio Regina Mundi" de Maringá.

Art. 1º - O Ginásio Regina Mundi, fundado em 27 de setembro do corrente ano com sede nesta cidade tem por finalidade a educação cultural, moral, cívica, física e religiosa da infância e da juventude em seus vários graus.

Art. 2º - Será administrado por uma Diretoria composta de três membros: Presidente, Secretária e Tesoureira, com mandato por três anos.

Art. 3º - Os estatutos só poderão ser reformados, total ou parcialmente, por uma Assembleia Geral Extraordinária, convocada de acordo com o art. 7º "a".

Art. 4º - O Ginásio "Regina Mundi", cuja duração é por prazo indeterminado, será subordinado ao Conselho Provincial do Instituto das Religiosas da Instrução Cristã.

Art. 6º - Os responsáveis pelo Ginásio não respondem subsidiariamente pelas obrigações sociais.

Datado Maringá, 30 de outubro de 1967

Assinado: José Carlos da Silva - Oficial Interino

Nada mais havendo a tratar, lazei a presente ata que será assinada por quem de direito e por mim.

Presidente: ^{Madre Tarciana Maria, rel. d. e.} Ir. Maria Inês rel.

Secretária: Ir. Maria Inês rel.

Tesoureira: Ir. Maria Bernadete rel.

ANEXO C CERTIFICADO DE CONCLUSÃO DO GINÁSIO DO ANO DE 1971

 **GINÁSIO REGINA MUNDI** 

CERTIFICADO DE CONCLUSÃO DO 1.º CICLO

Conferimos à aluna **Jandira dos Reis**

filha de Antonio José dos Reis e de Leontina Guazelli dos Reis

Natural de Maringá - Paraná nascida em 17 de fevereiro de 1971

Cendo em vista as aprovações obtidas no curso do 1.º ciclo do ensino médio de acôrdo com a Legislação Estadual em vigor,

Maringá, 27 de novembro de 1971

Jr. Maria da Natividade, rel
Diretor do Estabelecimento

Lea José de Lacerda Simentel
SECRETÁRIA

ALUNA

PAIS